Diário de Lisboa

Março 1977
Terça-feira

ANO 56.º
N.º 19 296
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

P.J. EM MADRID ATRÁS DA MOEDA FALSA

C.I.A. e "ultras" desestabilizam Moçambique

Muitos milhares de notas falsas de escudos moçambicanos foram apreendidas pela Polícia Judiciária. A quantidade é tão grande que só ela seria suficiente para desestabilizar a economia da ex-colónia portuguesa.

Como o «DL» já noticiou (com base em informações provenientes do Maputo), as notas (de mil) destinavam-se a Joanesburgo e a partir dali seriam introduzidas em Moçambique. Não está ainda esclarecido se as notas eram fabricadas em Portugal ou em Espanha, e por esse facto funcionários responsáveis pelas brigadas de moeda falsa deslocaram-se a Madrid, onde estabelecem neste momento contactos com as autoridades do país vizinho no sentido de esclarecer os factos e desmantelar a quadrilha de falsários.

Esta falsificação insere-se numa acção conjunta de desestabilização nas antigas colónias portuguesas, sabendo-se que a ela estão ligadas figuras que intervieram no fabrico dos famosos «dólares algarvios». Entre os falsários, encontram-se também indivíduos ligados às redes terroristas, responsáveis pelos actos bombistas e por assaltos, nomeadamente a tentativa de roubo do Banco de Portugal no Porto (objectivo: cinco milhões de contos).

Registe-se que em 1975 foram introduzidos em Portugal cerca de seis milhões de dólares, em notas de 100 (dos E. U. A. e canadianos), tendo alguns passadores sido presos e havendo nas diferentes comarcas do País cerca de dez processos, alguns julgados e outros em julgamento.

A nota mais curiosa dos citados dólares de 1975 refere-se ao facto de as chapas de fabrico serem precisamente as mesmas utilizadas pelos agentes de desestabilização contra o regime de Salvador Allende, no Chile, contribuindo para a queda do sistema democrático, e instauração da ditadura fascista de Pinochet.

Recorde-se que por trás da manobra dos dólares falsos introduzidos no Chile esteve — como foi provado internacionalmente — a conhecida polícia norte-americana, a C. I. A. Ora, se os dólares postos a circular em Portugal no ano de 1975 eram da mesma feitura, facilmente se conclui da responsabilidade da C. I. A. na acção desestabilizadora no nosso país no citado ano. Alguns dos implicados na passagem dos dólares na operação de 1975 estão agora detidos por casos como o das carrinhas e por outros actos terroristas.

O drama dos despejos

Ontem na Rinchoa: na iminência de mais um despejo, populares tentam furar o cordão de segurança montado pela G.N.R. para garantir uma desocupação sem problemas. Homens e mulheres deram as mãos, galvanizados por um objectivo comum — o direito à habitação consignado na Constituição da República Portuguesa

(Pág. 5)

Homem morto quando saía duma "boîte"

Um homem de 27 anos foi esta madrugada morto com um tiro disparado à queima-roupa por um agente da Polícia Judiciária, defronte à «boite» Hipopótamo, na Avenida António Augusto de Aguiar. Há duas versões do caso: a de testemunhas oculares que contactaram o «D. L.», não hesitando em assumir a responsabilidade das suas afirmações, e a versão da Polícia Judiciária. Passamos a divulgar, como nos compete, ambas as versões. Eis a primeira:

A vítima, Anselmo Travanca Rodrigues, era caixeiro-viajante e encontrava-se visivelmente embriagado. Cerca de trinta tes-

Continua na pág. 16

EXCLUSIVO

Para onde vai a esquerda francesa?

O «Diário de Lisboa» de hoje tem 24 páginas, incluindo as 8 do suplemento «Exclusivo». Neste avultam o artigo de Jean-Paul Sartre intitulado «Os militantes socialistas e a construção da Europa», e bem assim as reacções de Altiero Spinelli e René-Victor Pilhes sobre o tema. «Exclusivo» trata ainda de Angola, Jamaica, Yémen Democrático e Suíça.

MÁRIO SOARES EM PARIS

Encontro acidentado com emigrantes

PARIS, 8 — (Por Augusto Vilela, enviado especial do «DL» — Embora se confessasse «feliz e satisfeito», em contraste bastante notado com o semblante carregado com que, ontem abandonara a reunião com Giscard e com o primeiro-ministro Raymond Barre, Mário Soares não obteve dos governantes franceses mais que a garantia de que da França não surgiriam «manobras dilatórias susceptíveis de atrasar o exame da candidatura de Portugal pelos Nove».

Entretanto a visita teve um desfecho lamentável, suscitado pelos incidentes que ocorreram entre o Primeiro-Ministro português e representantes de associações de emigrantes portugueses.

Tudo começou quando os representantes de 28 associações de emigrantes, entre as quais se incluem socialistas e gente de outras formações políticas, tomaram conhecimento de que o anunciado contacto do Primeiro-Ministro com as referidas associações não seria directo, como estava previsto, mas através da Televisão.

Os representantes das associações de emigrantes, exigiram então um encontro pessoal com o Primeiro-Ministro, ocupando as antigas instalações da delegação da Secretaria de Estado da Emigração em Paris, desde as 10 até às 22 horas, quando, finalmente, foi resolvido realizar-se o encontro. Dessas instalações, os representantes dos emigrantes portugueses seguiram para o Hotel Crillon, onde se encontrava hospedado o Primeiro-Ministro. Foram recebidos à porta pela polícia de choque, que os obrigou, pela força, a retirar para o passeio em frente do hotel.

O Primeiro-Ministro receberia então uma delegação de 10 elementos, que lhe foi entregar uma moção aprovada durante o dia, na qual os representantes dessas associações e comissões sindicais portuguesas «repudiam vigorosamente a forma como foram convidados a assistir à inauguração dos novos serviços de programação e apoio à emigração».

Com efeito, afirmam os representantes dos emigrantes, «convidar trabalhadores para uma segunda-feira de manhã é antecipadamente limitar o número de possíveis presenças, por se tratar de um dia normal de trabalho».

Os emigrantes protestam também contra a dificuldade que tiveram para obter um en-

Continua na pag. 16

Construir Portugal na "Europa dos trabalhadores"?

— por Álvaro Bandarra e Nelly Jazra

(Pág. 3)

Governo responde com G.N.R. aos operários do Bombarato

(Pág. 7)

Nacional

Pedro Coelho quando usava da palavra

NORUEGA AJUDA PESCAS

Simpósio de dois dias vem em altura propícia

O simpósio que amanhã e depois decorrerá em Lisboa sobre tecnologia de pescas insere-se no quadro do desenvolvimento das relações entre a Noruega e Portugal, que se têm vindo a incrementar nos últimos dois anos num novo esquema de cooperação. A organização do simpósio pertence ao Fundo de Fomento de Exportação daquele país e conta com a colaboração da Embaixada da Noruega em Lisboa e da Secretaria de Estado das Pescas.

Pedro Coelho, responsável como secretário de Estado pelo último departamento, enumerou ontem alguns dos projectos realizados no âmbito do desenvolvimento da cooperação entre a Noruega e Portugal, salientando a oferta de um navio de pesquisas equipado com modernissimos meios de investigação, que poderá entrar em funcionamento dentro de dois anos nas nossas águas. «Este aspecto» — acentuou Pedro Coelho — «é importante na medida em que uma das consequências lógicas da aprovação da Lei das 200 milhas (zona económica exclusiva) é a necessidade de termos o País apetrechado com meios técnicos e humanos para podermos, de facto, usufruir ao máximo dos recursos vivos que se encontram nessa zona económica».

A Noruega dará ainda o seu parecer, igualmente no espaço da cooperação com Portugal, acerca da rede nacional de frio, nomeadamente os projectos que nesse aspecto estão em curso no Continente, em Matosinhos e Peniche, e os que em breve serão montados em Olhão e na Figueira da Foz. O tratamento do pescado no navio e em terra, e bem assim o equipamento e a tecnologia avançada da pesca à linha a experimentar em Outubro foram também questões abordadas por Pedro Coelho, o qual referiu ainda que no simpósio participarão Associações de Armadores, Estaleiros Navais, empresas de Pesca, Cooperativas e Sindicatos do sector.

Intervenção do Estado em empresas privadas acaba no fim do mês

Um decreto-lei do Ministério das Finanças determina o fim da intervenção do Estado em empresas privadas até ao dia 31 de Março, salvo se naquela data, ainda não tiver decorrido o prazo de 120 dias em que deverá estar concluído o inquérito levantado às empresas, quando for caso disso.

Nos termos do Decreto-Lei n.º 84/77, o inquérito pode ser determinado pelo ministério da tutela quando se verifiquem as situações «que constituem índices justificativos de intervenção do Estado, para além dos motivos de declaração de falência previstos no Código de Processo Civil.» Essas situações são — encerramento total ou parcial da empresa e despedimentos de parte importante do pessoal, que violem a lei; abandono da empresa pelos responsáveis, que afecte ou ponha em risco a gestão; descapitalização ou desinvestimento; exercício anormal da actividade empresarial, resultante de conduta colosa ou gravemente negligente e incumprimento das obrigações da empresa para com o Estado, os trabalhadores, a Previdência social e as autarquias.

MAPLES
E SOFÁS-CAMA
POR MOTIVO DE OBRAS
FABRICANTE LIQUIDA TODA EXISTÊNCIA
Av. Almirante Reis, 110 (Perto do Chile)

BALANÇA COMERCIAL EM 1976

Saldo negativo atingiu 73 milhões de contos

Um saldo negativo de 73,68 milhões de contos, correspondente à diferença entre uma importação de 127,847 milhões de contos e uma exportação de 54,779 milhões de contos, é o resultado da Balança Comercial portuguesa durante 1976 — refere o Instituto Nacional de Estatística.

O comércio efectuado pelo nosso país, no citado ano, com a O. C. D. E., a C. E. E. e a E. F. T. A., registou saldos negativos de 47,6, 25 e 4,75 milhões de contos, respectivamente.

Relativamente ao Comecon (países socialistas) a nossa Balança Comercial registou saldo negativo de 2,4 milhões de contos, sendo de referir, entretanto os saldos positivos registados no comércio com a Hungria (59 mil contos), Bulgária (46 mil) e R. D. A. (38 mil). O comércio com a União Soviética foi o mais elevado, e com saldo negativo de 1,3 milhões de contos, devido, principalmente, às compras de petróleo àquele país.

Foram ainda negativos os saldos com a África (3,9 milhões de contos), América (12,3 milhões), Ásia (18,23 milhões), Médio Oriente (13,1 milhões) e Oceânia (242 mil contos).

Relativamente aos países da C. E. E. há a registar saldos positivos com a Dinamarca (777 mil contos) e Irlanda (22 mil) e negativos com a Alemanha Federal (9 milhões de contos), França (6,4 milhões) e Grã-Bretanha (1,8 milhões).

Com os Estados Unidos o saldo negativo atingiu os 7,9 milhões de contos, com a Espanha 4,9 milhões, Iraque 4,7 milhões,, Japão 3,4 milhões, com a Suiça 2,8 milhões. Outros saldos negativos: Angola (415 mil contos), Moçambique (650 mil), Brasil (770 mil) e Cuba (923 mil contos).

Carlucci entregou para retornados mais 4,2 milhões de dólares

Dois cheques no montante total de 4,2 milhões de dólares (cerca de 139 mil contos, contas por alto, em moeda portuguesa) foi ontem entregue ao alto-comissário para os Desalojados pelo embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, Frank Carlucci. A oferta constitui mais uma ajuda do Governo norte-americano a Portugal e destina-se à cobertura de despesas com a integração social de portugueses ex-residentes nas colónias e actualmente em Portugal. Estas despesas orçam os 4 milhões de contos. O auxílio americano cifra-se em cerca de um milhão, outro milhão será do Governo Português, e os restantes dois da atribuição da Banca.

Falando ontem sobre a entrega dos 139 mil contos a Portugal, o embaixador Carlucci reafirmou uma vez mais a sua simpatia e o seu interesse (a simpatia e o interesse dos Estados Unidos da América) pelo problema dos desalojados com que as autoridades portuguesas actualmente se defrontam. A propósito, elogiou «a coragem e a humanidade com que o Governo português tem sabido encarar o problema da reintegração dos retornados». Mais, prometeu: «continuaremos a colaborar por todos os meios ao nosso alcance, neste importante processo que é o da reintegração dos retornados na nova sociedade portuguesa».

Falou depois o alto-comissário para os Desalojados, tenente-coronel Gonçalves Ribeiro, que agradeceu «a extraordinária ajuda que o povo americano tem dado ao meu país com vista à ajuda dos desalojados» e revelou alguns números elucidativos da fase em que actualmente se encontra o processo de reinserção social daqueles que retiraram das antigas colónias portuguesas em África.

Segundo o tenente-coronel, Gonçalves Ribeiro, em menos de um mês foram já recebidos nos serviços a que superintende 1576 pedidos para investimentos agrícolas e para indústrias alimentares e transformadoras; destes pedidos, 116 foram já atendidos; valor médio de cada um: 745 contos. Eleva-se a 762 o número de postos de trabalhos entretanto criados.

M.D.P. do Porto elegeu Comissão Executiva

PORTO, 8 — Durante o plenário distrital de activistas do M.D.P./C.D.E., que se realizou no último fim-de-semana nesta cidade na sede daquele movimento, procedeu-se à eleição da comissão executiva distrital do Porto. Foram eleitos, por aclamação, os diversos elementos que já pertenciam aquela comissão e, ainda mais três elementos novos. O plenário aprovou também (por aclamação uma saudação ao P.C.P. pelo seu 56.º aniversário).

Foi feito um balanço da actividade do M.D.P./C.D.E. no ano de 1976 e a análise das principais realizações do movimento no distrito do Porto, tendo sido anunciada a realização de um jantar no próximo dia 11 para comemorar a derrota do golpe reaccionário de 11 de Março.

Durante o período destinado à análise da situação política foi salientado existir «um preocupante avanço das forças de direita reaccionária, embora se notem — acentuam — factores positivos» como seja a «unidade dos trabalhadores e das populações em geral, na defesa da legalidade democrática, da constituição e das conquistas da revolução». Assinalada também, a recuperação de empresas pelo patronato sabotador; O constante aumento do custo de vida; A congelação de salários e consequente redução do poder de compra dos trabalhadores etc.

O recudescer da actividade bombista e a indulgência com que estão a ser julgados os «pides», foram temas também abordados na reunião.

Por último, os activistas do M.D.P./C.D.E. debruçaram-se sobre a preparação da realização em Coimbra em 12 e 13 de Março, do encontro nacional do movimento, que versará a análise da situação política, a apreciação das conclusões das reuniões dos diversos sectores do trabalho do M.D.P. e a definição actualizada da Comissão Nacional do Movimento Democrático Português.

Novos dirigentes do P.S.D. (Lisboa)

Gago Vitorino, António Capucho e Carlos Baptista da Silva são os novos dirigentes do P. S. D. de Lisboa, encabeçando respectivamente a Comissão Política Distrital, a Mesa da Assembleia e o Conselho de Jurisdição.

A eleição efectuou-se num encontro realizado na passada sexta-feira, havendo oposição somente nas eleições para a Comissão Política, em que ficou derrotada uma lista presidida por João Rosa.

Durante a reunião foi ainda aprovado o projecto de reestruturação do partido ao nível da região de Lisboa.

Noticiário breve

EANES

.O Presidente Eanes recebeu ontem, em audiência, o general Galvão de Figueiredo, ministro da República para os Açores. Este encontrou-se já com responsáveis dos Transportes e com o ministro das Finanças, e vai encontrar-se com o presidente da RDP.

ASSEMBLEIA

.Agenda da sessão de hoje da Assembleia da República: proposta do Governo sobre as 200 milhas marítimas, Conselhos de Informação e extinção do Serviço Cívico.

GOVERNO

.O prof. Henrique de Barros, ministro de Estado, presidirá à sessão de hoje do Conselho de Ministros. Desconhece-se a agenda. Galvão de Figueiredo deverá assistir.

HOLANDESES NO ALGARVE

Cerca de 84 mil contos vão ser investidos por holandeses no Algarve, com a instalação de centros náuticos para recreio e prática de actividades marítimas, entre as quais as subaquáticas», revelou o «Jornal do Algarve». Os centros começarão a funcionar em Abril e ficarão instalados em Vila Moura. Entre o material a instalar contam-se duas fragatas do Tejo, um iate, outras embarcações, etc.

OBRAS
Reparações gerais, remodelações, canalizações, impermeabilizações em terraços, placas, telhados, etc. — Telef. 773829.

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIA

I — Convocam-se todos os professores do CPES e ES para um PLENÁRIO do Sector a realizar na próxima 5.ª-feira, dia 10 de Março às 20h30 com a seguinte O. T.:

— Medidas a tomar sobre o Decreto-Lei 77/77 que regulamenta o concurso de efectivos do CPES e ES.

II — Convocam-se todos os professores de todos os sectores de ensino para um PLENÁRIO sindical a realizar no mesmo dia e local às 21h 30m com a seguinte O. T.:

— **Medidas a tomar sobre:**
- a) Letra das ex-Regentes escolares do Curso Especial do Magistério.
- b) Pagamento aos professores do ensino especial.
- c) Despacho 21/77 sobre a dispensa de horas aos delegados sindicais.
- d) Despacho 17/77 sobre reuniões nas escolas.
- e) Portaria 90/77 sobre a classificação de «apto».

NOTA: Os professores têm que ter a quota de Novembro/76 paga.

A DIRECÇÃO

post-scriptum

Francamente, com quem?

Durante um quartó de hora, ouvimos sossegados o ministro Barreto explicar-nos o que é um cabaz de compras. Num quarto de hora ficámos a conhecer e a apreciar as profundas razões que tornam o cabaz altamente portátil. Num quarto de hora ficámos a saber que os capitalistas, latifundiários, monopolistas e imperialistas se opõem patrioticamente à subida de preços, que é afinal obra dos próprios trabalhadores, egoisticamente interessados em valorizar, contra os interesses nacionais, a sua força de trabalho.

Mas logo a seguir, imediatamente a seguir — será resultado da suspensão do capitão Tomás Rosa? — a RTP afixou uma frase que, espantosamente, dizia: «Temos que viver com aquilo que temos»!

Quem é que nós temos, afinal? Com quem é que nós temos de viver? Por favor, esclareçam-nos depressa! Até pode ser em nota oficiosa...

Pedro Ramos de Almeida
— LISBOA

A tal «chicotada psicológica»...

Ouvi falar numa «chicotada psicológica» a aplicar na nossa agricultura, que dizem será salutar à abalada economia portuguesa.

Não se sabe ainda de que espécie nem em que sentido se vibrará tal «chicotada». Mas pelo caminho que tem levado a Reforma Agrária, inicialmente destinada a libertar por completo e de vez o trabalhador do campo do secular parasita, seu velho inimigo, o latifundiário, quem vai apanhar a «chicotada» salvadora vai ser esse desgraçado moirejador de gleba, que já se está sentindo ludibriado na fé que pôs na projectada Reforma.

Antigos exploradores recebem novamente as terras, que camponeses já estavam tornando produtivas e compensadoras do esforço de quem as arrancou à inutilidade e passou a trabalhá-las para proveito seu e da comunidade.

As organizações obreiras do Alentejo são desmanteladas para contento dos Casqueiros da CAP, que atrevidamente se apresentam cheios de **razão**.

Assim, o país vai ser **salvo** pela restituição aos seus antigos **donos** das terras que serviram para o seu luxo e satisfação da ociosidade própria.

E os escravos, novamente sob o jugo, sofrerão a tal «chicotada psicológica» para glória e proveito dos senhores, reapossados dos feudos pelo ressurgimento capitalista em curso que se rotula de ressurgimento económico nacional.

Álvaro da Silva e Sousa
— PORTO

No tempo do «gonçalvismo» os fascistas estavam caladinhos...

Quando o sr. Primeiro-Ministro fala através da sua televisão (sim, é o povo português quem a paga, mas na prática trata-se de um emissor particular do Governo PS) nunca se esquece de atacar o «gonçalvismo». A quem serve este ataque? É que os fascistas que por aí andam têm todos a mesma lenga lenga, tocam todos o mesmo disco. Porque será?

E afinal, que é isso do «gonçalvismo»? No meu entender de mulher trabalhadora em risco de ir parar ao rol dos desempregados, com o ordenado em atraso e a receber a pouco e pouco, com a agravante do custo de vida ter triplicado em relação aos tempos do «gonçalvismo», a descontar da miséria que recebo (a prestações) 7,5 por cento para a Caixa de Previdência (para sustentar a vergonhosa assistência médica e medicamentosa que temos), etc., etc., é difícil perceber os ataques virulentos do sr. Primeiro-Ministro, que se diz socialista, ao «gonçalvismo». E se Sua Excelência, em vez de nos vir sempre com essa do «gonçalvismo», falasse de vez em quando no salazarismo? Não há ninguém que explique ao sr. secretário-geral do PS, nos intervalos das andanças pela sua Europa, que os ataques a Vasco Gonçalves só aproveitam aos reaccionários?

No tempo do «gonçalvismo», nós os pobres, não vivíamos como agora (e estava-se no princípio da Revolução, com todas as dificuldades inerentes ao período que se seguiu ao derrube do fascismo, boicotados pela Europa do sr. dr. Mário Soares, que nessa altura não estava connosco). Nós os pobres, tínhamos pela primeira vez à nossa frente a perspectiva duma vida humana. O sr. Primeiro-Ministro diz que corríamos para uma ditadura mas não diz em que é que se vive agora. Julga o sr. dr. Mário Soares a democracia compatível com o capitalismo, e este com o socialismo? O certo, sr. dr. Mário Soares é que no tempo do chamado «gonçalvismo» os reaccionários fascistas não levantavam a cabeça como agora.

E se me permitem o desabafo, vou sinceramente dizer o que sinto e o que penso acerca do «gonçalvismo». Não estou filiada em nenhum partido político, mas se houvese algum que contasse entre os seus dirigentes o sr. General Vasco Gonçalves, era por esse mesmo que optava. E como eu, centenas de milhares de portugueses: quase todos os que trabalham duramente e constroem realmente o país.

Maria Regina de Carvalho
— LISBOA

CONSTRUIR PORTUGAL NA "EUROPA DOS TRABALHADORES"?

ÁLVARO BANDARRA / NELLY JAZRA

Acabam de ser tomadas um conjunto de medidas de natureza económica, reveladoras de um certo sentido de lógica política. São as primeiras grandes medidas que enunciam opções importantes a longo prazo para a economia e as instituições nacionais: a integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia e as consequências e condições que desse facto decorrem.

Uma das mais importantes medidas foi sem dúvida a desvalorização de 15 por cento da nossa moeda nacional, medida aliás que confirmou e acentuou uma desvalorização que de facto já se vinha processando. A primeira pergunta que nos ocorre é a quem favorecerá esta desvalorização e quais são os mecanismos que vão por ela ser condicionados.

O Governo ao anunciar esta medida frisou os benefícios que ela trará ao sector do turismo, assim como aos nossos cidadãos que por essa Europa trabalham. Pretende-se assim incrementar a entrada de divisas, seja através do aumento dos turistas, os quais irão cantar loas à boa cozinha portuguesa, feita em parte de produtos importados, seja pelo aumento do maior número das entradas dos aforros dos emigrantes, que dia a dia vêem perigar as suas condições de existência devido ao crescente aumento do desemprego nos países onde trabalham. Facto aliás em si limitativo das funções que a esses mesmos trabalhadores emigrantes são consignadas: envio de divisas que irão directa ou indirectamente ajudar no pagamento das indemnizações aos estrangeiros ou aos accionistas das empresas nacionalizadas ou expropriadas?

Porém os factos mais importantes que decorrem destas medidas e que terão que ser vistos como condições consensuais do nosso ingresso na C.E.E. são:

— criar boas condições para os investimentos estrangeiros

— diminuir o consumo das massas trabalhadoras e por conseguinte baixar o nível de vida «das classes mais desfavorecidas».

A primeira destas duas condições necessita inexoravelmente da segunda. Elas estão de tal modo ligadas que uma vez os pressupostos políticos definidos, todas as restantes medidas se seguirão, com toda a naturalidade.

A existência do capitalismo monopolista nacional (aliás ligado ao capitalismo internacional) poderia em certas condições constituir um entrave à concorrência dos investimentos estrangeiros. Ora, após o 25 de Abril foram nacionalizados os grandes monopólios do capital privado nacional, e por conseguinte este foi desmantelado. Estas nacionalizações, aliás como as expropriações de terras, foram feitas segundo uma certa perspectiva, respeitando um projecto político e económico socializante.

Uma vez que este projecto não encontrou condições de concretização (e não se poderá falar numa política antimonopolista, nem de uma situação mais «progressista» em Portugal do que nos outros países da Europa, pois que as condições concorrenciais inerentes ao Mercado Comum — a que não podíamos escapar e que nos impõem a aceitação das condições de integração, mais cedo ou mais tarde e de uma maneira ou doutra — revelam o internacionalismo do capital, e dos grandes monopólios ou oligopólios internacionais), os monopólios estatizados, poderão não ser mais do que um mero instrumento das alianças do poder político e económico. Isto é, eles poderão não ser mais do que correias de transmissão das alianças de poder económico internacional, condição «sine qua non» de certas e determinadas alianças políticas a nível internacional, que se vão repercutir na manutenção de um certo poder político em Portugal. Este poder político doravante terá que ser aquele que melhor serve os interesses do poder económico dominante a nível europeu. E como neste momento o poder económico dominante na Europa é gerido pela social-democracia, é natural que o poder político em Portugal tenha que estar nas mãos daqueles que melhor o servem.

A possível instalação de um maior número de monopólios estrangeiros particularmente europeus (mas não só: o caso da Coca-Cola ilustra um certo pioneirismo), terá como consequência a falência em cadeia das pequenas e médias empresas (suprimindo desta maneira uma parte substancial da base de apoio do actual poder), resíduos do capital nacional, que tinham possibilidades de escoamento dos seus produtos no mercado interno, agora reduzido pelo aumento dos preços e a limitação do poder de compra.

Do mesmo modo as últimas medidas de «salvação da economia nacional», não dão segurança suficiente e garantias de viabilidade às empresas em autogestão, as quais desvirtuadas dos seus objectivos iniciais, pela actual mudança de lógica do sistema, vêem-se agora confiadas a duas perspectivas principais:

. — se forem rentáveis serem entregues ao patrão no caso deste ser pequeno ou médio empresário capitalista e por via disso sofrerem as consequências da situação já apontada em relação às pequenas e médias empresas;

. — se não forem entregues, assistir-se-á a uma limitação das suas condições de desenvolvimento, visto que até agora nada foi feito no sentido de uma prática política autogestionária. Apesar da boa vontade dos trabalhadores, as suas empresas ou entram na lógica do lucro capitalista (com fracas possibilidades de êxito), ou são marginalizadas em relação ao conjunto da economia nacional.

Se uma das condições dos investimentos e empréstimos estrangeiros é a mão-de-obra barata, o nível salarial deve ser mantido, enquanto se deixam os preços aumentar, visto que a maior parte dos produtos são importados e por conseguinte sofrem os efeitos da inflação a nível internacional, multiplicada pelos efeitos da actual desvalorização.

O papel do «cabaz de compras» será pois um instrumento para limitar a capacidade de consumo, visto que mantém os preços de um número restrito de produtos, para anestesiar os efeitos sobre os salários e por consequência os conflitos sociais resultantes da diferença crescente entre o aumento dos preços e dos salários. O aumento dos preços está aliás intimamente ligado e vai resultar da desvalorização da nossa moeda.

A limitação provisória do aumento dos preços dos produtos (o que não impede posteriores aumentos substanciais, se não for criada e executada uma política rigorosa de controlo dos preços), tem efeitos directamente sobre os produtores de bens essenciais, que vão assistir a um acréscimo dos custos de produção dos produtos importados, (pelo menos de 15 por cento), sem ver um aumento proporcional no preço dos seus produtos, o que não encoraja directamente a produção de bens essenciais, obrigando-nos a recorrer ainda mais às importações desses bens, com todas as consequências que daí resultam para a nossa balança comercial. Apesar da política dos subsídios que se pretende pôr em prática, política essa, que no passado já (não?) deu as suas provas.

Porém, uma vez os preços dos ditos bens essenciais tecnocraticamente fixados, por intermédio do «cabaz de compras» (sem esquecer que nem só de pão vive o homem...), falta determinar a maneira como eles vão ser controlados. Das duas uma: ou se subsidiam os preços a nível dos intermediários (que importam os produtos mais caros), o que aliás já aconteceu (caso da batata no ano passado) ou se assistirá ao aumento do mercado negro e por consequência à rarefacção dos produtos e aumento dos preços. Claro, que a outra solução seria controlar os circuitos de distribuição, não só dos bens essenciais, mas de todos os produtos entrando na composição da produção desses mesmos bens essenciais. Para isso, seriam necessárias não só medidas a nível dos preços (como aliás está previsto relativamente à comercialização da carne), mas de controlo da produção. Mas para que isso fosse concretizado, seria necessária uma certa e determinada alternativa de esquerda já tantes vezes recusada e acusada pelo actual poder político.

Temos que aceitar com optimismo que as lutas de classes têm cada vez mais tendência para ultrapassar o limitado âmbito nacional e inscreverem-se num contexto mais lato — é este o optimismo da Europa dos trabalhadores — mas não da actual prática social-democrata dos gestores do capital (monopolista ou não). A Europa dos trabalhadores não se baseia na gestão do capital, mas na autogestão do trabalho.

A "DRENAGEM" DE TÉCNICOS

GREGORIO SELSER

MÉXICO (IPS) — Cobrindo parcialmente um défice informativo que se prolonga a partir de 1970, um relatório da Organização das Nações Unidas, publicado em Genebra e compreendendo o período de 1960 a 1972, revela que cerca de 300 mil cientistas, engenheiros, médicos e cirurgiões foram «drenados» pelos países ricos com perda definitiva para os países subdesenvolvidos, que arcaram com o peso económico-social de os formar.

Segundo os dados fornecidos pela Comissão de Desenvolvimento Social da ONU, metade desses cientistas emigrou da Ásia — particularmente da Índia e das Filipinas — e cerca de 230 mil estabeleceram-se nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Canadá. A referida sucção trouxe a esses três países um «lucro líquido» — de acordo com a expressão do relatório — de 30, 10 e 3 milhões de dólares, respectivamente. O lucro deriva, como é obvio, da poupança que implicitamente realizaram esses países nos fundos que teriam necessidade de despender para a formação e especialização dessa «matéria cinzenta».

Por outro lado a Organização Mundial de Saúde, acaba de proporcionar novas e impressionantes cifras, as quais, embora mostrem que a partir do início da crise nos países ricos a sucção de cérebros está a diminuir, o que já foi extraído aos países pobres constitui uma perda irreversível para estes e leva à manutenção de uma situação deficitária crónica no campo da Saúde, que inclui tanto médicos como auxiliares.

Assim, indica que tais profissionais, oriundos do Terceiro Mundo, se transferiram e radicaram definitivamente em número de 62.800 nos Estados industrializados. Desses, 45.200 são asiáticos, 12.800 hispano-americanos e 4.800 africanos. Três quartos foram absorvidos pelos Estados Unidos e Canadá, que também beneficiaram com a entrada de 22.900 profissionais de origem europeia.

Um dado pouco conhecido, e agora proporcionado pela O.M.S. é que os Estados Unidos e o Canadá também forneceram esse tipo de profissionais ao Terceiro Mundo, mas em número muito reduzido: 800.

A explicação desta sucção nem por ser pouco conhecida deve ser omitida: traduz as consequências mais elementares do subdesenvolvimento e responde às frustrações de que, nos seus países de origem, padecem aqueles que ao cabo de anos de estudo e preparação não vêem compensados os seus esforços e expectativas.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA VIDREIRA

SECÇÃO REGIONAL DO SUL

Calçada da Estrela, 135-1.º-Dt.º – Tel. 666234
LISBOA

MOÇÃO

Considerando as duras lutas da contratação colectiva dos vários sectores, C. Civil, Têxteis, Metalúrgicos, Químicos, Electricistas, Cerâmicos, Vidreiros, etc., etc.

Considerando que de facto a contratação colectiva de trabalho está congelada desde o VI Governo até ao presente Governo Constitucional minoritário.

Considerando que data também da formação do VI Governo o abaixamento do poder de compra das classes trabalhadoras, agravando-se dia a dia e principalmente entre as duas etapas das viagens do Governo minoritário pela Europa dos Monopólios:

Os trabalhadores da Indústria Vidreira, também em luta pelo seu CCTV solidarizam-se com todos os trabalhadores em luta pelas suas reivindicações justissímas a nível nacional.

E afirmam estarem na mais determinante disposição de desencadearem as lutas mais convenientes, apontadas pelos seus organismos de classe.

Na Luta os Trabalhadores Avançam
A Luta Continua

Lisboa, 5 de Março de 1977.

Esta moção foi aprovada por unanimidade e aclamação

MOÇÃO

Considerando que durante o período de vigência do actual contrato, o aumento do custo de vida subiu desenfreadamente.

Considerando que as reivindicações dos trabalhadores não são irrealistas, mas pelo contrário, são dirigidas fundamentalmente à reposição do seu poder de compra.

Considerando que a proposta salarial apresentada pelas associações patronais em 1 de Março/77, não têm em conta o aumento do custo de vida, nem o repor do poder de compra dos trabalhadores.

Os trabalhadores da Indústria Vidreira reunidos em Plenário no dia 5/3/77 no Instituto Superior Técnico decidem.

1 – Rejeitar a proposta das associações patronais.

2 – Manifestar o seu incondicional apoio à Comissão Sindical Negociadora.

3 – Exigir que o patronato apresente uma proposta realista que considere o aumento do custo de vida, que portanto possibilite a continuação rápida e efectiva das negociações em curso.

4 – Expressar a sua determinação em lutar activa e firmemente na defesa dos seus legítimos interesses mediante as formas de luta que venham a ser indicadas pela Comissão Sindical Negociadora.

Em Frente Pelo CCTV
Unidos e Organizados na Luta Venceremos

Lisboa, 5 de Março de 1977.

Esta Moção foi aprovada por unanimidade e aclamação.

MOÇÃO

Considerando a justa luta dos camaradas da Construção Civil pelo seu CCTV.

Os Vidreiros reunidos em plenário no dia 5 de Março/77.

Deliberam:

como irmãos de classe, solidarizarem-se pela luta dos camaradas da C. Civil, e repudiam todo o boicote que ao longo de 20 meses tem sido feito pelo patronato reaccionário e seus satélites às negociações do CCTV.

Os Trabalhadores Unidos e Organizados em Torno dos seus Órgãos de Classe são uma Força Indestrutível.

Lisboa, 5 de Março de 1977.

Esta Moção foi aprovada por unanimidade e aclamação.

Nacional

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Entregue na Assembleia uma petição exigindo liberalização do aborto

Um grupo de mulheres de diferentes sectores de opinião entregou esta manhã ao presidente da Assembleia da República uma petição exigindo a abolição da legislação repressiva sobre o aborto, o livre acesso aos meios contraceptivos e igualdade de condições perante a gravidez, o parto e o aborto a serem integrados no sistema de Segurança Social. A petição é subscrita por mais de cinco mil mulheres e homens e várias organizações de mulheres, nomeadamente o Movimento Democrático de Mulheres (M.D.M.), Movimento de Libertação da Mulher (M.L.M.) e União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias (U.M.A.R.).

A comissão organizadora desta iniciativa promove amanhã à noite, na casa da Imprensa, um debate público durante o qual serão discutidas outras formas de luta a adoptar para que seja revogado o artigo do Código Penal que considera crime o aborto clandestino, punível com pena de dois a oito anos de prisão. Em Portugal morrem anualmente duas mil das 180 mil mulheres que se submetem a abortos clandestinos.

Durante a tarde de hoje uma delegação do M.D.M. entregará outra petição na Assembleia da República em que se fazem sugestões sobre a revisão do articulado legal do capítulo 20.º do Código Civil relativo ao «Direito da Família» e que brevemente será discutido na Assembleia.

O 8 DE MARÇO

Comemora-se hoje em todo o mundo o Dia Internacional da Mulher, sendo o 8 de Março uma homenagem à luta das operárias de uma fábrica têxtil de Nova York que em 1857 entraram em greve por aumentos salariais e redução do horário de trabalho de 16 para 8 horas diárias. Durante a greve os patrões incendiaram a fábrica, originando a morte de muitas operárias.

Hoje e durante os restantes dias da semana efectuar-se-ão várias realizações alusivas à luta das mulheres contra a sua subalternização económica, cultural e sexual. Logo à noite, às 21 e 30, decorre no Teatro Vasco Santana uma sessão subordinada ao tema «A Luta de resistência das mulheres portuguesas — com as mulheres de todo o Mundo dizemos não ao fascismo». A sessão contará com a presença de Maria Stela Piteira Santos, que intervirá sobre a «Luta das mulheres no exílio»; Cecília Areosa Feio, que falará sobre «A luta das mulheres em Portugal»; Alice Rocha, do Secretariado da C.G.T.P./Intersindical, sobre «A luta das mulheres nas empresas e Sindicatos»; e Luísa Amorim, que evocará o significado do 8 de Marco.

No Porto, às 21 horas, realiza-se no Cinema Estúdio um comício comemorativo do Dia Internacional da Mulher promovido por uma Comissão Unitária de Mulheres. Num comunicado do núcleo do Porto do M.D.M. lança-se um apelo para que se faça deste «8 de Março» uma grande jornada de luta contra o galopante aumento do custo de vida, pela paz, pela liberdade e pela democracia.

PRESIDENTE DA COMISSÃO DA CONDIÇÃO FEMININA

Com mais mulheres na Assembleia e no Governo "muitas leis seriam diferentes"

«Considero o dia 8 de Março como um símbolo do esforço das mulheres pela sua libertação e emancipação, um dia que deve ser aproveitado para fazer sentir às pessoas que as mulheres não querem ser excluídas da vida», afirmou à ANOP a presidente da Comissão da Condição Feminina, Maria do Carmo Romão, a propósito da comemoração do Dia Internacional da Mulher.

Maria do Carmo Romão, de 38 anos, foi recentemente empossada no cargo de presidente da Comissão da Condição Feminina. Ela própria já foi discriminada por ser mulher.

«Quando me formei em Direito», conta, «entrei para um lugar de segundo oficial para o qual é preciso um nível de instrução muito menor. Não é que isso em si tenha muita importância», acentua. «Não lamento ter percorrido toda a escala do funcionalismo, mas o que é verdade é que os homens não começavam pelo princípio, eles tinham logo outras oportunidades.»

A sobrecarga de trabalho a que a mulher está sujeita — no emprego e em casa — e as desigualdades salariais entre homens e mulheres são para a presidente da C. C. F. as questões mais importantes a resolver pela sociedade portuguesa neste campo específico, «se não se quiser continuar a discriminar mais de metade da nossa população, concretamente 52,9 por cento».

De resto um dos projectos da Comissão, a curto prazo, é elaborar um articulado de lei não discriminatória no trabalho, ««pegando em pontos muito concretos em que as discriminações existem e procurando contrabalançar essas discriminações com determinadas medidas».

Flagrante de uma sessão do Tribunal Internacional dos Crimes contra a Mulher realizada no ano passado (4/8 de Março) em Bruxelas

SEM TEMPOS LIVRES

A dupla tarefa, por seu turno, «transforma a mulher num autêntico 'robot', sem tempo para pensar, sem disponibilidade espiritual e física». Um inquérito restrito feito pela Comissão revela que a mulher gasta no trabalho fora de casa um máximo de onze horas, incluindo tempo de trabalho e transportes (o mínimo são seis horas e meia) e ocupa nos cuidados familiares um máximo de oito.

«Não quer dizer que a mulher que gasta 11 horas seja a mesma que perde 8 horas em casa, mas isso pode acontecer», acrescenta Maria do Carmo Romão.

Nesta amostragem um pouco empírica verificou-se que o máximo de tempos livres diários de que as mulheres trabalhadoras dispõem é de duas horas, a média é de uma hora e mulheres há que nunca têm tempos livres, nem sequer ao fim-de-semana, porque se ocupam de tarefas caseiras que durante a semana não puderam efectuar.

Quanto ao estatuto das trabalhadores, verifica-se que, segundo os dados da Comissão respeitantes a 1970, 81 por cento das mulheres trabalhavam por conta de outrem, 10,8 por cento eram isoladas e 6,9 por cento familiares não remuneradas. As mulheres com estatuto de patrão eram apenas 0,8 por cento do total.

Outros problemas que preocupam a presidente e as técnicas da Comissão da Condição Feminina situam-se na área da reforma da legislação, do planeamento familiar, da segurança social, da maternidade, da regulamentação do trabalho. Tem também prevista a elaboração de estudos sobre o aborto.

«O nosso papel», esclarece Maria do Carmo, «é promover uma Informação muito activa junto das pessoas, detectar problemas, denunciar discriminações relacionadas com a Condição Feminina e fazer propostas ao Governo. Dada a nossa inserção na orgânica do Governo, as nossas propostas têm de ser canalizadas para ele e daí, depois, podem transitar, se for o caso, para a Assembleia da República.»

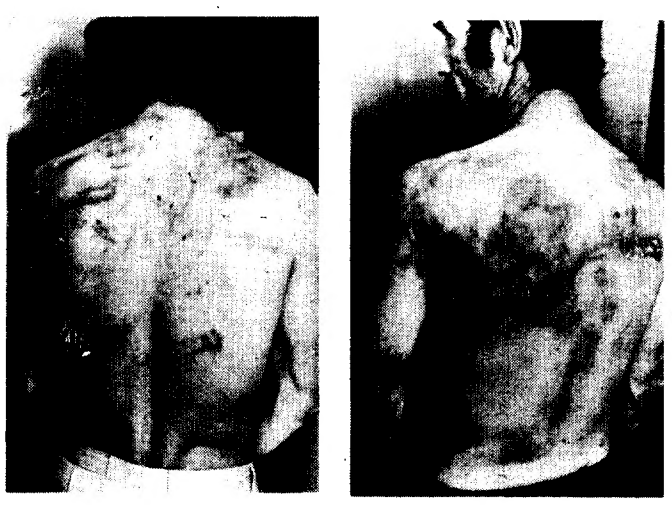
Relativamente ao problema do aborto, a Comissão já tem um estudo de legislação comparada. «Existem legislações que proíbem, outras que o permitem e outras ainda intermédias que só o permitem em determinadas condições.»

«Nós, portugueses, inserimo-nos nos 8 por cento da população mundial que proíbem inteiramente o aborto. É claro que a Comissão entende que o aborto não é a solução do problema, entendemos que deve ser feita a educação sexual, que devem ser generalizadas as consultas do planeamento familiar e divulgados os métodos contraceptivos.»

Neste momento a Comissão «não tem opinião definida» e pensa que o problema não pode ser abordado em termos simplistas. «Desejamos estudar toda a problemática do aborto, todas as consequências sociais, demográficas, de saúde que daí resultam, e fundamentalmente queremos saber o que pensam as mulheres.»

«Estou convencida», concluiu, «que, se as mulheres estivessem em maior número na Assembleia e no Governo, muitas leis e muitas decisões seriam diferentes. Da mesma maneira, se participassem nos sindicatos, também determinadas convenções colectivas e determinadas disposições não seriam ainda neste momento discriminatórias.»

Nacional



Cinco dias depois as costas dos dois vendedores de jornais ainda se encontram neste estado. O agente da autoridade chamou-os à «ordem» pela violência do cassetete.

JULGAMENTO ARRASTA OUTRO

Dois ardinas espancados na Esquadra da Mouraria

A nova Constituição Portuguesa voltou a ser atropelada na última sexta-feira pelo «casse-tête» de um agente da autoridade: dois vendedores de jornais brutalmente espancados na esquadra da Mouraria, após um incidente na cervejaria «Ramiro», à Avenida Almirante Reis. Ontem os dois trabalhadores foram levados pela Polícia ao tribunal, tendo sido absolvidos. Em breve estara o agente da autoridade no banco dos réus para explicar como e porquê vibrou o «casse-tête» nas costas de dois homens, que não haviam cometido nenhum crime e por isso mesmo foram mandados em paz.

Eis o que se passou, na versão dos réus Carlos Eugénio e Fernando Baptista: tinham entrado ambos na «Ramiro» à procura de um companheiro de trabalho, e ali pediram duas «imperiais». Quando tranquilamente bebiam a cerveja, um deles — Carlos Eugénio — sentiu que alguém lhe metia a mão no bolso. Surpreendido pela acção do «pick-pocket», ele barafustou («então isto agora é assim!?...») e acrescentou alguns palavrões, mal recebidos pela gerência. É nesta altura que intervém o guarda da P.S.P., de serviço na «Ramiro» em regime de remuneração. O agente declara-lhes que está de serviço, e um dos dois amigos lembra-lhe que, sendo assim, o lugar dele é lá fora e não a beber na cervejaria, de «crachat» ao peito. O agente não gosta do «sermão» e saca do «casse-tête». Na iminência de ser agredido, Fernando Baptista consegue desarmar o polícia, atirando o «casse-tête» para longe. Por esta altura, entra em cena um empregado do estabelecimento, que arrasta Fernando Baptista pelos cabelos até à porta. Forçado a sair desta maneira, o cliente traz de rojo uma cadeira que se lhe prendeu às pernas.

O guarda da P.S.P. segura então nos dois vendedores de jornais e leva-os para a Esquadra da Mouraria. O que lá se passou fica documentado pelas fotografias que publicamos e pelas palavras do advogado de defesa, dr. Fernando Pimentel Rocha Calisto, no tribunal:

«Numa altura em que a nossa Constituição garante a liberdade moral e física dos cidadãos — ninguém pode ser submetido a tortura — estes homens foram agredidos selvaticamente na Polícia. Foram barbaramente espancados, têm as costas ensanguentadas».

OUTRAS VERSÕES

O agente da P.S.P. autor do espancamento apresenta a sua versão: é verdade que teve de recorrer à força, primeiro dos músculos, depois do «casse-tête», mas porque um dos réus o tentara agredir com uma cadeira (alusão à cadeira levada de rojo segundo os arguidos). Além disso — afirma o guarda — não lhes bateu na esquadra, mas apenas por altura do incidente, no estabelecimento. Acrescentou que tinha sido atingido com um pontapé.

Entretanto a defesa levantou uma questão que não chegou a ser devidamente esclarecida: se o polícia tinha agarrado os dois homens com ambas as mãos, a caminho da esquadra, com que mão é que lhes batera?

Uma testemunha de acusação que apoiava os próprios depoimentos na base do «talvez» foi convidada a sentar-se, já que o «talvez» de nada servia ao tribunal.

Na intenção de demonstrar que o espancamento se dera na esquadra e não na cervejaria, a defesa foi inquirindo das testemunhas de acusação se tinham visto o agente da autoridade bater nos réus. Visivelmente confundidas, as testemunhas diziam que, enfim, naquela «barafunda» não se aperceberam... Aliás, também em relação à cadeira, as testemunhas não foram convincentes. Não ficou provado que a cadeira tivesse sido usada como instrumento de agressão: ela podia ter sido apenas um ponto de apoio do réu Baptista ou, como ele disse, ter sido arrastada quando o trouxeram «cá para fora» pelos cabelos. De qualquer modo, diria a defesa, as testemunhas eram «pessoas ligadas à Polícia, fazendo costas com ela».

RINCHOA VOLTA A SER PALCO DE ANGUSTIA

Ausência do médico evitou despejo

Duas famílias que ocuparam há tempos uma pequena casa na Rinchoa, viram-se ontem pela segunda vez ameaçadas de despejo. Na circunstância, valeu-lhes a ausência de um dos dois médicos nomeados pelo tribunal de Sintra, com a missão de tomar o pulso de uma mulher que ali vive e apurar se é verdade ou não ela estar gravemente doente. Desconhecem-se os motivos da ausência do médico: se por qualquer contratempo de última hora, se por se recusar a uma tarefa pouco edificante. À porta do n.º 13 da Calçada da Rinchoa, em Rio de Mouro, dezenas de moradores lembravam aos elementos da GNR que também eles, soldados, eram homens do povo. «Fazer este despejo, é o mesmo que rasgar a nossa constituição. Não o permitam, companheiros!»

Mais uma vez o despejo foi adiado, após algumas horas de angústia, com elementos da GNR armados de G-3 tomando posições. Aliás, nenhum destes soldados denunciava a menor satisfação no cumprimento da missão que os levou ali: um despejo na via socialista, é duro de roer, também para aqueles que se limitam a cumprir ordens.

Conforme noticiamos há cerca de um mês, a moradia em questão foi ocupada, com o apoio da Comissão de Moradores, em 13 de Julho de 1975. A ocupação foi justificada: a casa estava abandonada há quatro anos e, de acordo com o Decreto-Lei n.º 198-A/75, deveria a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Sintra fazer o respectivo contrato de arrendamento, já que o senhorio se recusava a isso.

Anteriormente, em Outubro de 1974, o senhorio apresentara à câmara uma declaração, na qual destinava a moradia para venda. Em Março de 1975, porém, parece ter mudado de ideias e apresenta nova declaração, agora destinanado a casa a habitação própria. Contra isto se insurgem a junta e a Assembleia de Freguesia de Rio de Mouro: «A lei não permite segundas declarações, e a consentir-se neste procedimento neutralizavam-se os efeitos legais do Decreto-Lei n.º 445/75, ficando os senhorios com a possiblidade de retirarem do mercado da habitação os fogos que entendessem, bastando para isso apresentarem declarações sucessivas com teor diferente».

Entretanto, sabe-se que já depois de ter declarado que (afinal) queria a moradia para habitaçao própria, o senhorio tentou por diversas vezes vendê-la. Ontem mesmo, ele diria ao advogado dos ocupantes, dr. Afonso Baptista de Carvalho, que vendia a casa por 800 contos e que «a pronto, posso-lhe fazer um desconto...»

Batendo-se na defesa das famílias que ali vivem com cinco crianças, uma das quais hospitalizada, Baptista de Carvalho pediu ao senhorio que lhe desse mais dois meses para resolver o problema de alojamento daquela gente. Foi feita uma proposta concreta: cem contos por dois meses! O senhorio recusou.

Vem a propósito recordar que na Rinchoa a própria Comissão de Moradores foi desalojada da casa que inicialmente ocupara.

Posta de parte a legalidade revolucionária, letra morta para aqueles a quem a Revolução incomoda, importa referir que o direito a habitação está consignado na Constituição Portuguesa. Para as famílias em risco de despejo, sem recursos para alugar um apartamento nas Avenidas Novas, não há muitas alternativas: ou vêm para a rua, ou defendem a casa onde vivem, com unhas e dentes. Ontem, os populares deram uma ajuda: «Ninguém arreda pé! Ninguém arreda pé!»

O povo juntou-se à porta do n.º 13 da Calçada da Rinchoa: «Direito a habitação, não aos despejos!»

CASO DE A-VER-O-MAR

Penas leves para nove dos arguidos

PORTO, 8 — No tribunal da Póvoa de Varzim terminou ontem, com a leitura da sentença, o julgamento dos 85 arguidos do caso de A Ver-O-Mar, que se iniciou no dia 7 do mês passado.

Os factos começaram em Novembro de 1973 quando por decisão do arcebispo primaz de Braga, o padre Ângelo da Venda foi destituído das funções de pároco de A Ver-O-Mar. Geraram-se entre os paroquianos duas correntes: uma a favor do padre Ângelo e outra contra. Do choque entre essas duas correntes resultaram confrontações físicas, nomeadamente em Setembro de 74 e Junho de 75, que foram mais graves e estão na origem deste julgamento.

O tribunal, dadas as contradições das testemunhas e declarantes, «só pode, obviamente, dar como provados os factos que em seu critério ocorreram, sob pena de correr o risco de condenar «inocentes» — lê-se no acórdão que absolveu 76 dos arguidos e condenou, por infracções de menor culpabilidade 9 dos réus, a ligeiras penas substituidas por multas.

Assim, todos os réus (85) sairam em liberdade.

Fotografia no Palácio Foz

Os repórteres fotográficos Carlos Lopes, Luís Vasconcelos, Nuno Calvet e Salvador Ribeiro, do «Jornal Novo», promovem uma exposição colectiva de fotografias sob o tema «Fotojornalismo 75/77».

A exposição, inaugurada ontem pelo secretário de Estado da Comunicação Social está patente no Palácio Foz.

Banco de Fomento Nacional

NOVAS TAXAS PARA DEPÓSITOS A PRAZO

De acordo com a nova legislação e os avisos do Banco de Portugal, publicados no «Diário da República» de 28 de Fevereiro de 1977, a partir de 1 de Março passa a ser abonada a taxa de juro de

* 12% AO ANO

pelos depósitos a prazo, constituídos por prazo igual ou superior a 1 ano e 1 dia, e

* 11% AO ANO

por depósitos a prazo, superiores a 6 meses até 1 ano.

Está também autorizado o levantamento antecipado dos depósitos, mediante o ajustamento do juro, nos termos das medidas agora promulgadas.

Sujeita aos impostos que afectam os Depósitos dos Bancos e das Caixas Económicas.

Banco de Fomento Nacional

Nacional

Faculdade de Pedagogia

O Ministério da Educação e Investigação Científica revogou o decreto que recentemente criou a Faculdade de Pedagogia da Universidade de Lisboa. O decreto de revogação saiu hoje no «Diário da República». «As reformas a introduzir no Ensino Superior não podem ir contra a sua própria natureza e a preparação de professores não deve afastar-se do desenvolvimento das ciências e disciplinas que o futuro pedagogo irá cultivar» — diz o decreto, a justificar a revogação.

Um público numeroso assistiu ontem no Hotel Ritz à anunciada conferência de José Luís Cebrián, director do diário liberal madrileno «El País». Cebrián, que veio a Lisboa mediante convite do semanário «Expresso», foi apresentado pelo anfitrião, Francisco Pinto Balsemão, e dissertou sobre a actual situação política espanhola, problemática aqui e ali articulada com a portuguesa num contexto ibérico. Entre os assistentes viam-se os conselheiros da Revolução Pezarat Correia, Franco Charais e Ribeiro Cardoso.

SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DOS CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES

AVISO AO PÚBLICO

Decidiu o Governo, através do Ministério dos Transportes e Comunicações, abrir 41 estações e outros serviços ao sábado.

Vindo esta medida na sequência do último agravamento de taxas, pretende o Governo iludir a opinião pública, com este pretenso benefício.

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações, alerta o público em geral para o facto de esta medida apenas representar mais um agravamento do «deficit» da empresa, sem que, em contrapartida, o público dela beneficie.

Seria mais correcto e eficaz tomar as medidas adequadas, com vista à eliminação das más condições de trabalho, que estão na base das deficiências detectadas, e que com aquela medida se pretende colmatar. Persistimos na afirmação, por demais repetida, que a melhoria do serviço só se conseguirá com a melhoria das condições de trabalho.

Afirmamos ainda que a aceitação de correspondência ao sábado com o pagamento de uma sobretaxa em nada beneficia o público — pois ela apesar de ter tratamento especial poderá não ser distribuída na segunda-feira.

Não pode o Sindicato Nacional dos Correios e Telecomunicações deixar de informar o público em geral de que a luta pela conquista de duas folgas semanais foi uma luta dura da qual os trabalhadores dos CTT não abdicam. Ainda informamos que para efectuar o pagamento do trabalho de sábado teremos todos nós trabalhadores portugueses que pagar por ano cerca de 50 000 contos.

Não se contribui para a economia do país, causando-lhe mais gastos sem resultado.

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações

Tomás Rosa ataca P.S. contra-ataca

Poderá ser ainda hoje conhecido o nome do novo presidente da Comissão Administrativa da RTP. O problema deverá ser apresentado pelo secretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre, no decorrer da sessão desta tarde do Conselho de Ministros.

Confirma-se, no entanto, que o cargo será entregue, desta vez, a um civil, e tudo leva a crer que o major Duarte Ferreira, membro da primeira comissão administrativa logo após o 25 de Abril, volte a ocupar um cargo na equipa que irá dirigir a RTP.

Entretanto Tomás Rosa, suspenso das suas funções, continua a afirmar, e ontem insistiu no vespertino «A Luta»: «não acredito que me demitam». Ameaçou: «toda a gente que me inculpou sem razão há-de ter uma acção em tribunal», assim como os jornais que «de má fé o ofenderam».

Para além da RTP, Tomás Rosa tece considerações de ordem política geral. Define-se como «um adversário eterno» do PCP e manifesta-se favorável à formação de «um grande partido social-democrata, que abranja PS e PSD, tiradas as pontas que não têm lugar nem num nem noutro».

Em resultado desta entrevista na «Luta» o Secretariado Nacional do PS emitiu um comunicado em que se solidariza com Manuel Alegre e «estranha» que seja o próprio jornal «A Luta» a «corroar» uma campanha contra o secretário de Estado da Comunicação Social, ao multiplicarem-se «as notícias e análises pretensamente bem informadas e publicarem-se entrevistas sensacionalistas com o presidente suspenso, da Comissão Administrativa da RTP, procurando montar-se um cenário de drama em que o capitão Tomás Rosa assume o papel de vítima».

O PRESIDENTE E A RTP

«Não têm qualquer fundamento comentários feitos àcerca de um encontro do secretário de Estado da Comunicação Social com o Presidente da República, no sentido de obter a aprovação específica para alterações nas estruturas da RTP» esclarece um comunicado daquela Secretaria de Estado.

O texto acrescenta que «a adopção de medidas relativas a problemas do sector da Comunicação Social, nomeadamente da RTP, é da responsabilidade do Governo». «Neste sentido» — concluí o comunicado — «tem estado a ser estudada, pelo departamento governamental responsável pelo sector, a situação existente naquela empresa pública; na devida oportunidade o secretário de Estado da Comunicação Social tornará pública a posição do Governo».

Aguarda-se, entretanto, o inquérito instaurado à Comissão Administrativa, que estará concluído ainda esta semana.

O relatório dos 21 jornalistas do Telejornal denunciando a censura ali praticada vai ser objecto de análise, esperando-se a eleição de chefes e subchefes de redacção no sentido de uma remodelação de serviços que ponha cobro à degradação que se agrava de dia para dia na RTP e para que esta seja colocada ao «serviço da democracia e da reconstrução nacional», conforme salienta o comunicado do Secretariado Nacional do Partido Socialista.

COLISEU

EMPRESA RICARDO COVÕES (HERD.) — Tel. 361997

SEXTA-FEIRA, às 21.30 horas — ESTREIA

O MAIS CÉLEBRE E LENDÁRIO PALHAÇO DO MUNDO

OLEG POPOV

UM GRANDE ACONTECIMENTO ARTÍSTICO COMO OS SEUS OLHOS NUNCA VIRAM

A 1.ª COMPANHIA OFICIAL DE CIRCO DA U. R. S. S.

INÚMERAS ATRACÇÕES * ACROBATAS EM CAVALOS * URSOS À «ESCOLA» DE CÃES, ETC.

TARDES: SÁBADOS E QUINTAS-FEIRAS, às 16 horas
AOS DOMINGOS: 2 «MATINÉES» — 1.ª, às 14.30; 2.ª, às 17.30 h.
TODAS AS NOITES: às 21.30 horas ——— (PARA TODOS)

AMANHÃ — BILHETES À VENDA A PARTIR DAS 13 HORAS

NOTA OFICIOSA

Expropriações e reservas na zona de intervenção da Reforma Agrária

A segunda fase do Plano da Reforma Agrária divulgado pelo ministro António Barreto na sua alocução televisiva de 8 de Dezembro vai iniciar-se com a expropriação de 200 mil hectares (já ocupados pelos trabalhadores) cuja pontuação ultrapasse os 50 mil pontos estabelecidos pela Lei, realizando-se ao mesmo tempo a marcação das respectivas reservas. De acordo com a nota oficiosa do Ministério da Agricultura que abaixo transcrevemos, depois de em algumas zonas estarem praticamente cumpridas as tarefas programadas «o Governo entra na execução da 2.ª Reforma Agrária». No mesmo documento o M.A.P. sublinha que serão «severamente reprimidas todas as tentativas que a pretexto sejam desencadeadas por forças interessadas na desestabilização na zona de intervenção da Reforma Agrária».

Eis o teor da nota:

Em 8 de Dezembro de 1976, na sua comunicação ao País, o ministro da Agricultura e Pescas anunciou as grandes linhas de que viria a constituir o plano para a execução da «2.ª Reforma Agrária».

Desse plano, dividido em três fases, faz parte um programa de expropriações que pertence à segunda fase, a executar em áreas já ocupadas e que ultrapassam os limites máximos previstos na lei. A área total é estimada em cerca de duzentos mil hectares, sendo imediata a definição de reservas.

Em nota oficiosa dimanada deste Ministério em 30 de Dezembro, ainda de 1976, de novo foi afirmada a determinação oficial de regularizar as situações de flagrante ilegalidade nas áreas já expropriadas, como condição prévia para o recomeço das expropriações nos termos da legislação vigente.

Aí se dizia também que se exceptuavam da verificação de tais pressupostos os casos de exprorpiações mais urgentes, necessárias para regularizar certas situações.

Igualmente em nota oficiosa de 21 de Fevereiro, do corrente ano, este Ministério anunciou ser já possível nalgumas zonas, por aí se encontrarem praticamente cumpridas as tarefas programadas, entrar na referida segunda fase do plano, com as expropriações indispensáveis ao cumprimento do legislado.

Na sequência destas informações e em plena continuidade duma política que claramente se explicou perante o País, o Ministério da Agricultura e Pescas enviou para o «Diário da República» algumas portarias de expropriação respeitantes a prédios pertencentes a proprietários que detêm uma pontuação muito superior ao actual limite máximo de 50.000 pontos exarado na lei.

A publicação destas portarias será acompanhada de uma notificação às autoridades civis e militares, em que se afirma que as actividades de estruturação agrária, nas áreas expropriadas, são da exclusiva responsabilidade dos organismos regionais deste Ministério, sendo severamente reprimidas todas as tentativas que, a pretexto destas expropriações, sejam desencadeadas por forças interessadas na desestabilização em zona de intervenção da Reforma Agrária.

Esta acção do Ministério não significa o recomeço dum processo maciço e incontrolado de expropriações, antes traduz a vontade de prosseguir a Reforma Agrária, de que as expropriações fazem parte integrante, pois são um modo de promover a legalidade.

As expropriações fazem parte do sereno cumprimento da lei e inserem-se num plano de actuação claro, sem intenções ocultas ou tibiezas de origem duvidosa, que este Ministério tem vindo a executar, muito embora sujeito aos ataques cerrados dos mais diversos quadrantes políticos, com origem em forças contraditórias que querem impor ao País as suas reformas agrárias, orientadas por interesses particularistas.

A execução das expropriações nada tem a ver com afirmações inflamadas, exibição de dísticos ou manifestações políticas em que se exige a «expropriação imediata de 700.000 hectares».

Para os agricultores que trabalham em terras expropriáveis e que naturalmente nelas queiram investir, a expropriação e imediata marcação de reserva são a segurança para os seus investimentos e para o seu trabalho, desenvolvidos de acordo com as indicações do M.A.P.

O M.A.P. quer ainda informar todos os que, directa ou indirectamente, estejam ligados à vida agrícola portuguesa, que promove actualmente a entrega na Assembleia da República das Bases Gerais da Reforma Agrária.

Uma das bases que será apresentada para discussão diz respeito à participação orgânica dos que trabalham como empresários, cooperantes, ou trabalhadores por conta de outrem, na legislação e execução da Reforma Agrária, de maneira a poderem criar-se órgãos regionais representativos, de acordo com o artigo 104.º da Constituição.

Até lá, o amplo processo de consulta directa a pequenos e médios agricultores, cooperativas e outras formas de exploração colectiva, a que a actual equipa ministerial meteu ombros desde que tomou posse, será a única forma de substituir órgãos criados em 1975, manifestamente desadaptados à nova realidade. Tais órgãos não se destinavam a facilitar uma real concertação social e uma consulta a todas as populações, mas tão-só a criar uma aparência de legalidade que cobrisse os designios de grupos partidários e militares minoritários.

Finalmente, presta-se um esclarecimento relativo à notícia sobre este assunto divulgado por um semanário publicado em 4 de Março passado. Diferentemente do que aí está literalmente dito, enceta-se o programa de expropriações que incide sobre 200.000 hectares de terras ocupadas e que ultrapassam os limites da lei; não se trata do segundo programa de expropriações, anunciado na já referida comunicação ministerial e que afectará 500.000 hectares de terras não ocupadas.

Acresce ainda o facto de ter sido previsto em 8 de Dezembro um prazo de 15 de Fevereiro a 30 de Março para a execução desta segunda fase e não haver, portanto, qualquer motivo para afirmar que o dia 3 de Março constitui uma data limite no calendário inicialmente previsto para a execução deste processo. Foram, aliás, alteradas as datas, de acordo com aquilo que foi dito na nota oficiosa deste Ministério no dia 21 de Fevereiro, quando nela se dizia não ter tido acolhimento o desejo governamental de uma boa colaboração para o levar a bom termo».

Bancários comunistas apoiam redução do número de bancos

«Se pretendermos que o sistema bancário colabore activamente no desenvolvimento de uma sociedade rumo ao socialismo, como prevê a Constituição, há que proceder rápida e decididamente à sua completa reestruturação», afirma num comunicado, o Organismo dos Trabalhadores Bancários de Lisboa do P. C. P. Esta tomada de posição surge logo após o seminário que se efectuou no passado fim-de-semana, na Associação Comercial Portuguesa.

Acerca da proposta apresentada pela Comissão de Reestruturação do Sistema Bancário que prevê «a transformação de 17 bancos comerciais em 7 bancos comerciais e um especializado», os bancários comunistas consideram que ela abrange apenas «um aspecto parcelar da reestruturação», «não enquadrado numa perspectiva de reestruturação global».

Apoiando a redução do número de bancos, o Organismo do P. C. P. defende simultaneamente, «o reforço da função coordenadora e fiscalizadora por parte do banco central», «o alargamento da rede de agências», «a concretização e a aplicação de uma política de crédito selectivo, tendo em vista os sectores estratégicos da economia nacional e a natureza (capitalista ou não capitalista) dos agentes económicos», «a progressiva especialização sectorial das unidades bancárias» e «o efectivo controlo da actividade bancária pelas comissões de trabalhadores».

«Estas medidas», prosseguem os bancários comunistas, «permitiriam eliminar o esbanjamento de recursos e despesas inúteis de concorrência», «tornar o crédito bancário acessível a todos os sectores da economia e a todas as regiões do País» e «alargar e melhorar o âmbito dos serviços a prestar pela Banca a toda a sociedade.»

Trabalho

«Bombarato» — Cacém: trabalhadores na rua, guardas à porta. «Quem protege os trabalhadores?» Esta a pergunta que andava no ar

G.N.R. expulsa empregadas do Bombarato (Cacém)

Mal amanhecia, um forte contingente da GNR («para aí uns dez jipes» — segundo um popular) concentrou-se junto ao supermercado Bombarato do Cacém. De capacete e viseira, dezenas de guardas tomaram posição, praticamente cercando o bairro, enquanto um grupo chefiado por um tenente e acompanhado de quatro sócios gerentes entrava no estabelecimento. De guarda ao mesmo estavam cinco trabalhadores (um homem e quatro mulheres) que foram levados para a esquadra de Sintra. Depois de identiiificados, foram soltos.

«Consumou-se aquilo que já há tempo receávamos» — afirmou-nos um dos trabalhadores. «Nós eramos obrigados a fazer piquetes para guardar dia e noite o estabelecimento, pois os patrões, depois de nos terem dado ordem de despedimento (somos ao todo 17), não só levaram o dinheiro que tínhamos em caixa, como as próprias chaves». Este facto levou-nos a contactar o Ministério da Administração Interna. Foi-nos prometido que a GNR viria investigar e dar uma solução. Afinal, veio para nos pôr na rua. Achamos tudo isto muito estranho. Há semanas que andamos de Herodes para Pilatos, procurando junto dos ministérios competentes uma solução justa para o nosso caso. E agora é isto!»

O «D. L.» referiu-se recentemente à situação dos 17 trabalhadores do Supermercado Bombarato do Cacém. Os patrões abandonaram este e os outros estabelecimentos do mesmo nome após o 25 de Abril. Os trabalhadores entraram em autogestão em Maio de 1975. Em Setembro do ano seguinte, os patrões decidiram que o ambiente era propício ao regresso. Fizeram muitas promessas, mas as suas intenções começaram a ficar claras quando decidiram fechar pura e simplesmente duas das lojas. Agora tocou a vez à do Cacém. Aqui, porém, o processo foi mais moroso. A técnica do despedimento colectivo não pegou. Os 17 trabalhadores da loja do Cacem, perante a flagrante ilegalidade do processo que os conduzia ao desemprego, decidiram manter-se nos postos de trabalho. O patrão, por seu turno, deixou de aparecer. Daí que os trabalhadores reiterem: «Nós não ocupámos coisa nenhuma. Abandonados pelo patrão, limitámo-nos a procurar garantir os nossos postos de trabalho. E conseguimos manter a loja em bom funcionamento, após as dificuldades iniciais. Temos a compreensão da maior parte das empresas fornecedoras e gerou-se um grande clima de solidariedade com as comissões de trabalhadores das firmas ligadas ao ramo. Este mês contávamos até aumentar as vendas. Quem vai lucrar agora? Há-de agora ser o patrão o beneficiário do nosso esforço, dos nossos sacrifícios, das nossas noites de vigília?»

Segundo nos afirmaram o patrão deve mais de 20 mil contos à praça, onde é conhecido pela prática habitual de irregularidades. «O que ele vai fazer agora, com certeza é trespassar isto. Sempre faz uns milhares de contos. E os trabalhadores que se governem». Comentários deste género saíam da pequena multidão que se juntou frente às portas do supermercado; onde a GNR continuava de guarda.

Entretanto, os trabalhadores não vão ficar parados. Uma comissão preparava-se para, hoje ainda, se dirigir ao M. A. I., na tentativa de obter esclarecimentos sobre a intempestiva e aparatosa acção da guarda.

Levantado um auto à têxtil Coronado

O ministro do Trabalho ordenou o levantamento de um auto de notícia à empresa têxtil Coronado, de Santo Tirso, fundamentado no despedimento ilícito de 36 trabalhadores.

A decisão, só agora tomada, tem em conta a recusa da entidade patronal em reintegrar as operárias afastadas da empresa, depois de constatada a irregularidade do processo em inquérito instaurado pelo Ministério. O conflito arrasta-se há perto de um ano, tal como «DL» noticiou, e deu origem no desrespeito pelo CCT do sector.

NOTA OFICIOSA

. . É o seguinte o texto da nota oficiosa do Ministério do Trabalho:

«Por despacho do ministro do Trabalho, a Inspecção-Geral do Ministério do Trabalho vai proceder, no uso da competência que lhe é conferida por lei, ao levantamento de um auto de notícia correspondente às infracções cometidas pela Empresa Têxtil Coronado, fundamentado no despedimento ilícito de 36 trabalhadoras daquela empresa e tendo presente o montante individual das indemnizações a que têm direito.

Recorda-se, entretanto, que já tinha sido terminada a reintegração das referidas trabalhadoras, de acordo com os mecanismos legais ao dispor do Ministério do Trabalho, depois de um processo de inquérito oportunamente ter demonstrado o afastamento ilícito, de cujo despacho a empresa recorreu para o Supremo Tribunal Administrativo.»

Previdência contempla os que não descontam por motivos políticos

Termina, dentro de dias, o prazo para os beneficiários das Caixas de Previdência, afastados por motivos de ordem política da sua actividade, e, consequentemente, impedidos de efectuar descontos, poderem requerer a contagem desse tempo para efeitos de reforma por invalidez ou velhice.

Tal direito é reconhecido pelo Decreto-Lei 839/76, de 4 de Dezembro, e os requerimentos dos interessados devem ser apresentados a uma comissão, que funciona no Palácio de S. Bento, directamente dependente da Presidência do Conselho de Ministros.

MARCADA PARA AMANHÃ

R.G.T. da Marconi decidiu nova paralisação

Os trabalhalhadores da Marconi decidiram, em Reunião Geral de Trabalhadores efectuada no dia 4, fazer nova paralisação amanhã, entre as 14 e 30 e as 18 e 30, utilizando esse tempo para discussão de propostas a apresentar numa outra RGT a efectuar pouco depois, à noite.

Esta paragem, que se segue a uma outra, de três horas, efectuada no passado dia 25, tem em vista pressionar a administração daquela empresa de telecomuniccações nas negociações do Acordo Colectivo de Trabalho que vêm decorrendo. Os principais pontos de discordância entre as partes respeitam à tabela salarial, transferência de pessoal para África e cálculo de horas extraordinárias.

A administração da Marconi mantém-se numa posição de intransigência, apesar de os trabalhadores já terem descido a sua proposta de aumento de dois mil para mil escudos, enquanto lhes é contraproposto um aumento de 800 escudos.

Um elemento da Comissão Negociadora Sindical chamou a atenção, em conferência de Imprensa realizada esta manhã no Sindicato dos Profissionais de Telecomunicações e Radiodifusão, para o facto de esta posição da administração da Marconi, por alegada incapacidade económica estar em contradição com a existência de uma verba de oito mil contos, de contraparticipação nos lucros, para distribuir por contratos confidenciais.

Sobre isso afirmaria o mesmo elemtno, Adão de Sousa, que apesar de essa distribuição ter siiiido alterada por proposta aprovada em RGT (devendo ser alargada a todos os funcioonários da Marconi), já foram distribuidos 4934 contos por 46 engenheiros e quadros, dois dos quais são neste momento administradores.

Entretanto, na mesma conferência de Imprensa, a direcção do Sindicato, por intermédio do seu presidenteee, Jaime Campos, anunciou que, muito embora respeite as decisões tomadas pelos trabalhadores nas suas reuniões gerais, pretende que os delegados sindicais da Marconi confirmem, nos locais de trabalho, a adesão à greve, antes de lhe manifestarem o seu apoio.

A adesão na última paralisação de trabalho rondou os 90 por cento,s só não tendo sido total porque, à semelhança do que aconnntece com esta outra, serão assegurados os tráfegos para todas as ex-colónias, com prioridade para todos os Governos, telegramas ou chamadas que impliquem salvação ou segurança da vida humana e outras comunicações urgentes.

Farmácias do Norte — greve em Abril?

PORTO, 8 — Reunidos em Assembleia Geral, os ajudantes de farmácia do Norte decidiram «responsabilizar conjuntamente a Associação Nacional das Farmácias e o Ministério do Trabalho pelas consequências que advirão para a saúde pública com a luta, pelo cumprimento do contrato». Frise-se que o patronato se mantém renitente no não cumprimento do C.C.T. concluído por arbitragem em Novembro de 1976.

Foi também decidido fixar em 31 do corrente mês o prazo a conceder não só ao patronato para cumprimento do contrato como também ao Ministério do Trabalho para que «tome uma posição inequívoca e pública quanto àquela obrigação patronal».

Foram ainda dados plenos poderes à direcção sindical para decretar «formas de luta mais eficazes, incluindo a greve total» logo que expirar o prazo e no caso de se manter a situação.

Por fim, os trabalhadores exigiram a revogação do despacho da Secretaria de Estado da Saúde que nomeou um grupo de trabalho para tratar dos turnos de farmácia de serviço permanente pronunciando-se pela integração proporcional e representativa dos agentes de farmácia em tal grupo.

LUSALITE

Trabalhadores esperam decisão favorável

Os trabalhadores da empresa provisoriamente intervencionada Lusalite pretendem que o sector de fibrocimento da firma deixe de ser cominado pela família Abecassis e seja colocado ao serviço do país, segundo ontem foi afirmado em conferência de Imprensa pela Comissão de Trabalhadores da empresa.

A Lusalite está sob intervenção desde Agosto de 1975, a pedido dos trabalhadores cujos postos de trabalho corriam perigo pela má gestão e boicote da antiga administração. A situação económica é actualmente positiva, acusando o exercício de 1976 alguns milhares de contos de lucro.

«Graças ao esforço dos trabalhadores e à boa gestão da Comissão Administrativa», afirmou a C.T., «a posição da empresa está estabilizada e a sua capacidade de fabrico está a chegar ao ponto de saturação».

Os trabalhadores pretendem agora que a desintervenção está imminente que a capacidade de fabrico da empresa seja ampliada, através da venda à Cimpor de 54 por cento das acções da sociedade que se encontram em carteira, ficando aquele consórcio cimenteiro com a posição maioritária do capital da Lusalite. O produto da venda das acções seria aplicado na ampliação das instalações fabris, cuja produção está longe de corresponder às necessidades do país. Segundo a C.T. afirmou ontem, a Cimpor está interessada nesta solução e, caso não venha a verificar-se o consórcio cimenteiro terá de instalar as suas próprias fábricas.

Os trabalhadores pensam por outro lado que se chegou ao momento de, ou continuar com o projecto da fábrica de Pinhal Novo cuja construção foi suspensa pela antiga administração após o 25 de Abril, ou construir outras, de acordo com o contexto económico actual.

A realização do projecto depende no entanto, do Ministério da Indústria e Tecnologia, decisão que deverá ser conhecida este mês. Os trabalhadores, que esperam que a decisão governamental seja de interesse para o país e de acordo com a sua proposta, receiam no entanto as manobras do advogado da família Abecassis, que pretende a devolução da empresa, o que poderá pôr em perigo os postos de trabalho dos 700 trabalhadores da Lusalite.

SOLTAS

MADEIRAS

«O nosso sector foi um dos primeiros, senão o primeiro, a ser atingido pelas consequências da publicação do conhecido decreto dos 15 por cento, ou 49-A/77, que é um verdadeiro estendal de medidas mutiladoras dos direitos dos trabalhadores», afirma a direcção do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Madeira do Distrito de Lisboa, referindo-se ao impasse em que se encontra a regulamentação colectiva de trabalho para o sector.

NA JANSON

«Não estando dispostos a pagar a crise dos capitalistas», os trabalhadores da Janson-Equipamentos Industriais e Ferramentas decidiram, em plenário recente, adoptar as formas de luta convenientes para fazer valer os seus direitos perante a situação de falência da empresa, que lançará 60 pessoas no desemprego. Estão neste momento em débito os salários de Fevereiro, apesar de haver dinheiro suficiente para os pagar, segundo os trabalhadores.

CORREIOS

«A medida decretada pelo Governo de abrir algumas estações de correios ao sábado não vem beneficiar o público em geral nem permitir uma melhoria de serviços, e apenas serve de capa ao Governo para justificar o aumento nas taxas», entenderam os trabalhadores dos CCT presentes no plenário realizado em Lisboa, no dia 4. Aquela medida está a suscitar franca oposição entre o pessoal dos CTT, que não está disposto a prescindir do descanso ao sábado, que é uma conquista da classe.

REFORMADOS

Um público alerta para a proposta de lei que visa o financiamento dos partidos pelo Estado foi lançado no decurso da tomada de posse da Comissão de Reformados de Torres Vedras, realizada no sábado com a presença do Grupo de Trabalho de Reformados da C.G.T.P.-Intersindical. «Se se pede austeridade ao povo inteiro, como é que se pode gastar dinheiro do Estado com o financiamento dos partidos?», perguntam os reformados.

TÉCNICOS DE DESENHO

Os técnicos de desenho abrangidos pelo CCTV dos Metalúrgicos foram convocados pela direcção do seu Sindicato para reuniões a efectuar amanhã à noite em Lisboa e Porto, para análise da situação e das formas de luta imediata a desenvolver, e perspectivas futuras. As reuniões realizam-se na sala do Sindicato do Comércio, em Lisboa (Av.ª da República, 29), e nas instalações do Sindicato dos Trabalhadores do Vestuário no Porto.

Nacional

SINES EM MARÉ DE PROTESTOS (5) - CONCLUSÃO

Das crianças aos adultos: um "mundo" de coisas por

Rogéro Vid...
José Tavares

Em 1972, quando o plano parcial esboçado para um novo centro urbano se encontrava «eminentemente dependente da elaboração e aprovação de um plano geral» para a área de Sines, o Grupo de Trabalho que estudava o conjunto dos problemas aconselhava «o arranjo e ampliação dos núcleos urbanos de Sines e de Santiago de Cacém (com predomínio do primeiro) para acolhimento dos agregados familiares correspondentes ao primeiro milhar de empregos».

Em consequência dessa solução, o mesmo Grupo de Trabalho aconselhava «o provimento nesses aglomerados expandidos, das correspondentes infra-estruturas e serviços, designadamente: redes viárias de abastecimento de águas, de rejeição de efluentes e lixos, de energia eléctrica e equipamento de instrução e educação, de saúde e cultura e de recreio e lazer».

Um ano e meio depois, quando sobreveio o 25 de Abril, com mais de um milhar de pessoas no trabalho, Sines não tinha, na verdade, quase nada do que estava previsto no papel, neste campo. Como já assinalámos, neste momento o número de trabalhadores no complexo deve ultrapassar os oito mil e, a nível urbano, muito pouco se evoluiu, enquanto no que respeita à educação, saúde, preenchimento dos tempos livres, etc., o marasmo é mais do que evidente.

As populações ressentem-se, muito naturalmente, deste estado de coisas. No que à juventude respeita muito concretamente, assinala a União dos Sindicatos de Sines, no seu relatório de actividades: «É urgente desenvolver uma ampla acção junto das entidades oficiais e fazer entender que, neste momento, Sines está a ser considerado um dos maiores centros de droga do País».

E acrescentava o documento: «É preciso incentivar um departamento de juventude, tempos livres, cultura, desporto e recreio». Referindo-se ainda a um outro aspecto das modificações operadas em Sines, referia a USS: «Devido às expropriações selvagens efectuadas pelo GAS, os pequenos agricultores e trabalhadores rurais sofreram a fatalidade que acontece a qualquer trabalhador não especializado: carregar baldes às costas na construção civil».

Conclusão tirada pela USS: «Temos que lutar para que sejam criados, em Sines, Cursos de Formação Profissional».

Em conversa com um jovem professor de Sines, apercebemo-nos de que existem aspectos verdadeiramente dramáticos na situação social que se vive naquela vila: Como exemplo, apontamos o que se passa, pois que a partir do antigo quarto ano liceal não existe possibilidade de os jovens prosseguirem os seus estudos. Dá-se então a «fuga» para Santiago de Cacém, vila que a semelhança do que acontece na saúde, se encontra notavelmente melhor apetrechada.

Como se isto não bastasse, na Escola Secundária existente, os jovens não encontram as instalações adequadas à prática do desporto, tal como a de quaisquer outras actividades de preenchimento dos tempos livres.

O panorama não é portanto, nada animador, num centro urbano onde a «explosão demográfica» é evidente, com a introdução de novos hábitos, mutações claras no tipo de vida, sem que a isso corresponda um conjunto de medidas que permita evitar certos «desastres»...

UMA «CHANCE»

A situação que relatamos era idêntica no que respeitava à assistência prestada a crianças, embora existisse da parte da Casa dos Pescadores uma «creche».

Entretanto, bem perto do centro da vila, existia o centro local do Instituto de Obras Sociais, bastante bem equipado, com instalações que permitiam albergar perto de 300 crianças, mas... cuja utilização estava reservada às veraneantes, ou seja, a ocupação real era de cerca de 60 dias por ano. Então, era o tempo dos jardins, em quatro hectares e meio, muito bem tratados, de que a população ouvia falar e nada mais.

A 1 de Maio de 1974 — relata-nos um dos membros da Comissão Instaladora que têm trabalhado, desde então, na criação de novas estruturas (sem êxito muitas vezes...) — «pensou-se na ocupação do Instituto de Obras Sociais e o que aconteceu foi meramente simbólico porque não quisemos fazer de outra maneira. A partir de então passámos a utilizar um dos dois edifícios, aquele a que era chamado a «pousada».

E continua o nosso entrevistado, Luís Ferreira da Costa:

«No que respeita a um controlo efectivo do IOS aqui em Sines, ele só aconteceu em Janeiro de 1975. Isto era «uma quinta do Veiga de Macedo», é uma coisa com um património riquíssimo espalhado por todo o País. Com o primeiro Governo Provisório, a atitude do secretário de Estado foi entregar os estabelecimentos às populações. Mas, no segundo Governo Provisório, com a entrada de novo secretário, houve alguns problemas.

«A Comissão Administrativa do IOS que tinha à frente um homem progressista, continuou a descentralizar e a entregar a gestão dos estabelecimentos a comissões locais. E chegou-se, finalmente, às Comissões Instaladoras que, aqui, foram eleitas em Janeiro de 1975. Como condição que se pôs à partida, era que a maioria dos membros dessas comissões instaladoras fosse reconhecida pelos sindicatos.

«Depois disso, a primeira iniciativa que surgiu foi a do Jardim Infantil. Éramos inexperientes e o IOS punha-nos a questão da obrigatoriedade de isto abrir com uma educadora de infância. Acabamos por abrir em Maio sem a educadora que acabaria por chegar em Junho.»

E AO PRINCÍPIO

E ao princípio foram vinte e tal crianças que entraram para as instalações do IOS de Sines. Mas rapidamente o seu número crescia e em Dezembro de 1975 estavam lá 80. Paralelamente, cerca de 60 Comissões Instaladoras de organismos do IOS de todo o País reuniam-se no sentido de obterem o controlo do Instituto a nível geral. Dessa diligência resultou a eleição de um Secretariado das Comissões Instaladoras que acabou por ser homolgado no tempo do V Governo, embora sem quaisquer efeitos concretos.

O Novembro de 1975, aqui como noutros pontos, teve os conhecidos efeitos: demissão da Comissão Administrativa do IOS por se considerar desfasada em relação ao (novo) ministro de que dependia. Relata-nos Ferreira da Costa:

«A Comissão Administrativa que se seguiu, já com ideias diferentes no que respeita ao Instituto, foi nomeada de acordo com o novo ministro. Por isso mesmo, em Novembro de 1975 contactei com o presidente da Comissão e pedi-lhe que viesse a Sines, pois estava à espera que eles demitissem as Comissões Instaladoras. Disse-me que sim senhor, mas até hoje...»

Entretanto, em Sines, os problemas avolumavam-se à medida que era impossível admitir mais crianças por falta de pessoal: uma proposta de admissão de uma servente feita em Abril de 1975 continua por obter resposta nestes primeiros meses de 77. Em lista de espera encontram-se permanentemente entre 50 e 60 crianças, mas muitas outras cujas mães não estão empregadas deveriam também ter o direito de ali passar o dia.

Diversas reuniões marcadas para Sines com a Comissão Administrativa do IOS foram sendo sucessivamente proteladas com diversas desculpas da parte desta, inclusivamente a informação, num dos casos, de que se tinham esquecido da reunião aprazada. Com 150 pretendentes à entrada, um plano de admissão de crianças e outro de pessoal continua igualmente sem resposta.

E AGORA

Um despacho do actual secretário de Estado da Segurança Social criou, entretanto, um órgão para gerir estes estabelecimentos, mas considera Ferreira da Costa que eles são totalmente alheios às actuais Comissões Instaladoras: o director será nomeado pelo Governo e dele farão parte representantes dos pais da autarquia local, e dos trabalhadores.

A actual Comissão Instaladora encontra-se, assim, numa fase de quase passividade. Por outro lado, o cargo já é exercido há muito tempo, sem que encontrem da parte dos órgãos representativos da população e dos trabalhadores, o entusiasmo que consideram indispensável. Por outro, toda uma situação de provisoriedade, inclusivamente nas instalações da educadora infantil, mantém-se. E mantém-se com o pedido da Comissão Administrativa, no sentido de que a actual Comissão Instaladora se mantenha até à nomeação do director para aquele estabelecimento.

Num dos edifícios (dos dois existentes), o IOS tem capacidade para instalar 150 crianças em boas condições. O outro poderá servir de suporte a diversas actividades da população que até agora se manteve arredada da iniciativa, apesar das diversas diligências encetadas pelos elementos da Comissão Instaladora.

E isto apesar dos benefícios que claramente a população pode obter. No caso concreto do Jardim Infantil que já ali funciona, vejamos o que se passa com os preços praticados:

«A tabela que elaborámos tem em conta o rendimento por pessoa do agregado familiar e elaborou-se uma tabela progressiva: até o rendimento de 1500$00 a tabela é de 150 escudos, enquanto que para rendimentos superiores a cinco contos se aplica uma percentagem de 20 por cento. Segundo já verificámos, em média, mais de metade dos miúdos que

Um porto assoreado, com pescadores na construção civil!

Pescadores: nada melhorou

O número de pescadores em Sines diminui ao longo destes poucos anos de 1200 para 720. «No aspecto de pesca artesanal apresentaram-se dificuldades e os pescadores perguntaram melhores modos de vida, perguntaram empregos em terra, na construção civil e na construção do porto e houve uma série de barcos que foram vendidos derivado à falta de pescadores».

Quem nos fala dos problemas dos pescadores é Carlos Espadinha, dirigente do Sindicato respectivo de Sines. Tem 32 anos, dos quais passou 21 nas fainas do mar, o seu ganha-pão. Sobre as condições em que laboram actualmente conta-nos ele: «No que respeita ao porto de Sines, isto não tem nada que sirva para a gente. Já fizemos vários contactos no Gabinete da Área de Sines e disseram-nos que o porto pesqueiro será mais para baixo. Prometeram-nos uma melhoria do actual cais de encosto, o afundamento disto para facilitar as atracagens, mas até agora nada disso foi feito».

Até agora, no que respeita aos pescadores apenas foi feita uma pequena muralha, o que evita que os barcos tenham de ir abrigar-se em Setúbal ou Sesimbra, como acontecia dantes. Em contrapartida, a maioria da sardinha tem de ser enviada para outros portos, pois em Sines não existe o mínimo de condições no que respeita ao «frio». Por isso, no ano passado algumas toneladas de peixe voltaram para a água...

«Para nós pescadores, pode dizer-se que a única coisa boa que aqui apareceu foi uma cooperativa de pesca artesanal. Melhorou-se, alguma coisa, pouca, no aspecto de os pescadores ganharem mais «algum», mas não se melhorou como poderia ter sido, porque as pessoas não acompanham a «Revolução».

Isto diz-nos Carlos Espadinha que acrescenta: Não tem havido problemas de maior e isso até tem sido um estímulo para todos os outros, pois agora até há muita gente que gostaria de se organizar em cooperativa. Mas os problemas são de crédito porque não o conseguimos...»

No I.O.S., em quatro hectares e meio de espaço: os pavilhões da população

PUB

temos que viver
com aquilo que temos

Nacional

...or resolver

Vid...l (texto)

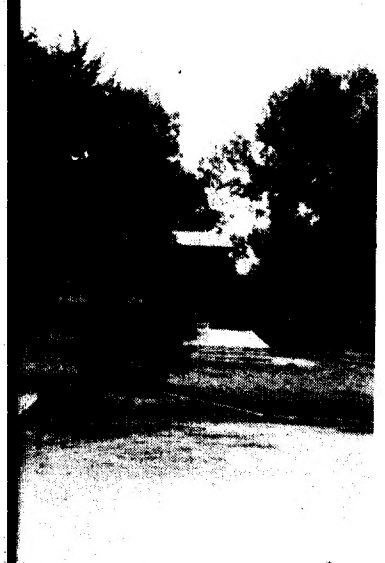
...avares (fotos)

...u- aqui temos pagam menos de 300 escudos. E só seis pagam mais de 500 escudos. Isto dá uma média de 300 escudos, quando, pelas nossas contas, os gastos por criança são de 1500 escudos mensais.»

AS FALECIDAS INICIATIVAS

Num dos edifícios, aquele que não tem crianças, já morreram diversas iniciativas intentadas pela Comissão Instaladora. Ali «viveram» a União dos Sindicatos de Sines (que tem novas instalações), a Comissão do Carnaval, uma sala de jogos onde era possível praticar judo (o que aconteceu durante dois ou três meses), o Centro de Medicina do Trabalho (agora em novas instalações que custaram 1500 contos e que poderia ter continuado naquele edifício onde há salas de sobra...), e até um bar que não logrou obter o entusiasmo suficiente, da parte dos jovens, a ponto de os levar a praticar desporto nas instalações do IOS.

E até uma Comissão de Desporto ali floresceu... e foi talvez a que melhores frutos obteve:



...es e o jardim, agora ao dispor

«Foi essa comissão que promoveu a criação de um parque de jogos que está a ser aqui construído. Em 1975 conseguimos que uma empresa fizesse a terraplanagem, uma outra forneceu a brita necessária, agora falta a terceira fase que é a betuminagem daquilo.

Para ali está prevista a construção de quatro campos de jogos polivalentes, uma pista de atletismo, um campo de saltos.

Já foi contratada uma empresa para a betuminagem, no valor de mais de 700 contos, mas ainda não foi possível terminar a obra por causa do tempo. Quanto ao dinheiro, a Câmara vai arranjar uma verba e a Direcção-Geral de Desportos também já foi contactada.

URSS

Nos anos 20, existiu em Sines uma banda cuja sigla era URSS (União Recreativa Sport Sineense). Foi a sua desgraça, pois com o aparecimento do salazarismo, em 1926, os instrumentos ficaram lá por um canto e a banda foi remetida ao silêncio.

«Depois do 25 de Abril ressurgiu a ideia, nós arranjámos uma sala, trouxeram os instrumentos, vieram os carolas. Nós contactámos o FAOJ que deu 25 contos para reparação de instrumentos. E em 1976 arrancaram com uma escola de música» — relata-nos Ferreira da Costa.

«Continuamos a ter a ideia de que a possível ocupação das instalações poderia ser por exemplo feita com as crianças da escola que aqui poderiam vir passar os tempos livres, uma vez que não existe nada do género aqui em Sines e a maioria das crianças têm pais que trabalham. Não sabemos, na realidade, qual irá ser a utilização futura disto, mas temos estas ideias que se inscrevem nos próprios objectivos do IOS.

«É que aqui o edifício tem características diferentes das que existem noutras cidades e por isso isto deve estar ligado à população. É claro que, em contraposição ao que isto era antes do 25 de Abril, já há pessoas que dizem: «Ah, mas agora os jardins estão todos estragados e antes estavam tão bonitos».

«Mas nós respondemos: 'Agora os jardins e tudo isto estão abertos à população'. De facto, agora quem quiser vir para aqui, passear, estar, ler, pode fazê-lo livremente, ao contrário do que acontecia antes, quando havia uma utilização de dois meses por ano, com o zelador encarregado do jardim, onde ninguém podia entrar.

No campo cultural, com a colaboração do FAOJ, ainda conseguimos fazer algo,,, como por exemplo, trazer aqui algumas companhias de teatro, em 1975. Assim, estiveram aqui grupos como o da Escola Técnica de Almada, o Grupo de Teatro da Atalaia, o Teatro Experimental de Cascais, o Grupo 4 e outros.»

A (FALTA DE) SAÚDE

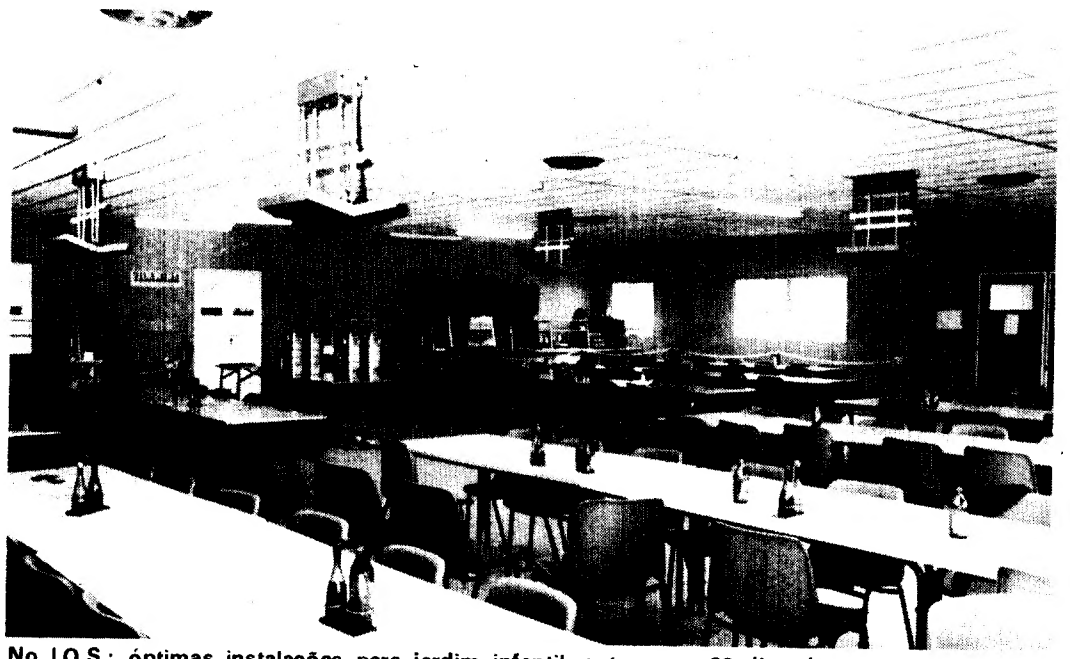
A saúde também está «doente» em Sines. O velho hospital, mal colocado, com maus acessos e demasiado pequeno acabou por deixar de funcionar como tal. Não existe, portanto, um simples posto de urgência numa vila com mais de 20 mil pessoas. Em casos mais graves, o recurso é Santiago de Cacém, a 17 quilómetros, ou os dois médicos particulares existentes na vila.

«Mas» — diz-nos o dr. Sílvio Ferraz — «tanto eu como o meu colega não podemos estar sempre prontos a acorrer a todas as chamadas. E por isso há um caminhar constante para Santiago...»

No entanto, no plano geral de Sines, estava prevista a construção de um hospital de 600 camas, que deveria resolver o problema da assistência para toda a região. Hoje, sem que nada se tenha feito nesse sentido, considera aquele clínico: «Não vejo viabilidade num projecto desses». E acrescenta: «Acho que era preferível apetrechar convenientemente o hospital de Santiago, até pela curta distância a que nos encontramos daquela vila».

Mas, a população de Sines também neste ponto regista um acentuado descontentamento com a situação que se vive. De facto, os meios de apoio ao diagnóstico são quase totalmente inexistentes. «O primeiro laboratório de análises surgiu há pouco tempo e é particular. Para radiografias vai-se à vizinha sede do concelho...»

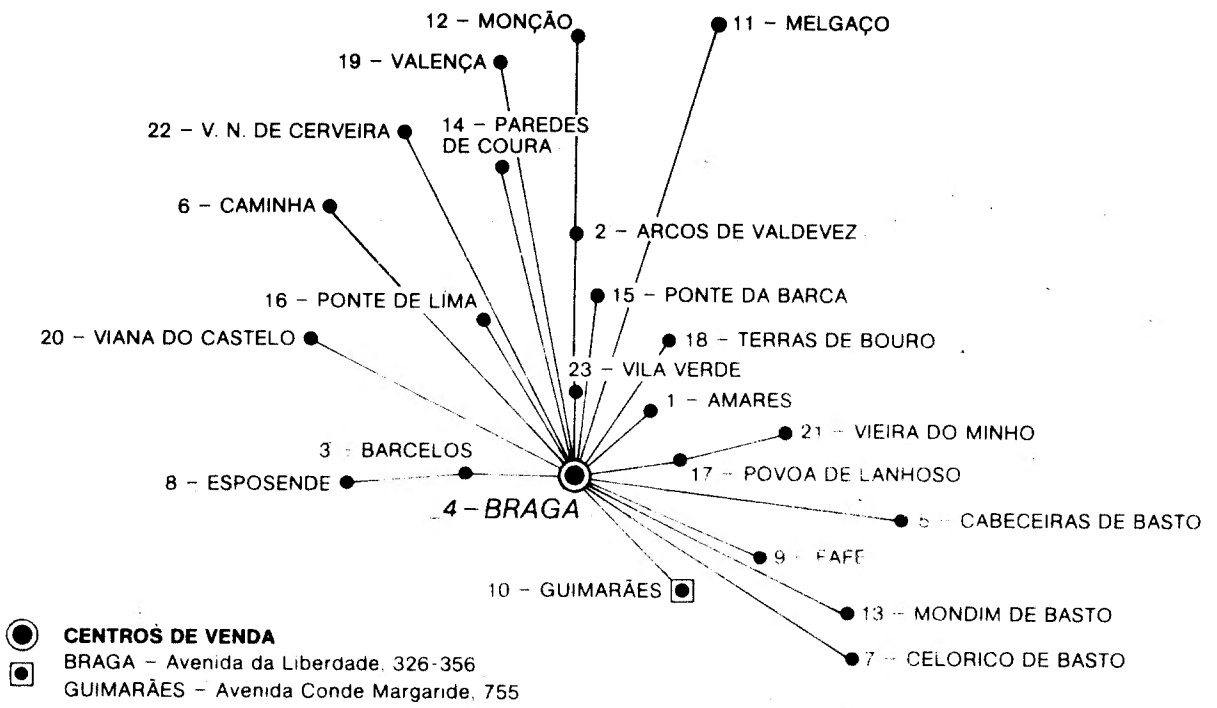
E isto apesar de ter melhorado sensivelmente a assistência, com a criação de um «Centro Comunitário» de assistência médica, que conglomera os serviços da Previdência e da antiga Mútua dos Pescadores. Mas, a partir das 17 horas, os doentes, em casos de urgência estão praticamente desprotegidos. É que os policlínicos do Serviço Médico à Periferia, sediados em Santiago e que ali se deslocam em apoio aos dois clínicos locais, retiram-se nessa hora. E pronto.



No I.O.S.: óptimas instalações para jardim infantil, antes com 60 dias de utilização por ano. Esta é a «sala de jantar» que conta com o apoio de uma cozinha equipada para fornecer algumas centenas de refeições por dia. Noutros pavilhões foram instalados os dormitórios para as crianças

sonarte

Salvador Caetano
I.M.V.T. - S.A.R.L.
representante em Portugal da
berliet informa que nomeou
Salvador Caetano
Comércio de Automóveis-(MINHO), S.A.R.L.
concessionário berliet
para a seguinte área:



CENTROS DE VENDA
BRAGA – Avenida da Liberdade, 326-356
GUIMARÃES – Avenida Conde Margaride, 755

CENTRO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA/OFICINAL
GUIMARÃES – Avenida Conde Margaride, 755

Salvador Caetano – Comércio de Automóveis (MINHO), S.A.R.L. informa os seus estimados clientes que passou a ser concessionário berliet para a seguinte área (concelhos)

Área (MINHO) concelhos

1 – AMARES
2 – ARCOS DE VALDEVEZ
3 – BARCELOS
4 – BRAGA
5 – CABECEIRAS DE BASTO
6 – CAMINHA
7 – CELORICO DE BASTO
8 – ESPOSENDE
9 – FAFE
10 – GUIMARÃES
11 – MELGAÇO
12 – MONÇÃO
13 – MONDIM DE BASTO
14 – PAREDES DE COURA
15 – PONTE DA BARCA
16 – PONTE DE LIMA
17 – POVOA DE LANHOSO
18 – TERRAS DE BOURO
19 – VALENÇA
20 – VIANA DO CASTELO
21 – VIEIRA DO MINHO
22 – V. N. DE CERVEIRA
23 – VILA VERDE

Estrangeiro

CIMEIRA AFRO-ÁRABE

Quarenta milhões de contos de auxílio saudita à África

Dirigentes de 60 países árabes e africanos, animados por uma promessa saudita de mil milhões de dólares (cerca de 40 milhões de contos) em auxílio económico para África, procuravam hoje consolidar a sua solidariedade.

A decisão do auxílio, que o ministro dos Negócios Estrangeiros saudita, príncipe Saud Al-Faisal, anunciou ontem na inauguração da primeira Cimeira Afro-Árabe no Cairo, foi recebida com um misto de surpresa e agrado pelos delegados.

A promessa representava quase 50 por cento de um pedido inicial africano para um auxílio dos Estados Árabes num total de 2,2 mil milhões de dólares.

Um importante delegado africano manifestou a sua satisfação e especulou que a quantia pedida poderia mesmo ser excedida numa aparente referência à perspectiva de mais contribuições, particularmente de outros Estados do golfo.

A assistência árabe à África constituia uma espinhosa questão para a Cimeira, que deverá durar três dias, e os ministros dos Negócios Estrangeiros passaram uma parte considerável de uma reunião preparatória de quatro dias a discutir o assunto.

Observadores notaram que a Arábia Saudita não especificou quando ou como distribuiria a maior parte daquela verba.

O príncipe Saud apenas deu pormenores sobre uma quarta parte da quantia, afirmando que o restante seria canalizado através do Fundo de Desenvolvimento Saudita e entregue aos competentes órgãos árabes e africanos.

Aproveitando a realização da Cimeira no Cairo, o presidente libanês, Elias Sarkis, teve ontem uma intensa série de conversações com chefes de Estado árabes sobre a situação no Sul do Líbano, declararam fontes afectas à conferência.

O presidente ugandês, Idi Amin, atraiu as atenções na sessão de abertura da conferência com um discurso em que atacou violentamente os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e outros imperialistas, que, disse, estarem a explorar os recursos naturais da África e a utilizá-los para fabricar bombas de hidrogénio e outras armas.

Afirmou que «forças imperialistas» apoiavam a África do Sul e a Rodésia, enquanto pretendiam auxiliar as maiorias negras nesses países a conquistar o poder.

Outro orador, Yasser Arafat, presidente da Organização de Libertação da Palestina (OLP), explicou a odisseia do seu povo que disse ser vítima do sionismo e do imperialismo.

Incitou os delegados a «manter o vosso compromisso revolucionário de apoiar a nossa luta (palestiniana) que é inseparável da vossa luta».

Apoio veemente de Carter a Israel

Uma pequena frase do presidente James Carter, proferida durante a primeira série de negociações do dirigente norte-americano com o primeiro-ministro israelita, Ythzak Rabin, causou grande espanto entre os jornalistas. Vincando o seu veemente apoio a Israel, Carter declarou que era necessário proporcionar «fronteiras defensáveis» a Telavive. Desde 1972 que nenhum presidente norte-americano utilizava esta fórmula, abandonada a favor de «fronteiras seguras e reconhecidas», expressão utilizada na resolução 242 do Conselho de Segurança da O. N. U.

Escorregadela diplomática do presidente? Na opinião da maioria dos observadores, Carter escolheu propositadamente a frase em causa, para vincar fortemente o seu apoio a Israel. Isto, muito embora o secretário de Estado, Cyrus Vance, tenha declarado posteriormente que os E. U. A. continuariam a defender a resolução 242.

Ythzak Rabin, o primeiro dos governantes do Médio Oriente a visitar Washington, no âmbito do programa neste sentido estabelecido por Carter, terá hoje novas conversações com o presidente norte-americano. Pensa-se que as questões bilaterais dominarão o encontro de hoje.

Num comunicado emitido ontem após a primeira série de debates, afirma-se que estão criadas condições favoráveis para o recomeço das conversações de Genebra.

Enquanto isto, no Sul do Líbano, guerrilheiros palestinianos «moderados» ocuparam as instalações dos seus camaradas «radicais» em Nabatieyeh. A operação saldou-se por 25 mortos e 35 feridos. Tratou-se de fazer despoletar uma situação crítica, que poderia levar ao reacender da guerra civil libanesa e a um estado de enorme tensão com Israel. Foi a «Al Fatah» e a organização «Saika» pró-síria, quem tomou conta da operação dirigida contra a «frente de rejeição», agrupamento de extremistas palestinianos, que sabotam as iniciativas de paz no Médio Oriente.

Ajuda a suprimir a preocupação das folgas dos

Dentes Postiços

Não se preocupe mais nem se apoquente com a dentadura postiça solta. DENTOFIX um pó especial para polvilhar as suas placas. Fixa as mesmas firmemente de modo que lhe proporciona maior conforto. Acalma e refresca as gengivas causticadas pelo ácido excessivo da boca. Evite aborrecimentos acasionados pelas placas folgadas. Peça hoje mesmo DENTOFIX em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

SISMO NA ROMÉNIA

Até ontem à noite eram 1034 mortos

De acordo com o último balanço oficial divulgado, eleva-se a 1034 o número de mortos vitimados pelos sismos que abalou a Roménia na passada sexta-feira. A notícia foi dada pela agência Agerpress ontem à noite. Só em Bucareste ocorreram 810 mortes, perecendo mais 224 pessoas nas regiões limítrofes. O saldo oficial dos feridos ronda pelos 6185, tendo sido declaradas como «sinistradas» 195 empresas. A Agerpress refere ainda que houve grandes perdas na agricultura e na pecuária mas afirma que, devido aos esforços que têm sido desenvolvidos pelas populações, a Roménia aos poucos readquire o seu ritmo de trabalho, agora acelerado, para alcançar mais rapidamente a recuperação. Entretanto, a France Press diz que parece terem morrido várias entidades do mundo artístico e cultural romeno. A Imprensa cita os nomes da poeta Veronika Porumbaku, do escritor Alexandre Ivashyuk, da cantora Doina Badea e do actor Toma Karadju. Sabe-se também que nenhum político foi atingido fatalmente pelo sismo, mas os jornais noticiam que um membro do Comité Central do PC Romeno teve que ser retirado dos escombros do edifício onde residia.

O presidente Nicolae Ceausescu encontra-se agora numa digressão pelo país. Já ajudou a retirar uma jovem do meio dos destroços e acusou de incompetência alguns elementos das equipas de socorro que desempenhavam um trabalho que a rádio de Bucareste chamou de superficial e burocrático.

Ao mesmo tempo, continuam a chegar auxílios provenientes de vários países e entidades, tais como Cruz Vermelha do Canadá, Suécia, UNICEF, União Internacional dos Transportes Rodoviários, Estados Unidos e Jordânia.

Governo belga em apuros

O governo belga joga hoje o seu futuro: Leo Tindemans, primeiro-ministro desde 1974, fará hoje uma declaração ao Parlamento, à qual poderá seguir-se um voto de confiança, que, por sua vez, poderá acarretar a queda do governo.

O governo é uma coligação cristã-liberal, mas já não dispõe de maioria no Parlamento e a sua sobrevivência depende da abstenção dum grupo linguístico extremista flamengo. Além deste grupo, outro poderá salvar o governo, no derradeiro momento: o Partido Liberal de Bruxelas (que dispõe de três votos).

O clima político vem-se adensando há semanas, na Bélgica, aonde o Primeiro-Ministro português, o dr. Mário Soares, chegará no próximo dia 11. O conflito linguístico flamengo-francês está, como sempre, presente na complicada política belga. Mas acima de tudo é um conflito social, semelhante aos que marcam a vida dos países da C.E.E., que agrava a situação. O agravamento da situação económica é mais sensível na Bélgica que, por exemplo, na França e na Alemanha (os dois «gigantes» da C.E.E.). A inflação e a estagnação económica continuam a verificar-se no país. Numa tentativa de remediar a crise, o Primeiro-Ministro apresentou um plano de austeridade, que, como todos os seus congéneres, imbuídos da ideologia capitalista, lança o peso da crise sobre as classes trabalhadoras. De facto, um dos pontos fulcrais do plano é o aumento da taxa de valor acrescentado sobre os produtos de consumo, o que afecta imediatamente o nível de vida das camadas mais desprotegidas. A isto ripostaram unitariamente os sindicatos socialistas (ligados ao P.S., partido da oposição) e cristãos (ligados ao governo).

Pensa-se que o governo Tindemans, no caso de sobreviver à luta parlamentar de hoje, dissolverá o Parlamento em Abril e marcará as eleições legislativas antecipadas para Junho.

ESPANHA

Poderá ter surgido o partido do Governo

Um novo partido, a Federação Social Independente, F. S. I., requereu ontem às autoridades espanholas a sua legalização. Considera-se que este novo partido reflecte as opiniões de, pelo menos, parte do Governo, embora os seus dirigentes afirmem que não são «um partido governamental». A F. S. I. surge sem ministros mas com muitos deputados das Cortes ligados ao ministro do Interior, Rodolfo Martin Villa. Esta iniciativa está a ser considerada muito importante porque é a primeira diligência nítida da parte de alguns sectores dos mais influentes do actual Governo para permanecer no poder. O aparecimento da F.S.I. poderá mudar - também, significativamente, o equilíbrio de forças políticas que deverão participar nas prometidas eleições deste ano que, por lei, deverão ser realizadas antes de 30 de Junho. Sobre o novo partido, Suárez ainda nada disse.

Entretanto, no passado domingo, os neofranquistas da «Aliança Popular» de Fraga Iribarne, reuniram-se no seu primeiro congresso em ambiente que, segundo o correspondente da Anop, em alguns momentos chegou à histeria. Igualmente os socialistas do P.S.O.E. Renovado estiveram em congresso, adoptando uma linha mais próxima do secretariado nacional.

Por outro lado, as autoridades espanholas já identificaram o assassino do estudante Arturo Ruiz Garcia, cuja morte iniciou, em fins de Janeiro, a chamada «semana sangrenta». Trata-se de um desempregado de 29 anos, José Inácio Fernandez, que testemunhas viram pegar na pistola do fascista argentino Jorge Cesarsky e disparar dois tiros sobre o jovem. Supõe-se que Fernandez tenha fugido para a França.

Prosseguem as investigações sobre o assassínio dos advogados comunistas das Comisiones Obreras. Por outro lado, a polícia foi ontem obrigada a mandar evacuar um dos grandes armazéns «El Corte Inglés» depois de aí terem sido encontradas nove cargas de dinamite ligadas a um sistema de relógio. Não se sabe se a dinamite foi colocada para explodir ou apenas para causar pânico. Entretanto, em Málaga, extremistas de direita atacaram um grupo de comunistas, que fazia propaganda do seu partido, utilizando correntes e outros objectos contundentes. A propósito: círculos comunistas de Madrid declaram que Dolores Ibarruri, «La Pasionária», só regressará depois da decisão do Supremo Tribunal sobre a legalização do P.C.E., decisão esperada para o fim dete mês.

Por fim, os porta-vozes de uma maioria de grupos políticos da Catalunha, que estiveram reunidos em Barcelona, disseram que os catalães deverão votar pelos candidatos que se pronunciarem pelo restabelecimento de estatuto de autonomia desta província, promulgado em 1932.

Paquistão: vitória esmagadora de Ali Bhutto

O primeiro-ministro paquistanês Zulfikar Ali Bhutto, conduziu ontem o seu partido a uma esmagadora vitória eleitoral, que de tão flagrante ocasionou já alegações de fraude.

O dia das eleições foi marcado por diversos incidentes entre membros do Partido Popular do Paquistão (P. P. P.) de Bhuttto e a Aliança Nacional Paquistanesa, da Oposição, que originaram oito mortos e 143 feridos.

Os últimos resultados (não oficiais) dão ao P. P. P. 52 lugares no Parlamento contra 17 da oposição e Bhutto parece certo de vir a conseguir uma maioria superior a dois terços nestas eleições, as primeiras desde há sete anos.

O P. P. P. ganhou lugares que os seus quadros esperavam perder, e este facto, aliado à grande margem de avanço sobre a oposição, levantou entre diplomatas e paquistaneses neutrais uma hipótese de fraude.

Os partidários de Bhutto consideram todavia, que esta vitória confere carta branca, a Ali Bhutto, para prosseguir a sua política firme iniciada há cinco anos.

PUB

PEDRAS D'EL-REI GESTÃO E TURISMO, SARL

Capital social: 15.000 c.

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral Ordinária

São convocados os Srs. Accionistas da Sociedade Pedras d'El Rei-Gestão e Turismo, S.A.R.L., para se reunirem em Asssembleia Geral em sessão ordinária, que terá lugar na Rua do Almirante Pessanha n.º 16-3.º direito em Lisboa, no próximo dia 25 de Março de 1977, pelas 11.00h, com a seguinte ordem do dia:

1. Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal referentes ao exercício de 1976;
2. Autorizar o Conselho de Administração a alterar garantias concedidas a instituições de crédito.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1977

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

João Duarte Liebermeister Mendes de Vasconcelos Guimarães

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Televisão

Canal da Crítica

Por MARIO CASTRIM

GAROTICES DOS VINTE ANOS

. A RTP fez ontem 20 anos. Falta-lhe um para a idade oficial da responsabilidade, sendo certo que o 25 de Abril deveria autorizar-lhe a emancipação. Pelo que não lhe poderão ser perdoadas leviandades e garotices como as de ontem — sob pena de parecer sofrer de atraso mental ou, o que é mais grave, de atraso temporal.

Ontem ficámos a saber quanto ficamos a dever à RTP, nestes últimos 20 anos, em matéria cultural, em divulgação das nossas riquezas espirituais, do conhecimento dos nossos valores. Não queiram saber: eles foram os nomes da «música séria», os dramaturgos, os grandes nomes da nossa literatura. Que, só para falarmos nestes últimos, podem citar-se: Jaime Cortesão, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Alves Redol, Mário Sacramento, e tantos, tantos outros. A quem, dentro da sua função cultural, a RTP pura e simplesmente fechou as suas portas, a pontos de não nos restar deles um único apontamento televisual.

Chegou-se ao cúmulo de apresentar a RTP, com os seus repórteres «na f nção de informar o público (!) a transmitir cenas da guerra colonial... Que diabo, já agora podiam recordar-nos com imagens o desesperado «adeus até ao meu regresso».

Foi repugnante, leitor. Abaixo de toda a crítica. Só vendo se acredita, mas isso eu não desejo nem ao meu pior inimigo.

Vinte velas? Sim. Mas das grandes, daquelas que se usam nos funerais.

ONZE DE MARÇO? NÃO HOUVE

Pessoa medianamente sensata e medianamente com o coração do nosso tempo, diria mais ou menos isto frente às câmaras: Meus senhores: a Televisão portuguesa, salvo raríssimas excepções pessoais, foi durante 17 anos uma vergonha, uma infâmia, uma coisa que só de falar-se nela já cheira mal. De maneira que, para festejar a libertação do nosso povo, vamos apenas falar do que vale a pena falar-se: da Televisão depois do 25 de Abril».

Era verdade. Era bonito. Mas não se fez. E só o facto de se não ter feito, mostra como a doença que persiste (ou que reentrou) na RTP é muito mais grave do que se supunha.

Não falemos já das rubricas e dos nomes olvidados. Esquecimentos há muitos e às vezes não é por mal. Por mal são os nomes lembrados, quantas vezes...

Para fechar este capítulo (que nos levaria muito longe...) vejam só isto: depois da queda do fascismo as datas individualizadas foram o 25 de Abril (com imagens frouxas, quase melancólicas, e vozes retiradas da Rádio...) e o 25 de Novembro. Nicles para o 28 de Setembro, nicles para o 11 de Março — datas que, para os responsáveis actuais da RTP (se é que os há...) estão indultadas, absolvidas, ou pura e simplesmente abolidas...

Aquilo não foi um programa: foi um enterro de primeira classe. Um auto-enterro. Um tele-enterro em self-service-salve-se-quem-puder.

A COR DA CORDA

Mas pelos modos há trunfos fortes na manga. Esperam-se, ao que parece, grandes coisas,

Ontem, quando homenageavam Jorge Alves, dizia-nos a voz de Gomes Ferreira, uma voz inconfundível do passado:

. — **Ele não chegou a ver infelizmente os largos caminhos do futuro que graças à mutação social que se operou no nosso País, se abrem desde agora à Televisão portuguesa.**

Largos caminhos? A Televisão portuguesa? Desde agora? Hum... Será a tão falada reestruturação? Mas a que diabo se chamará **reestruturação**?

. Não. Se calhar querem referir-se à cor. Da corda. Da cor da corda para melhor nos tele-enforcarem.

QUE GRANDE CACHUCHO

Para festejar a passagem do aniversário, deu-nos a RTP uma produção luxuosa. Aquilo, em colorido, deveria ser espampanante, mesmo de encher o olho sentimental.

O que é que nós vimos? Alguma coisa que reflectisse ou reforçasse o nosso orgulho de lutar por uma causa que mais nobre não há — a causa do socialismo, à qual nos comprometemos com a Constituição? Uma produção nacional de acusação ao fascismo, capaz de u-

Continua na pág. 14

Férias da PÁSCOA
nos
AÇORES
Por Pessoa — 6.670$00
Lugares limitados
Informações e Inscrições
MUNDIRAMA
R. DO CRUCIFIXO, Nº 33
LISBOA 2 TELEFS
323633 - 324296
028956 / 362294
MUNDIRAMA
PASSAPORTES

ESCOLA DE CONDUÇÃO
MONUMENTAL
CONDUZA SEGURO PARA O SEU FUTURO LIGEIRO PESADO MOTO
Direcção Técnica de:
ANTÓNIO SOARES
Av. Manuel de Maia, 11 - r/c - LISBOA
Telefs 572535 - 539712

BICOS DE PAPAGAIO
DORES LOMBARES, COSTAS OU PERNAS, HÉRNIA DISCAL, CIÁTICA, NEVRITE, DESVIOS E OUTRAS DOENÇAS DE COLUNA. Massagista diplomado no Brasil. Faz 2 a 4 aplicações com optimos resultados. Tels. Lisboa 2233227, Porto 31576.

Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes
Contrato Colectivo de Trabalho Vertical — Cartonagens e Afins
Convocam-se todos os trabalhadores residentes nas localidades a seguir indicadas, para reunirem no dia 9 do corrente, às 21 horas, para discussão e análise do contrato em tópico e formas de luta:
AMADORA
— Na Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora
Rua Elias Garcia, n.º 142
OLIVAL DE BASTO
— No Grupo Desportivo e Recreativo de Olival de Basto
Rua de Angola
A DIRECÇÃO

EL REI D. SEBASTIÃO
ONDE?

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
AVISO
TAXAS DE DEPÓSITO
À ORDEM (PESSOAS INDIVIDUAIS
ATÉ 70 CONTOS 4% AO ANO
NO EXCEDENTE 2% AO ANO
A PRAZO (NOVOS E RENOVAÇÕES)
6 MESES, RENOVÁVEL 11% AO ANO*
SUPERIOR A 1 ANO, RENOVÁVEL 12% AO ANO*
*IMPOSTO A CARGO DO DEPOSITANTE

Hoje

«As Investigações do Major Zeman»

I PROGRAMA

1.º Período

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.05 Fecho

2.º Período

18.30 Abertura e **Bonecos**
19.00 **Peço a Palavra**
19.30 **Inglês a Sorrir**
19.55 **Fila T** — magazine de teatro.
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição
21.05 **Momento Político** — um programa da Secretaria de Estado da Comunicação Social.
21.25 **«Ellery Queen»** — policial. Episódio: «A Aventura da Faca Desaparecida». Com Jim Hines e David Wayne.
22.15 **A Europa do Século XX** — «O Velho Continente». 5.º episódio: «Esta Geração não Tem Futuro».
23.10 **Telejornal** — 2.ª edição
23.30 Fecho

II PROGRAMA

20.30 **Telejornal**
21.00 **Cemitérios do Consumo** — m programa de Rocha de Sousa, Realização de José Elyseu.
21.25 **«As Investigações do Major Zeman** — «A Fera». Intérpretes: Vladimir Brabec, Milos Willig, Vladimir Raz, Josef Somr. Realização: Jiri Sequens.
22.25 Fecho

PHILIPS 50 ANOS EM PORTUGAL 1927 1977
DESTAQUES
I PROGRAMA
«Ellery Queen» (21.25)
II PROGRAMA
«As Investigações do Major Zeman» (21.25)
Philips - faz parte da sua vida
PHILIPS

Amanhã

I PROGRAMA

18.30: Abertura e «O Jardim Secreto» 6. episódio «Quando o Sol se Poe» **19.00**: Abre-te Sesamo **19.30**: Ligeirissimo música Glen e estrela do Teatro A.B.C. **19.50**: Vamos Jogar no Totobola. **20.00**: Um Museu de Icones. **20.30**: Telejornal 1.ª edição **21.05**: O filme «A Rua do Delfim Verde» realização de Victor Saville com interpretações de Lana Turner, Donna Reed, VanHelfin, Frank Morgan, Richard Hart e Edmund Gwenn **00.10**: Telejornal 2.ª edição **00.20**: Fecho

II PROGRAMA

20.30: Telejornal **21.00**: «Casamentos nos Confins do Mundo» **21.30**: Um Homem e a sua Música Darius Milhava; **22.30**: Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

ADÓQUE
O PÚBLICO IMPÕE
LOTAÇÕES ESGOTADAS

UMA REVISTA
NUNCA

- ANABELA
- NICHOLSON
- HENRIQUE VIANA
- MAGDA
- LUMELINDA

AS
S 20.3 22.30
«M AO DOMINGO
6 horas
Fo
(Não
LIBERDADE, SUB HIPOTECA
Uma proposta d/
Duarte

AOS SÁBADOS PARA AS CRIANÇAS
«OS OPERÁRIOS DO NATAL»
«MATINÉES» ÀS 16 HORAS

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

"O Encoberto" descoberto

. «O ENCOBERTO», de Natália Correia. Encenação: Carlos Avilez. Cenários e Figurinos: Lima de Freitas. Música: Fernando Guerra. Coreografia: Isabel Santa-Rosa. Assistência Musical: Jorge Machado. Piano: Carlos Azevedo. Interpretação: Andrade e Silva, António Abel, Armando Cortez, Benjamim Falcão, Carlos Cabral, Carlos Martins, Carlos Veríssimo, Catarina Avelar, Carla Maria, Fernanda Borsatti, Francisco Brás, Hermínia Tojal, João de Carvalho, Leonor Poeira, Lisette Frias, Luis Rodrigues, Luisa Salgueiro, Madalena Braga, Rui de Carvalho, Telma João, Vasco de Lima Couto, Verónica, Vítor de Sousa. C.ª Reportório. Teatro Maria Matos. 2/3/1977.

Se a descrença na possibilidade das massas populares utilizar as suas próprias forças para a conquista do Poder, com o total desprezo pelos «encobertos» deste e doutros Reinos, é sinal de um pensamento reaccionário — então esta obra de Natália Correia é profunda, irremediavelmente reaccionária. A sua luz, é possível entender melhor as razões que impulsionaram a escritora a bater-se com tão grande encarniçamento contra o processo revolucionário iniciado no 25 de Abril. Não podia ser outra a sua atitude: não só não lhe seria possível entender a revolução como nem sequer poderia concebê-la. Porque conceber e aceitar essa ideia seria trair o que parece ser o cerne da visão do mundo da escritora: a inevitabilidade do sebastianismo. Por isso, Natália Correia teria que ficar à margem de um movimento em que o Povo teve a possibilidade de recusar essa ideia mística, essa utopia de um futuro sempre adiado. Esse desprezo pela capacidade dos outros assumirem a sua condição de pessoas — como diria a autora — é evidente na cena em que surge e é morto o licenciado Belchior do Amaral, personagem ridicularizada naquilo que exactamente tem de mais revolucionária: a procura do entendimento dos fenómenos políticos e sociais.

«O Encoberto» estabelece de forma hábil, embora nem sempre teatralmente convincente, o trânsito entre vários níveis de representação: da tragédia à farsa, do teatro no teatro, ao desdobramento das personagens e das situações permitindo várias pistas de leitura. D. Sebastião situa-se entre duas personagens de que o mediador ou a ponte: o actor que o interpreta, e Cristo com quem se identifica. Carlos Avilez acentuou, pelo que nos pareceu, esse carácter trifacetado da personagem (e sobretudo a personagem Cristo) que Rui de Carvalho entendeu de forma notável.

O que mais nos interessa na peça, contudo, é o que no espectáculo, a nosso ver, mais rotundamente falha. A ideia de fazer surgir D. Sebastião, personagem mítica, num palco, que é o sítio onde o mito se faz carne, é uma ideia admirável. O texto marca em várias cenas, por vezes com grande ironia, esse trânsito entre as personagens, esse carácter de suprema ambiguidade que consiste em o actor se transformar na personagem por força da crença do próprio público e acabar vítima dessa situação. Carlos Avilez, todavia, não marcou com suficiente clareza os vários planos dessas situações o que faz com que se perca a sua necessária clivagem.

Este espectáculo denuncia, uma vez mais, as potencialidades e as debilidades de um encenador capaz de fazer o bom e o péssimo. Dando desnecessariamente ao espectáculo um tom que vai do «cabaret» à revista (com momentos francamente maus sobretudo nas mudanças de cena), Avilez não foi capaz de encontrar a unidade de um espectáculo em que perdeu com frequência o pé, e com ele o espectador. Culpa também de um texto que merecia ter sido trabalhado de forma a torná-lo mais teatro e menos literatura (pecha dos nossos dramaturgos em geral); culpa de uma campanha que dificilmente poderia aguentar um texto destes e uma encenação destas embora, de uma maneira geral, conseguisse não cair na pura bambochata a que por vezes o espectáculo poderia prestar-se.

Com uma cortina em que D. Sebastião parece sair de uma vulva, cenários e figurinos de Lima de Freitas, que procurou mais o efeito estético e a funcionalidade cénica do que a veracidade histórica, o que está de acordo com o tom do espectáculo, Carlos Avilez construiu, pois, um espectáculo demasiado ambicioso para as suas possibilidades e para as possibilidades da companhia. O que nele há de gratuito, de falhado, de insuportável, por vezes, não impede alguns bons momentos tanto no que se refere ao texto como à encenação, sobretudo no que se refere à composição de quadros. Quase todas as cenas em que Rui de Carvalho intervém mantêm um nível superior, e é esse o maior elogio que podemos fazer ao actor. Regista-se ainda o trabalho esforçado de Catarina Avelar, Herminia Tojal, Carlos Veríssimo, Vítor de Sousa. Aliás, e de ter em conta a entrega dos intérpretes a um espectáculo tão complexo como este.

Pormenores como o de alguns vestidos, com peitos à mostra para fazer audacioso, ou o do disco voador, no final só, não são de morte porque o ridículo não mata.

Carlos Avilez: capacidade de fazer o bom e o péssimo

Natália Correia: «a inevitabilidade do sebastianismo»

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores do sector metalúrgico, para um plenário a realizar no Salão dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, Rua Camilo Castelo Branco, na próxima 4.ª feira, dia 9 de Março, pelas 21 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

— Informações sobre a posição actual das negociações do CCTV.

Lisboa, 4/3/77

Pela DIRECÇÃO
(assinatura ilegível)

SINDICATO DOS TRABALHADORES METALÚRGICOS DO ALENTEJO

CONVOCATÓRIA

ELEIÇÕES PARA OS CORPOS GERENTES PERÍODOS DE 1977 A 1979

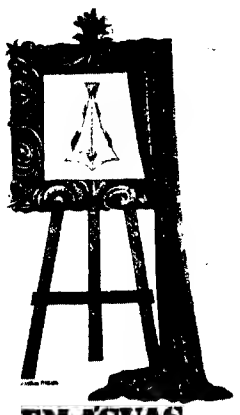
Convoco a Assembleia Eleitoral do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos do Alentejo para os dias 21, 22 e 23 de Abril de 1977 em locais a designar oportunamente.

Évora, 2 de Março de 1977
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) Manuel Inácio Martins

TEATRO/Tel. 366745

ABC

Não acons. a menores de 18 anos
às 20.30 e 22.45 horas
SÉRGIO AZEVEDO
apresenta
UM SUCESSO I M P A R ! ! !
A SUPER REVISTA



EM ÁGUAS DE BACALHAU
COM
FLORBELA
NICOLAU
OCTÁVIO DE MATOS
VERA MÓNICA
SIMONE
VICTOR MENDES
NUNO EMANUEL
NINA FLORES
Ballet ABC Dancer's
UM GRANDE ACONTECIMENTO ARTÍSTICO
BILHETES À VENDA

Pub

MAQUILHAGE FANTASIA — Primavera-Verão 1977 — «Fond Teint», «MANGUE», «Fard», «FRIPOM», «baton», «HETCHI» e «HYDRA» transparente (vernizes para as unhas nas cores dos «batons»). Antes da maquilhage os inegualáveis cremes e bases hidratantes de «GUERLAIN», e, também de «GUERLAIN» os demaquilhantes e as loções «AROMATIQUE» ou «CALMANTE»

Vá ao TEATRO ● Hoje e todas as noites 2 SESSÕES 2 às 20.30 e 22.45 h. Aos domingos «MATINÉES» às 16 horas ● ÀS 2.as FEIRAS DESCANSO ●
MARIA VITÓRIA
Ver a Sensacional PLURALIREVISTA
O BOMBO DA FESTA!
M 18 anos
UM GRANDE ÊXITO
SALVADOR e IVONE SILVA
HENRIQUE SANTANA
LYGIA TELLES
CARLOS GONÇALVES
HERMAN JOSÉ
IGOR SAMPAIO

Desporto

União de Coimbra: quatro derrotas na secretaria

Uma «bomba» estoira no Campeonato Nacional de Futebol, da 2.ª Divisão: o Conselho de Disciplina Federativo resolveu castigar, com derrota em quatro jogos, o União de Coimbra.

O caso foi desencadeado em torrente. Segundo informação vinda do Estrela de Portalegre (directamente interessado no assunto), teria sido já remetida, ao clube alentejano, uma cópia do acordão do Processo do Conselho de Disciplina 449, em reunião de 2 de Março de 1977, em que é arguido o Clube de Futebol União de Coimbra. Processo instaurado em virtude deste clube não ter respeitado o impedimento de celebração de novos contratos, compromissos desportivos ou renovação, e ordenado pela Comissão da 1.ª Instância da Federação Portuguesa de Futebol.

Provado que o Clube de Futebol União de Coimbra, nos jogos que disputou para o Campeonato Nacional de Futebol da II Divisão, em 5 de Setembro de 1976, contra o Torres Novas, cujo resultado foi favorável aos conimbriceneses por 3-1; em 12 de Setembro de 1976, contra o Penihe, empate a uma bola; em 19 de Setembro de 1976, contra o União de Santarém, empate a zero, utilizou os jogadores Carlos Alberto Santos e Carlos Manuel Duarte Oliveira, e, no jogo com o Estrela de Portalegre, cujo resultado foi favorável ao União por 5-1, em 26 de Setembro de 1976 em que utilizou os mesmos jogadores e ainda António Alberto Cândido em situação ilegal.

Segundo a alínea b do n.º 2 do artigo 41 do Regulamento Disciplinar, o União de Coimbra é punido com a derrota nos quatro referidos encontros. Constitui agravante para o arguido a acumulação de faltas, que face à alínea g dos n.ºs 1 e 5 do artigo 27 do Regulamento Disciplinar e fazendo funcionar a referida agravante, em relação à pena de multa pelas infracções cometidas é punido em 5.500$, além da derrota nos quatro jogos referidos

Os nossos camaradas de «Record», que estiveram em ligação com elementos do União de Coimbra, acrescentam que o clube conimbricense tem o seu ponto de vista: **a Associação de Futebol de Coimbra e, depois, a Federação, é que são responsáveis pelas inscrições dos jogadores, pois as aceitaram.**

A Federação (César Grácio, secretário-geral) garante que o União já recebeu a notificação. Em resposta, Rui Gomes (presidente do União) limita-se a declarar: vamos consultar um advogado e, logo depois, dar uma conferência de Imprensa. **Para já sentimo-nos lesados: os culpados são a Associação e Federação.**

BENFICA

O Paris St. Germain já acertou, com o Benfica, o montante da transferência de Humberto para o antigo patrão.

EUSÉBIO

Acertado: até ao final da luta pela permanência do Beira Mar ao escalão-mor, Eusébio alinhará por Aveiro.

FINLANDESES

Num jogo-treino, finlandeses e portugueses (selecção de «esperanças») actuam esta tarde (15 horas) no Jamor. Quinta-feira, os amadores nórdicos são visita do Belenenses, para se exibirem face ao Estoril, no sábado próximo.

MUDANÇAS

A Federação aprovou as seguintes alterações para as competições nacionais do próximo fim-de-semana:

Taça de Portugal: Sporting-Benfica, sábado, às 15.30, em Alvalade, e Famalicão-Vitória de Setúbal, domingo, em Pousada de Saramagos.

II Divisão (Zona Norte jogos em atraso): Vila Real-Espinho e Chaves-U. de Lamas.

III Divisão (jogo em atraso na Série A): Mougadourense-Vianense. Série B (Jogo antecipado de 20 de Março): Lusitano de Vildemoinhos-Oliveirense. Série D: Eléctrico-Batalha.

Juniores (Jogo em atraso): Vianense-Marco, Chaves-Leixões, Nelas-Covilhã, Unidos-Torriense e Farense-Cuf.

VILA REAL

O treinador Manuel Oliveira, que recentemente abandonara o Beira Mar, firmou contrato até ao final da época com o Vila Real, que se encontra no 14.º lugar da zona centro, do campeonato nacional da 2.ª divisão.

A "Volta" às voltas

Pródiga na atribuição de subsídio a modalidades que nem sequer estão incluídas no programa olímpico, a D.G.D. (através da palavra do seu responsável actual, Rodolfo Begonha) acaba de declarar publicamente (colunas do «Jornal de Notícias») que **é bastante problemática a atribuição de qualquer subsídio oficial para a Volta a Portugal, em bicicleta.**

Provavelmente aconselhado por bem esclarecidos, o director-geral dos Desportos acrescenta que está da posse de uma proposta para a concretização da prova mas que, **se for para amadores, não poderá ter prémios pecuniários nem multas**, provàvelmente correndo os atletas para aquecer ou para, no meio ou no final das etapas, confraternizarem com amigos ou tomarem um copo (oferecido) por algum dos antigos ganhadores da «Volta», dos que eram encapotadores profissionais e, hoje, têm um azar dos diabos a quem embolsa um tostão à custa da bicicleta.

É provável que a Secretaria de Estado ainda tenha uma palavra a dizer. Natural (também) que a D.G.D. arranje umas **lecas** para ajudar o ciclismo: 5.ª feira, pelas 18 horas, será analisado o programa elaborado pelos federativos. Mas, de qualquer modo, a nota aborrecida fica: na D.G.D. continua a detestar-se o Ciclismo. Embora não se importe de pagar a técnicos, conselheiros e adjuntos que, à custa de umas pedaladas dadas em bom tempo, por lá se aninham.

N. de S.

C.N.I.D. faz distinções: Chalana, Lopes e Campos

Mantendo uma tradição, o Clube Nacional da Imprensa Desportiva (C.N.I.D.), procedeu à votação, junto dos seus associados, dos «Prémios CNID» relativos ao ano de 1976. Realizado o escrutínio apuraram-se os seguintes resultados: **Futebolista do Ano — Chalana (Benfica); Atleta do Ano — Carlos Lopes (Sporting); Revelação do Ano — João Campos (Sporting).**

Como nota adicional refira-se que votaram 128 associados, sendo os votos assim distribuídos; **Futebolista do Ano**: Chalana, 93; Alves, 29; Cubillas, 2; Fraguito, Laranjeira e José Luís, 1. Assinalou-se um voto em branco. **Atleta do Ano**: Carlos Lopes, 128. **Revelação do Ano**: João Campos, 44; Chalana, 34; Jorge, 14; José Luís, 13; Nora Araújo, 4; Avelina Alvarez e João Gonçalves, 3; Paula Santana, 2; Armando Marques, Aurora Cunha, Garrido, Lisboa, Marco Chagas e Rita Borralho, 1. Registaram-se cinco votos em branco.

Acrescente-se que, nas edições anteriores dos «Prémios CNID», apuram-se os seguintes vencedores:

Futebolista do ano: 1971. Nené; 1972, Toni; 1973, Eusébio; 1974, Humberto Coelho; 1975, Alves.

Atleta do Ano: 1971, Joaquim Agostinho; 1972, Carlos Lopes; 1973, Carlos Lopes; 1974, Carlos Lopes; 1975, Carlos Lopes.

Revelação do Ano: 1971, Henrique Vicêncio; 1972, Maria José Sobral; 1973, Dinis Silva; 1974, Chalana; 1975, Paulo Frichknecht.

MUNDIAL DE CHUTO

Incandescência na América do Sul

A selecção da Bolívia de futebol está a um passo da qualificação para a fase final do campeonato do mundo de 1978, depou de ter derrotado (em Caracas) a selecção da Venezuela, por 3-1. Tendo em conta a vitória já alcançada sobre o Uruguai (1-0), em La Paz, basta a Bolívia derrotar a Venezuela no próximo domingo, também em La Paz, para garantir o apuramento.

Tal qualificação constituiria a grande surpresa no grupo dois da zona sul-americana, no qual o grande favorito era o Uruguai, que comprometeu as suas aspirações ao empatar com a Venezuela (1-1).

No grupo um, a situação parece mais propícia à qualificação do Brasil, depois do empate cedido pelo Paraguai frente à Colômbia. Para que os «Guaranis» se qualifiquem, têm de ganhar ao Brasil em Assunção e no Rio de Janeiro.

No grupo três há grande equilíbrio entre chilenos e peruanos, que também não foram além de um empate no jogo de domingo. Tal como a Colômbia (no grupo um), pode ser o Equador a decidir o apuramento.

As classificações dos três grupos da zona sul-americana são as seguintes:

Grupo umç.

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
1. Paraguai	2	1	1	0	2-1	3
2. Colombia	3	0	2	1	1-2	2
3. Brasil	1	0	1	0	0-0	1
Grupo dois:						
1. Bolívia	2	2	0	0	4-1	4
2. Venezuela	2	0	1	1	2-4	1
3. Uruguai	2	0	1	1	1-2	1
Grupo três:						
1. Chile	2	1	1	0	2-1	3
2. Peru	2	0	2	0	2-2	2
3. Equador	2	0	1	1	1-2	1

Próximos jogos:

Amanhã: Brasil-Colômbia, no Rio de Janeiro; dia 13: Paraguai-Brasil, em Assunção; Bolívia-Venezuela, em La Paz; Peru-Equador, em Lima.

REFORÇO NO BRASIL

A fim de se integrar na selecção brasileira, chegou ontem ao Rio de Janeiro o defesa Luís Pereira, actualmente a jogar no Atlético de Madrid, equipa da 1.ª divisão espanhola. Considerado peça-chave no esquema do novo treinador do «onze» brasileiro (Cláudio Coutinho), o defesa Luís Pereira desmentiu as versões de que estava lesionado num joelho, afirmou estar em perfeitas condições e reiterou a sua confiança na qualificação do Brasil para a fase final do mundial. Pereira seguiu directamente do aeroporto para a sede do Vasco da Gama, onde está concentrada a selecção brasileira, com vista ao jogo de amanhã com a Colômbia.

«CHICOTADA» NO URUGUAI

A Federação Uruguaia de Futebol aceitou a demissão de Juan Hoberg, treinador da selecção nacional de futebol, designando em sua substituição Raul Betencourt, que até agora dirigia a selecção de juniores. A demissão de Hoberg está relacionada com os maus resultados alcançados pelo Uruguai, na actual fase de qualificação para o «mundial», do qual ficarão afastados se a Bolívia ganhar, no próximo domingo, o jogo que, em La Paz, efectuará com a Venezuela.

No grupo dois da zona sul-americana da fase de qualificação para o «mundial» de 1978, o Uruguai perdeu com a Bolívia (por 1-0) e empatou (1-1) com a Venezuela.

O dinheiro já corre para Alvalade: sábado, é dia de Sporting-Benfica

TOTOBOLA

Jogue connosco

Sporting-Benfica	1
Cuf-Guimarães	2
P. Ferreira-Farense	1
Bragança-G. Vicente	X
Limianos-Fafe	2
Bétis-Elche	1
Santander-R. Sociedade	X
Real Madrid-Celta	1
Málaga-Valência	2
Salamanca-Saragoça	1
Bilbau-Burgos	1
Barcelona-Sevilha	1
Hércules-A. Madrid	2

PORTUGAL

HÓQUEI PATINADO

Principiaram as fases zonais do campeonato nacional de hóquei em patins. Resultados na **Zona Norte**: Oliveirense-Académico, 2-1; Infante de Sagres-Valongo, 1-2; Águias-Sanjoanense, 2-6 e Académica de Espinho-Carvalhos, 4-4. **Zona Sul**: Oeiras-Sotto Mayor, 11-2; Salesiana-Benfica, 3-4; Cuf-Estremoz, 11-5; Sporting-Caco, 26-3 e Paço de Arcos-Académica da Amadora, 2-2.

VIAGENS AVIBAR

CRUZEIRO DA PÁSCOA

MADEIRA

De 6 a 11 de Abril

Fretamento especial do N/M «FUNCHAL»

APROVEITANDO OS FERIADOS DA PÁSCOA

Vá connosco numa viagem inesquecível

A preços excepcionais

Desde ..... 4.480$00

Abertos à hora do almoço

Consulte-nos e peça-nos programa detalhado

AGÊNCIA DE VIAGENS AVIBAR Av. Liberdade, 49 Barcelos Tel. 82923
TURALGARVE Praça da República, 98-100 Loulé Tels. 62143/4
EM LISBOA: TURALGARVE
RUA LUCIANO CORDEIRO, 6-C T. 538240-40008

Geral

AFIRMA LUCIO LARA
"Zaire agride Angola"

O secretário do Bureau Político do MPLA, Lucio Lara, renovou, no fim da semana passada, as acusações recentemente feitas contra o Zaire pelo presidente Agostinho Neto, afirmando que este país servia de «base de agressão» contra Angola.

Lucio Lara, que falava num comício organizado pelo Comité de Acção de um bairro de Luanda, afirmou que Angola «não podia tolerar por mais tempo as agressões» contra o seu território.

A respeito do desmentido feito pelo presidente do Zaire às acusações angolanas, Lucio Lara afirmou:

«Não há ninguém que venha das províncias fronteiriças do norte que não saiba que todos os dias bandos de mercenários e bandos de fantoches se infiltram no nosso território para minar, sabotar e tentar perturbar a paz no nosso país. Isto é um facto, e se o presidente Mobutu diz que é uma mentira nós convidamos os observadores a virem verificar o que se passa».

E acentuou Lucio Lara:

«Não é o povo angolano que mente. Não é o nosso dirigente que mente. São os outros que mentem com imprudência. Ora essa mentira será paga: saberemos responder a estas atitudes com firmeza».

ABERTO CONCURSO DE COOPERAÇÃO
Guiné-Bissau precisa de uma série de quadros

Encontra-se aberto concurso de cooperação para a Guiné-Bissau na Embaixada deste jovem país africano (Av. Praia da Vitória, 41-2.º, em Lisboa, com o telefone 533555) para técnicos de várias especialidades mas sendo os mais urgentes professores de inglês e biologia (dois cada) e sete médicos nas especialidades de pediatria (dois), clínica geral (três), cirurgia (um) e psiquiatria (um).

Os outros lugares que o Governo da Guiné-Bissau oferece a quem quiser ir trabalhaar em sistema de cooperação e no âmbito do acordo genérico com o Governo Português são seis contabilistas, para o Comissariado de Estado do Planeamento Económico, um director de serviços administrativos para o Comissariado de Geologia e Minas e, ainda para o mesmo departamento governamental, técnicos de topografia, hidráulica, mecânicos de moto-bombas e outras especialidades afins.

As condições do contrato, nomeadamente salário e tempo de duração, podem ser procuradas na Embaixada da Guiné-Bissau em Lisboa.

Canal da Crítica

Continuação da pag. 11

nir o maior número possível de portugueses em torno de um projecto mobilizador? A festa dos pequenos e grandes esforços para construir entre nós a liberdade!

Nada disso, amigos. Burguesmente, uma história amorosa, com dois grandes nomes do cinema, como «pivot». **Amor entre as ruínas** era um amor feito por medida. Convencional, como todos os fatos feitos no alfaiate.

A RTP, para festejar o aniversário, ostentou nos dedos um grande cachucho com dois grandes brilhantes. Lamentavelmente. Preferíamos os dedos sem nada. Preferíamos as mãos nuas de quem trabalha. Mãos limpas. Ou sujas, sim, mas do ferro, da terra, de manejar as grandes máquinas electrónicas ao serviço do nosso povo.

COMISSÃO DISTRITAL ETC E TAL

Através do Porto chegam-nos notícias da reunião da Comissão Política Distrital do PPD.

Começa a passar as marcas. Notícias da Comissão Nacional. Agora da Comissão Distrital. Amanhã da Comissão Concelhia, do Bairro, da Rua, do Prédio n.º tantos...

Não seria melhor instalar uma câmara (ou mesmo duas, caramba, os rapazes merecem) nas sedes do PPD e do CDS?

Liga-se — e já está. Até se poupa trabalho ao Blanco. Aqui fica a sugestão para não dizer a ninguém que a crítica não é construtiva.

Ian Smith cria Superministério da Guerra

Um novo Ministério foi criado na Rodésia para coordenar as operações de luta anti-guerrilha, indica, em Salisburia, um comunicado oficial.

O novo Ministério, designado por Coordenação Militar, será confiado a Roger Hawkins, que é actualmente ministro dos Transportes e da Energia.

Será responsável por todas as operações de luta antiguerrilha visará, neste domínio, as actividades dos Ministérios da Defesa, do Interior e da Justiça.

Hawkins será ao mesmo tempo vice-presidente do Conselho de Guerra, organismo que reagrupa um certo número de ministros e altos funcionários que têm por tarefa elaborar a estratégia militar sob a égide do Primeiro-Ministro.

Espera-se, por outro lado, que Smith nomeie em breve um alto comandante das Forças Armadas que substituiria o comando das operações conjuntas, há muito criticado pela sua lentidão a tomar decisões.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado e o vento era fraco e havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima 20,6º

ENHAS DA SAÚDE

Mínima 7º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco a moderado de Nordeste; neblinas matinais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	14º
COIMBRA	13º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	12º
FARO	15º
FARO	15º
FUNCHAL	16º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.45	4,3 m	10.25	0,7 m
17.06	4,2 m	22.43	0,7 m
Dia 9			
5.25	4,2 m	11.07	0,8 m
17.47	4,1 m	23.27	0,9 m
Dia 10			
6.09	4,2 m	11.53	1,0 m
18.33	3,9 m		

AMANHÃ

NASCER AS 6.59
OCASO AS 18.37

DIA 11 DIA 18 DIA 27 DIA 4

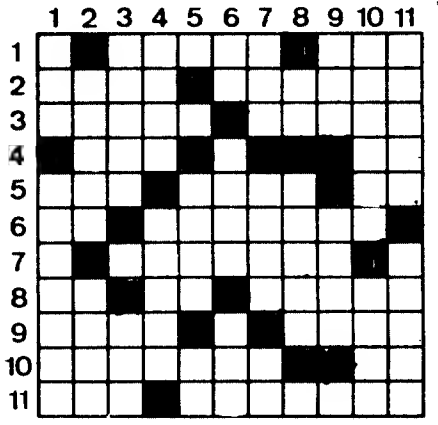
Palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11691

HORIZONTAIS

1 Antigo gibão de coiro, para guerreiros. Pega.
2 Serra de Portugal. Caminhais.
3 Mulher que tem olhos azuis. Gemera.
4 Saudável. Segundo.
5 Cidade da Ucrânia. Bebida do Peru. Artigo definido.
6 Reis. Introduziras
7 Abundância.
8 Vossa Alteza Batraquio Saburra.
9 Apertar molhos. Ecoar.
10 Borrifaria. Basta
11 Membro de ave. Trepam a.



VERTICAIS

1 Executa. Valentia.
2 Moradias. Procedes.
3 Enrubescer. Nome de letra.
4 Avalio. Toucinho fresco.
5 Tempo do verbo ser. Ilha francesa do oceano Atlântico.
6 Nome que os Egípcios davam ao Sol. Médico inglês, célebre pelos seus estudos sobre as doenças das vértebras lombares. Suspiros.
7 Uma das mulheres de Henrique VIII. Criminosos. Actínio (s.q.)
8 Quinhentos e um em romano. Cidade de França
9 Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! oh! Ilha do pequeno Belt.
10 Da Síria. Mamífero roedor.
11 Guarneceis de asas. Habitam.

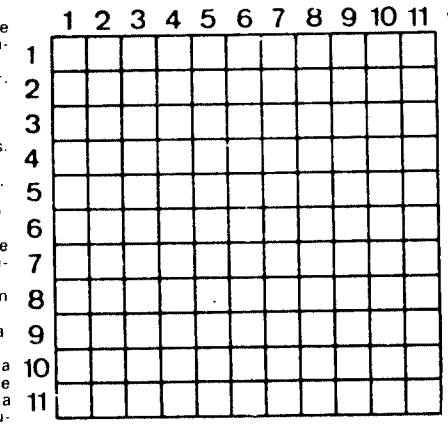
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7751

HORIZONTAIS

1 Vestimenta eclesiástica, de pano branco, para culto católico (pl.). Carepa
2 Pronome pessoal. Quebrar. Viração.
3 Despacham. Apuro.
4 Encargo. Roem.
5 Campeão. Em partes iguais. Pedra de altar
6 Érbio (s.q.). Naquele lugar. dra de altar
7 Sapo do Amazonas. Pronome pessoal. Espádua.
8 Lagarta esverdeada que se cria nas couves (Prov.) Artigo definido. Rio da Russia
9 Estimeis. Cinquenta e um em romano. Vi.
10 Segura. Cidade da Grécia Antes de Cristo.
11 Dama francesa denominada a Dama de Beleza, que exerceu grande influência sobre Carlos VII. Árvore rutácea dos sertões (Bras).



VERTICAIS

1 Faz massagens a. Gostais muito de.
2 Magotes. Bispo de Ruão festejado em 23 de Outubro.
3 Distar. Rio de França
4 Acariciar. Cento e um em romano.
5 Arquipélago dos Navegadores. Relativo ao nariz.
6 Laço.
7 Remara para trás. Pula.
8 Estivera ofegante. Fecham as asas para descer mais depressa.
9 Italiano
10 Cobre de pão ralado. Sacrificar
11 Perfume. Dificuldade.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11690

HORIZONTAIS:
1 Má. Fó. Calem
2 Abro. GALO
3 Trair. Ferir
4 Ais. Anis. Ao.
5 Saim. Ás.
6 Roa. BOM.
7 Rã. Sr. Ga.
8 Imã. Iamos.
9 NUNCA. Arara.
10 Arco. Cedi.
Soara. Vasos.

VERTICAIS:
1 Mata. Trinas.
2 Abris. Amuro.
3 Rasar. Anca.
4 FOI. Ios. Cor.
5 Ramaria.
7 Fímbria.
8 Ages. Arca.
9 Lar. Am. Maes.
10 Elias. GORDO.
11 Moro. Casais.

SOLUÇÃO DP PROBLEMA N.º 7750

HORIZONTAIS:
1 Ab. Japué.
2 Calão. Mista.
3 Arão. Selo.
4 Iru. Cós. Nas.
5 Arno. Aras.
6 Ais. Lio,
7 Am. Lapas. Pu.
8 Naco. Orai.
9 Dra. Mau. Elo.
10 Icipó. Marat.
11 Mo. To. Ac. Só.

VERTICAIS:
1 Acai. Landim.
2 Barra. Março.
3 Laura. Cai.
4 Jaó. Nilo. Pt.
5 Ao. Cosa. Moo.
6 Fó. Pia.
7 Um. Sala. Uma.
8 Eis. Riso. Ac.
9 Senão. Rer.
10 Atlas. Palas.
11 Sãos. Quioto.

PROVÉRBIO: Galo bom nunca foi gordo.

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

Sede: Rua do Conde Redondo, 60 - 2º, 3º, 4º, 5º LISBOA
Telefones: 53 54 37 - 55 55 71 - 400 03

COMUNICADO N.º 145

A LUTA CONTINUA!
O C.C.T.U.V./Têxtil irá para a Frente!
OS TRABALHADORES TÊXTEIS VENCERÃO!

Terça-feira, dia 8, o patronato ou deixa a sua posição de boicote ao CCTUV, ou **os trabalhadores têxteis entrarão em paralisação total na quinta e sexta-feira,** de Norte a Sul do País.

A cláusula 3.ª, que diz respeito ao período de vigência do Contrato e aos direitos por nós já adquiridos, tem que ser ultrapassada.

CONVOCATÓRIA

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul, convoca todos os trabalhadores em luta pelo CCTUV, para uma importante REUNIÃO GERAL DE TRABALHADORES, a realizar no próximo **dia 9 de Março** (quarta-feira) de 1977, **pelas 20 horas** no **Salão Nobre do Instituto Superior Técnico**, em Lisboa, com a seguinte

Ordem de Trabalhos:

1.º - Analise à situação do CCTUV/Têxtil

2.º - Medidas a tomar (análise, discussão e votação).

Em frente com o CCTUV/Textil !

Pelas regalias conquistadas pelos trabalhadores !

Unidade, Organização e Luta !

Unidos e Organizados Venceremos !

Lisboa, 7 de Março de 1977 — A DIRECÇÃO

CASA DOS PNEUS DOS ANJOS

VENDAS E ASSISTÊNCIA

PNEUS Nacionais e Estrangeiros
EQUILIBRAGEM de rodas electrónica
ALINHAMENTO de direcções

Rua Antero de Quental, 17-A/B — Telefone 55 73 76
— LISBOA - 1 —

farmácias • serviço

LISBOA

ANTOLIN, LDA Av. Almirante Reis, 88-C Tel. 821773.
AURÉLIO REGO S.ª da Estrela, 139. Tel. 661758.
BELÉM Rua Tristao Vaz 10-A Tel. 612248.
BRANQUINHO Rua Sapadores, 87 Tel. 842725.
CONDESTÁVEL Rua Coelho da Rocha, 199 Tel. 666206.
CONTEMPORÂNEA R. Conde Redondo, 2[illegible] Tel. 45048.
DILENA R. Aliança Operária, 49-A-B. Tel. 636620.
ESTADOS UNIDOS Av. E. U. da América, 16-B Tel. 725859
FÁTIMA Av. 5 de Outubro, 147-A Tel. 763107.
IVONE, LDA Rua Silva Carvalho, 232-C Tel. 650760
LAVINHA Rua Eng.º Paulo de Barros, 28-A Tel 708242.
LEAL DE MATOS Rua Neves Costa, 33-35. Tel. 780181.
LUSITANA Av. de Roma, 18-A Tel. 725443.
MATOS VIEGAS Av. Rainha D. Amélia 34-B Tel 794174.
MARLUZ C.ª da Picheleira, 140-B-C Tel. 720703-728395.
NEOTERÁPIA Campo Grande, 138. Tel. 774682.
NORMAL Rua da Prata, 220. Tel. 321342.
NOVA LUZ Rua D. Domingos Jardo, 28-A Tel. 843439.
NOVAIS Av. Luis Bivar, 11-13. Tel. 44324.
PALMA Av. Duque de Ávila, 25-31. Tel. 547088.
PÁTRIA C.ª dos Mestres, 30-A (à R. Amoreiras). Tel. 680627
PINHEIRO Rua Presidnte Arriaga, 16. Tel. 603054.
ROMANA Rua Actor Augusto de Melo, 7-A Tel. 383800.
SACRAMENTO Rua actriz Palmira Bastos, lt. 42, Tel. 38490004.
S. TOMÉ Est. Desvio, lote 12-C Tel. 790704
SOUSA Estrada de Befica, 429-431. Tel. 780027-789985.
ULTRAMARINA R. S. Paulo, 99-101. Tel. 321771
ZILER Rua S. Tomé, 54-56. Telefone 862835.
ZIRA P.ª Casas Novas, lote 66 (B.º Encarnação). Telefs. 311216-310172.

Permanente

BELÉM Rua Tristão Vaz, 10-A. Tel. 612248.
AURÉLIO REGO C.ª Estrela, 139. Tel. 661758.
BRANQUINHO R. de Sapadores 87. Tel 842725.
IVONE LDA Rua Silva Carvalho, 232-C Tel 650760
MARLUZ C.ª da Picheleira, 140-B-C. Tels. 720703-728395.
NOVA LUZ Rua D. Domingos, Jardo, 28-A Tel. 843439.
ESTADOS UNIDOS Av. E.U. da América, 16-B Tel. 725859
SOUSA Estrada de Benfica, 429-431. Telefs. 780027-789985.
ULTRAMARINA R. S. Paulo, 99-101. Tel. 321771
FÁTIMA Av. 5 de Outubro, 147-A Tel. 763107.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av C.G Guerra, 29 (T.2112081)
ALCABIDECHE
Carvalho. Até às 21 horas
PORTO SALVO
Ferreira Bastos. Até às 21 horas
PAÇO DE ARCOS
Godinho. R.Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Até às 24 e das 0 às 9 horas
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal Até às 21 horas
CARCAVELOS
Central. Até às 24 e das 0 às 9 horas
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T.260085). Até às 21 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (T.2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (T.260191). Até às 24 e das 0 às 9 horas
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (T.280 78). Até às 21 horas; **Nova**, E.de Alvide, Fontainhas (T.281044). Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Flama, R.Elias Garcia, 78-B (T.932485). Serviço permanente; **Cavaca**, R.Elias Garcia, 209 (T.930019). Até às 22 horas; **Confiança**, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 15-A (T.938149). Até às 22 horas
DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T.971121)
MERCÊS
Claro Russo
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117)
CACÉM
Central, R.Elias Garcia, 55 (T.2940034)
MEM MARTINS
Rodrigues Rato (T.2912038)
RIO DE MOURO
Riomouro, Av.Óscar Monteiro Torres, 8 (T.2960194)
SINTRA
Marrazes Estefânia (T.293005888)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Nuno Álvares, Av. D.Nuno Alvares Pereira, 39 (T.2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Teixeira, B.Moçambique, 84-B (T.204946)
BARREIRO
Piçarra, Av. do Bocage, 65-A (T.2074771)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P.5 de Outubro, 18 (T.2750254)
MOITA
União Moitense Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Diogo, R.Almirante Reis, 50 (T.2310032)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Normal do Sul, P.do Bocage (T.22216)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

(De dia e só até às 22 horas)

NACIONAL Rua Senhora da Luz, 156 Foz Tel 680833.
S. DINIS Rua de S. Dinis, 428, Tel. 482281.
SOEIRO Rua de Santos Pousada, 71 Tel 51370
VITÁLIA Praça da Liberdade, 34 Tel. 24133.
ALBERTO FERREIRA R. da Estação, 100 Tel. 51302
ANTERO DE QUENTAL Rua Antero de Quental, 520 Tel 485048.
HERCULANO Rua Alexandre Herculano, 384. Tel. 27943.

(De dia e toda a noite)

BOAVISTA Rua da Boavista, 601. Tel. 2543.
ANTUNES Rua do Bonjardim, 485. Tel. 27936
COSME Rua de Costa Cabral, 584. Tel. 481511
PEREIRO Rua da Preciosa, 35. Tel. 681027.

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

SANTA CRUZ Rua das Padeiras, 94 Tel. 23569

cinemas

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Paródia»
A.B.C.
20.30, 22.45 (18 anos)
«Em Águas de Bacalhau»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»
MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«O Encoberto»

LISBOA/Cinemas

PROMOTORA
21.15 (14 anos)
«Bandolero»
PARIS
21.15 (18 anos)
«As Aventuras de um Motorista de Táxi»
CINE AUDITÓRIO
21.15 (10 anos)
«Ninguem Foge para Sempre»
CALEIDOSCÓPIO
21.30 (18 anos)
«Os Homens do Presidente»
JARDIM
21.00 (18 anos)
«Kermesse Erótica»
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Coxas Quentes»
CINEARTE
21.15 (18 anos)
«Harry — O detective em Acção»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«As Memórias Íntimas de Miss Aggie»
RESTELO
21.15 (18 anos)
«Fogo Real»
EUROPA
21.15 (10 anos)
«Spartacus»
VOX
21.15 (10 anos)
«Cantinflas Pepe»
SATÉLITE
21.15 (17 anos)
«O Terceiro Homem»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«O Lutador da Rua»
OLÍMPIA
Sessões permanentes (18 anos)
«Um Amor Como o Nosso»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Mirão Escaldante»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«Carambola»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Encontro de Amor em Bali»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (6 anos)
«Um Rei em Nova York»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«O Bombista Louco»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«Onde as Balas Voam»
ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
Teatro «A Grande Jogada»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Uma Mulher na Rua»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (13 anos)
«Há Lodo no Cais»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«Simão o Engatatão»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«O Pecado Serve-se Quente»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«A Nave dos Loucos»
PALÁCIO
21.15 (18 anos)
«O Oportunista»
CASINO ESTORIL
17 e 21.15 (18 anos)
«Nada»
S. JOSÉ
21.15 (18 anos)
«Brigada Feminina»
CASCAIS
Oxford 16.00, 21.15 (18 anos)
«Decameron Interdito»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Vamos Trocar de Mulheres»
COLISEU
21.30 (6 anos)
«O Circo de Moscovo»

PORTO/Cinemas

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«O Hércules Chinês»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«A Agressão»
ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«O Peito ou a Perna»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Yakuza»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Vitória em Entebbe»
AGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passad irresquecível»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«A Última Mulher»
S. João
21.00 (18 anos)
«As Aventuras de um Motorista de Táxi»
ESTÚDIO 400
21.15 (18 anos)
«A Morte está ao Telefone
JÚLIO DINIS
17.45 e 21.00 (18 anos)
«O Dever Conjugal»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Voando Sobre um Ninho de Cucos»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Flic Story»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«É Preciso Viver Perigosamente»
SALÃO BEBE
21.15 (13 anos)
«A Guerra Acabou»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Difamação»
S. TEOTÓNIO
21.15 (13 anos)
«Desafiando o Perigo»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Waat?»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Mandigo»

rádio

1.º Programa

16.00: Musivária; **17.00**: 2.ª parte de um programa de variedades realizado no Teatro S.Luiz e organizado pela Radiodifusão Portuguesa, **17.45**: Um solista; **18.00**: Música portuguesa; **19.00**: Poemas e poetas — música variada, **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Melodias; **21.00**: 4.º episódio do folhetim «Mário», de Silva Gaio, numa adaptação de Ema Paul, **21.24**: Contraponto, **00.00**: Ultimo jornal, **00.15**: Jazz; **00.30**: Vozes na noite, **01.00**: Música na noite

2.º Programa

16.55: Música de cravo, **17.10**: Canções de Glinka, **17.35**: Música de Mozart, **18.00**: Obras de Beethoven, **19.00**: Música portuguesa; **20.00**: Obras de Kárl Philip Emanuel Bach; **21.00**: Concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto, **22.00**: O maestro sir Thomas Beecham, **22.30**: O gosto pela música, pelo dr João de Freitas Branco, **23.00**: Intercâmbio musical, **00.40** Variações sobre «America», de Charles Ives, **01.00**: Fecho

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante (continuação), **16.10**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.20**: Disco... rendo por Mário Martins, **17.10**: Prevenção e saúde, pelo dr Sousa Pereira (repetição); **18.00**: Contacto; **18.20**: Títulos de 1.ª página, **18.30**: Actualidade; **18.45**: Fórmula 1, **19.05**: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **20.15**: Antologia; **20.30**: Pesquisa **21.00**: A música e as vozes, **21.30**: Quando o telefone toca; **23.03**: Nocturno; **23.06**: Novas de alegria; **24.00**: Nocturno (continuação); **00.15**: Dia a dia com o passado; **02.00**: Fecho.

3.º Programa
Local (187,5 m)

18.00: Entardecer; **18.15**: Sal e pimenta (repetição); **19.30**: Romance de uma cidade (repetição); **20.15**: Música e poesia; **21.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.08**: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia — palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo, **20.53**: Apelos; **21.05**: Pentagrama; **21.30**: Ao encontro da grande música; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos, **23.05**: Ultima hora, **23.30**: Dicionário de economia; **23.55**: Meditando, **01.00**: Rotação, **02.00**: Encerramento da estação

cinemas

ALVALADE
Tel. 897480 15.30, 18.30 e 21.15 h
Hoje estreia às 21.15
Jack Palance, Trevor Howard, Julie Ege em
SEDE DE SANGUE DO ÍDOLO NEGRO
Um filme de Fredde e Francis
Interdito a men. de 18 anos

APOLO 70
Tel. 763313 14.15, 17.45 e 21.15
Não acons. men. 13 anos
Ryan O'Neal e Marisa Berenson
BARRY LYNDON
de Valério Zurlini
Hoje às 0.30 h
(Grupo D.M. 18 anos)
PERFUME DE MULHER

AVIS
Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.15 h
Não acons. a men. de 13 anos
Franco Franchi
Numa divertida comédia
PAULO, O FRIO

BERNA
Tel. 776098 14, 16.30, 19 e 21.15 h.
Michel Bouquet, Jean Rochefort, Raymond Pellegrin em
O COMPLOT
Um filme de Rene Gainville
Não acons. a men. de 18 anos

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093
Robert Redford, Dustin Hoffman em
OS HOMENS DO PRESIDENTE
Um filme de Alan J. Pakula
6.ª semana
Não acons. a men. de 13 anos

CASINO ESTORIL
Tel. 264521 17.00 e 21.15 h
NADA
c/ Fabio Testi, Mariangela Melato

CASTIL
Tel. 630194 15, 17, 19 e 21.15 h
Interdito a men. de 18 anos
TRIÂNGULO ERÓTICO
Um filme de Pierre Kalfon
Uma mulher voluvel entre o amor e o prazer...
2.ª semana

CONDES
Tel. 322523 14, 16.30, 19 e 21.15
Não acons. men. de 13 anos
A missão impossível
O RAID RELÂMPAGO DOS COMANDOS
com Charles Bronson

EDEN
Tel. 320760 14, 16.30, 19 e 21.30
O mais famoso romance de capa e espada na sua versão integral
OS TRÊS MOSQUETEIROS
Um filme de Bernard-Borderie
Não acons. a men. de 13 anos

ESTÚDIO
Tel. 535134 15.30, 18.30 e 21.15 h.
Catherine Deneuve/Jean Louis Trintignant
A AGRESSÃO
(L'agression)
4.ª semana

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 14.30, 16.45, 19 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
UM CORPO NO TERRAÇO
2.ª semana
Um filme de mistério e fantasia c/ Barthe Keller, Fernando Rey

IMPÉRIO
Tel. 555134/5 15.15, 18.30 e 21.15
Interdito a men. de 18 anos
Romy Schneider (prémio de interpretação) e Fabio Testi em
O IMPORTANTE É AMAR
Um filme de Andrzej Zulawski
2.ª semana
Metro Alameda

LONDRES
Tel. 801313 14.00, 16.30, 19 e 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
OH MEUS AMIGOS
11.ª semana
Pietro Ferm

MUNDIAL
Tel. 538743 15.00, 18.15, 21.30
Não acons. a men. 18 anos
A obra-prima de Bernard Bertolucci
1900 — 2.ª parte

NIMAS
Tel. 574362 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
MISTÉRIOS DO ORGANISMO
um filme de Dusan Makavejev
(o realizador de «Film Doce»)
Não construa monumentos que não possa derrubar

ODEON
Tel. 326283 15.15, 18.15 e 21.15
Int. a men. de 18 anos
ADOLESCÊNCIA PERVERTIDA
Contém cenas event. chocantes
4.ª semana

PATHÉ
Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.45
Não acons. a men. de 18 anos
A PROFESSORA DE CIÊNCIAS NATURAIS
c/ Hilli Casati, Michel Gammino

POLITEAMA
Tel. 326305 14, 15, 16.30, 19 e 21.30
Int. a men. 18 anos
AS DESCARADAS
3.ª semana

RESTELO
Tel. 610375 21.15
Não acons. a men. 18 anos
FOGO REAL

ROMA
Tel. 727778 Estreia hoje às 21.15 h
Não acons. men. 18 anos
O Amor em Comédia!
DECAMERON INTERDITO
Dado Crostarosa, Orchidea de Santis

ROXY
Tel. 48560 14, 16.30, 18.45 e 21.15
A linguagem do amor e a sua interpretação
LIBERDADE PARA A MAR
Um filme de Harold Philipp
Não acons. a men. de 18 anos

S. JORGE
Tel. 554153/4 15, 18.15 e 21.30
4.ª semana
Não acons. a men. de 18 anos
«1900» — **1.ª PARTE**
Atenção a 2.ª parte de **«1900»** está em exibição no Cinema Mundial

STADIUM (Algés)
Tel. 2112544 18.00 e 21.30
Não acons. a men. 13 anos
A AUDIÊNCIA
(L'Udienza)
de Marco Ferreri
Guarda de crianças durante as sessões

TIVOLI
Tel. 570595 15.15, 18.30 e 21.15
Laura Antonelli, Terence Stamp, Marcello Mastroianni
DIVINA CRIATURA
3.ª semana
Um filme de Giuseppe P. Grill
Não acons. a men. de 18 anos

UNIVERSAL
Tel. 774402 15, 17, 19, 21, e 23 h.
CHACAL DE NAHUELTORO
Um filme de Miguel Littin
Produzido pela Universidade Católica do Chile

D. JOÃO V DAMAIA
Tel. 971794 21.15 h
PARA NÓS... É CANJA
Não acons. men. 13 anos

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.°, 2.°
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Sete milhões de dólares do P.N.U.D. para Portugal

Totalizam sete milhões de dólares e abrangem os campos da Formação Profissional, do Ambiente, da Agricultura e das Pescas, da Saúde e da Educação, os projectos já aprovados em Conselho de Ministros e a submeter ao Plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento (P. N. U. D.), a fim de serem abrangidos pela assistência técnica a prestar a Portugal por aquele organismo da O. N. U. durante o período de 1978 a 1981 — segundo a ANOP, em telegrama desta manhã, citando a Secretaria de Estado do Planeamento.

Esses projectos de assistência técnica — para os quais as Nações Unidas já atribuíram 4 milhões de dólares a Portugal — serão entregues em Genebra até final do próximo mês de Abril, com vista a serem apreciados pelo Conselho de Administração do P. N. U. D. em Janeiro do ano que vem. No entanto, segundo declarou à ANOP uma fonte da S. E. P., ainda este ano deverão começar a ser desenvolvidas actividades preparatórias dessa assistência ao nosso país.

Os projectos contemplam nomeadamente o Instituto António Sérgio, a Secretaria de Estado do Ambiente, realizações várias de diversos ministérios e secretarias de Estado.

Conselho da Revolução debate 11 de Março

O Conselho da Revolução discutirá amanhã o terceiro processo sobre o golpe reaccionário de 11 de Março de 1975, respeitante às implicações de vários membros das Forças Armadas, nomeadamente o ex-general Spínola.

O tenente-coronel Costa Neves, responsável pelos Serviços de Polícia Judiciária Militar deverá assinar depois o despacho remetendo o processo a tribunal.

Recordamos que os dois outros processos já instruídos, respeitantes às implicações dos pára-quedistas e da G. N. R., foram enviados para o Supremo Tribunal de Justiça, uma vez que Costa Neves discordou do parecer do juiz-instrutor, o qual, qualificava a rebelião como legítima e propunha o arquivamento puro e simples dos processos.

Entretanto, já deram entrada na P. J. M. os processos respeitantes à chamada «rede desestabilizadora da Região Militar do Centro», segundo informação do Estado-Maior do Exército veiculada pela ANOP.

Segundo aquela agência, o processo entrará agora em fase de investigação (máximo 60 dias), seguindo-se a instrução e o julgamento, caso seja encontrada matéria para inculpação.

A questão da desestabilização foi levantada, em termos surpreendentes, pelo brigadeiro Hugo dos Santos, que em declarações públicas acusou o P. C. P. e a F. E. P. U. de provocar desestabilização em unidades militares da R. M. C. Ambas as organizações políticas negaram veementemente essas acusações.

DESMENTIDO DO E.M.E.

O Estado-Maior do Exército desmentiu ao «Diário de Notícias» notícias publicadas por um jornal do Porto, segundo as quais se teria verificado um roubo de armas, de vulto.

A notícia indicava como local do roubo uma unidade da Região Militar de Lisboa e a efectivação de operações «Stop» pela P. S. P. como tentativa de recuperar o material roubado.

Vereadora abandona os G.D.U.P.

A única vereadora eleita pelos G. D. U. P. para a Câmara Municipal de Almada abandonou aquela organização, na sequência de divergências com elementos da U. D. P.

Hortênsia de Sousa, empregada duma tipografia, reformada, de 60 anos, foi acusada num plenário realizado em Cacilhas de desviacionismo em relação à linha do M. U. P. e deixou, nessa altura, de ter o apoio do G. D. U. P. local para a sua actividade. Posteriormente pediu à direcção do M. U. P. para tomar uma posição naquele diferendo, o que nunca aconteceu.

Na última reunião da Câmara de Almada, na passada sexta-feira, um elemento do G. D. U. P. pretendeu que o presidente da Câmara, da F. E. P. U., lesse uma carta retirando o apoio da organização à vereadora e exigindo a sua substituição. A presidência entendeu que não o devia fazer, considerando ainda que o problema era interno aos G. D. U. P. e que não devia afectar a actuação da vereadora enquanto tal. Entretanto Hortênsia de Sousa deverá divulgar brevemente um comunicado em que clarifica as suas posições.

Pacheco Rodrigues continua na R.M.N.

Ao contrário do que consta de uma local inserta no semanário «O Diabo» na sua edição de hoje, o brigadeiro Pacheco Rodrigues não foi substituído nas suas funções de segundo-comandante da Região Militar do Norte.

O citado semanário afirma que o brigadeiro Pacheco Rodrigues tinha sido substituído pelo brigadeiro Mário Delgado, antigo comandante do Regimento de Cavalaria do Porto.

Contactado pela ANOP, um informador do QG da RMN desmentiu tal notícia, esclarecendo que o brigadeiro Pacheco Rodrigues continua a ser segundo-comandante.

Mário Soares em Paris

Continuação da pág. 1

contro com o Primeiro-Ministro, pois tinham interesse em lhe apresentar pessoalmente uma série de reivindicações.

Finalmente, após o encontro que ontem acabariam por conseguir com o Primeiro-Ministro e que se realizou no Hotel Crillon, a delegação de representantes dos trabalhadores portugueses emigrados em França emitiu um comunicado, repudiando a forma como foi recebida pela polícia e a exigência de apenas serem recebidos 10 elementos, no qual se lê a finalizar: «Num salão repleto de agentes do serviço de ordem da polícia francesa, o Primeiro-Ministro, arrancando das mãos de um dos membros da delegação a moção, recusou-se a ouvi-la ler e fez-lhe saber que não tinha tempo a perder para discutir com gente que não representava nada, que o Carnaval já tinha terminado e que ia dar instruções ao embaixador para também não perder tempo com as associações».

Noutra passagem, diz ainda o comunicado: «Foi com uma dessas declarações que, voltando costas aos emigrantes, deu por terminada a audiência a que fora obrigado pela acção unitária e persistente de 28 associações, que desde as 10,30 até cerca das 22 horas, lutaram por aquele encontro».

Entretanto, e voltando à questão da integração na C.E.E., Giscard e Barre, ao mesmo tempo que exprimiram o seu «apoio e compreensão» terão sublinhado a Soares a necessidade de se estudar previamente, com toda a atenção, os problemas decorrentes da candidatura de Portugal.

Na reunião de ontem, Mário Soares expôs aos governantes franceses os planos que tem para desenvolver a indústria e nos quais a França poderá ter uma participação importante, referindo, entre eles, o projecto conjunto da Peugeot e da Citröen para a fabricação de automóveis, estudo apresentado em Lisboa ao Governo por alguns representantes daquelas duas empresas francesas. Foram também focados projectos importantes no domínio da siderurgia.

A delegação portuguesa teria igualmente revelado que Portugal tenciona pôr em funcionamento, entre 1982 e 1990, quatro centrais nucleares e desejaria que este mercado ficasse nas mãos dos países europeus.

Aos argumentos do atraso económico de Portugal, Mário Soares responde de uma forma geral: «a economia portuguesa está ainda longe de ter atingido o nível dos países do Mercado Comum. Temos dificuldades grandes, mas as diferentes medidas que tomámos permitir-nos-ão ultrapassar rapidamente a barreira e entrar na Comunidade sem grandes problemas».

Declarando não aceitar que a Espanha entre na C.E.E. primeiro que Portugal (e aqui citou de novo o «perigo» do Chile) Soares esquece que os «nove» sabem que a Espanha está mais avançada economicamente que Portugal e só uma mudança política pode fazer-se num ano ou dois, a estruturação económica no caso de Portugal, na melhor das hipóteses não será conseguida em menos de dez anos.

No seio da CEE existem de resto duas concepções quanto à entrada de novos membros. Há os que advogam a entrada em fila indiana, isto é uns a seguir aos outros e os que entendem que essa entrada deve fazer-se em simultâneo, apoiada por uma espécie de um mini plano «marshall» para o Mediterrâneo. Este encontra o seu principal apoiante na Alemanha Federal e as mais sérias reservas nas forças progressistas. Mas nesta questão do Mercado Comum, as subtilezas políticas ultrapassam com frequência a lógica económica.

Homem morto à saída duma "boîte"

Continuação da pág. 1

nhas ouviram-no gritar «se me querem matar, matem-me!». Um agente da P.J. disparou, e perguntou-lhe depois: «E agora, queres outro?». A bala entrara-lhe pelo abdómen, atravessando o coração e cortando a aorta. Prostrado no chão, e ainda com o agente a apontar-lhe a arma, o caixeiro-viajante disse que não queria mais, que estava a morrer, que tinha a mãe... Foram aliás as suas últimas palavras. Morreu algum tempo depois de chegar ao hospital.

Pessoas que seguiram o desenrolar dos acontecimentos, confiaram ao «DL» que tudo se passou em vinte minutos. Travanca Rodrigues chegara ao «Hipopótamo» de madrugada vindo da «Cave», outra «boite» a poucos metros daquela. O seu estado de embriaguês era tal, que se meteu num «táxi» para o pequeno percurso: o taxímetro contou 7$50. No encalço de Travanca Rodrigues, vinham empregados da «Cave» e agentes da PSP, pois o cliente adquirira ali uma garrafa de whisky (por dois mil escudos) e não a pagara. Na circunstância, os amigos ofereceram-se para pagar a factura, mas o outro não aceitou, dizendo que pagaria a conta no dia seguinte.

Por esta altura, agentes da P.J. que se encontravam no «Hipopótamo» sugeriram aos guardas da PSP que se retirassem, pois o homem não deixaria de pagar a garrafa. Aliás, Travanca Rodrigues chegou a beber «uns copos», ainda na «Cave», na companhia de um dos elementos da P.J.. Haveria de ser este, aliás, o primeiro a puxar de uma arma. No total, eram cinco os agentes que ali se encontravam. Algum tempo depois, todos eles viriam a exibir as respectivas pistolas.

Ainda de acordo com o relato de algumas testemunhas, num dado momento a vítima, sempre sob o efeito do álcool, entrou no seu automóvel preparando-se para abandonar o local. Foi então que um agente da P.J. — segundo parece justamente aquele que desmobilizara os guardas da PSP — lhe deu voz de prisão, arrancando-o do carro. Travanca Rodrigues — de camisa aberta e braços a gesticular, reagiu: «Querem-me matar? És meu amigo e queres-me matar?» O agente respondeu à bala.

Anselmo Travanca Rodrigues

As testemunhas prosseguem nos seus depoimentos, afirmando que já a vítima se encontrava no chão, varada pelo disparo, e o agente anunciava a intenção de voltar a fazer fogo. Foi agarrado pelos outros elementos da Judiciária. Prostrado, Travanca Rodrigues teve ainda forças para lhe pedir que não disparasse mais: estava a morrer, e tinha a sua mãe...

Segundo os depoimentos que nos foram confiados, a vítima, apesar de muito embriagada, nunca chegou a manifestar-se com violência contra os agentes. O tiro — afirmam-nos — foi disparado à queima-roupa, a menos de um metro de distância. Outra testemunha acrescenta mesmo que o agente que disparou pretendia evitar que transportassem o homem ao hospital, ameaçando atirar sobre quem se aproximasse.

Ainda assim, o corpo de Travanca Rodrigues foi transportado de «táxi» ao hospital de S. José, seguido pelos agentes da P.J. num «Citroen-Mazaratti» de matrícula francesa.

VERSÃO DA POLÍCIA

Segundo a P.J., Anselmo Travanca Rodrigues era um indivíduo com cadastro policial.

Concretamente sobre o que se passou esta madrugada, eis a versão oficial da Judiciária

«Na 'boite' «O Hipopótamo», na Avenida António Augusto de Aguiar, ao longo de bastante tempo, da 1,30 horas até cerca das 3,30 horas, Anselmo Travanca Rodrigues, de 27 anos, natural de Elvas-Assunção, dirigiu provocações a um grupo de funcionários da Polícia Judiciária que ali se encontravam em serviço, motivo por que recebeu ordem de prisão.

«Ao receber a voz de prisão ofereceu resistência, e já na Av. António Augusto Aguiar, agredindo os funcionários que procediam à sua captura e, ao mesmo tempo que afirmava que os matava a todos, lançou mão à pistola que um dos funcionários trazia no cinto. Quando já tinha lançado a mão à coronha da arma e estava prestes a apoderar-se da mesma, outro dos funcionários disparou um tiro que atingiu o Anselmo Travanca no abdómen. Embora transportado de imediato ao Hospital de S. José veio o Travanca Rodrigues a falecer durante o acto operatório a que foi submetido.

«O cadáver vai ser removido para o Instituto de Medicina Legal para ser autopsiado.

«Já foram iniciadas as averiguações para completa averiguação dos factos acima relatados».

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM JANEIRO: 45.122

Tome nota

ESTRANHAMENTE PORQUÊ?

O Secretariado Nacional do Partido Socialista emitiu um comunicado de solidariedade para com Manuel Alegre e as suas decisões em relação à RTP.

Referindo-se a «entrevistas sensacionalistas com o Presidente suspenso (Tomás Rosa)», o Secretariado do P.S. acrescenta: «Estranhamente é o próprio jornal «A Luta» que hoje mesmo vem coroar essa campanha...» Estranhamente...

Mas estranhamente porque?

OS VOOS DA TV

No bar de um hotel de Lisboa estiveram a conversar durante algum tempo o secretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre, e outras personalidades, entre as quais um membro do Conselho da Revolução, representante da Força Aérea. «Tomás Rosa» seria tema da conversa?

DO REGIMENTO À FÁBRICA...

Alguns elementos do ex-A. M. I. (Agrupamento Militar de Intervenção) que ainda se encontram no Regimento de Comandos, deverão abandonar aquela unidade até ao próximo mês de Maio. Destino provável: a fábrica Cotesi, do industrial Violas (em Grijó) de onde recentemente foram suspensos, com processo de despedimento, 63 trabalhadores químicos.

«COMENTÁRIOS»

O Ministério da Agricultura e Pescas emitiu uma notícia intitulada «Comentários aos Comícios de Évora e Portalegre», onde o comentarista de serviço gasta um «telex» (cada vez mais caros) de 49 linhas para se insurgir com o facto de nos referidos comícios se ter pedido «aumento de fundos para crédito, apesar de os próprios comícios constituirem, em si mesmo, e pelo menos a curto prazo, um dispêndio de fundos do Estado»...

Imagine-se, no Verão de 1975, o ministro dos Transportes ou o das Finanças, emitir comentários aos gastos em combustível, horas de trabalho, etc... feitos com as «manifestações em defesa da democracia» promovidas pelo P. S. Ou seja, uns podem manifestar-se. Os outros têm de trabalhar sempre, mesmo aos sábados e domingos...

Novo director do C. R. R. A. de Beja

O regente agrícola Apóstolo Godinho, que durante algum tempo desempenhou o cargo de director do C. R. R. A. de Beja, foi transferido «por conveniência de serviço» para junto dos gabinetes dos secretários de Estado de Fomento Agrário e da Estruturação Agrária, onde vai desempenhar funções ligadas ao fomento das cooperativas de produção. Entretanto, o lugar deixado vago, será ocupado pelo regente agrícola Romana Martins.

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO

Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 5/77

Terça-feira, 8 de Março de 1977

Esquerda francesa: Sartre, os socialistas e a Europa

Angola: Cunene, o passado e o presente

Tecnologia: O aproveitamento da energia solar

Médio Oriente: O direito à saúde no Yemen democrático

Figura em destaque: Muammar el Kadhaffi

Nas ruas de Paris, as Forças Armadas francesas comemoram o 14 de Julho e as forças de esquerda (com Mitterrand e Marchais à frente), defendem o «programa comum»

PARA ONDE VAI A ESQUERDA FRANCESA?

UMA ADVERTÊNCIA DE SARTRE E DUAS RESPOSTAS

□ **Jean-Paul Sartre**

■ **LE MONDE**

Os militantes socialistas e a construção da Europa

Vivemos na época das mistificações. Ao lermos a Imprensa, ao escutarmos a rádio, ao vermos o senhor Giscard agitando-se na televisão, podemos julgar que estamos num período decerto um pouco difícil mas que não tardará a melhorar... com alguns sacrifícios da parte dos operários e dos camponeses, naturalmente.

Isto não é sério. Há algumas semanas que a situação internacional se degrada e desestabiliza aos nossos olhos. Saídos da crise de 1973 e da guerra económica aberta pelos Estados Unidos, contra a Europa e o Japão, novas relações de força e uma nova divisão internacional do trabalho causam a degradação da economia, o aumento do desemprego, a decomposição das estruturas políticas da Inglaterra e do conjunto dos países da Europa

SARTRE: «A esquerda precisa de olhar a verdade de frente»

meridional. Todos nós temos o tempo medido. Em França, a subida ao Poder do nacional-trabalhismo de Chirac mostram que efectivamente, **ainda é fecundo o ventre de onde saiu a besta imunda.**

Num tal contexto, uma nova reflexão se impõe ao cômputo de forças de esquerda e de extrema-esquerda. Se hoje me dirigo publicamente a vós, militantes do Partido Socialista, é porque nenhum dos projectos essenciais do adversário de classe no Poder poderá realizar-se sem o acordo, pelo menos tácito, do vosso partido. Giscard sabe-o e di-lo abertamente. Sem o vosso consentimento, os seus projectos europeus e a sua política de austeridade estão condenados à falência. Bastam para o provar os avanços que multiplica na direcção do PS.

Mesmo não os partilhando, compreendo as esperanças de todos os que enojados ou cansados com a direita que governa este país sem interrupção há quase vinte e cinco anos, procuraram o partido que lhes parecia mais eficaz, mais apto a acolhê-los e a modificar o equilíbrio das forças. Não escondo a esses militantes socialistas, no caso de eles o ignorarem, que combati outrora, o melhor que podia, a política argelina e pró-americana da SFIO de Guy Mollet, e que sou hoje irreductivelmente hostil às teses «atlânticas» dos principais dirigentes do Partido Socialista actual. Em todo o caso, para alem dessas divergências, o aumento dos perigos parece-me tão perigoso para o futuro da liberdade, que quero dirigir-me a vós na esperança de que o vosso partido ainda reflita colectivamente antes de dar entrada no **caminho europeu** para onde hoje é impelido.

A Europa que Carter, Schmidt, Giscard e Andreotti nos apresentam não tem nada a ver com o internacionalismo proletário, não tem nenhuma relação com a Europa dos trabalhadores com que o movimento operário ocidental sonha há um século. No espírito dos seus promotores, na dinâmica actual das forças de classe, trata-se, pelo contrário, de construir uma Europa do capital que será necessariamente dominada pelas sociedades multinacionais germano-americanas. Um exame das forças em presença mostra, pelo contrário, que a

SARTRE: «A França tem de combater a hegemonia germano-americana»

Assembleia Europeia eleita num tal contexto servirá unicamente de instrumento institucional para esse domínio. Como que por acaso, o problema europeu surge numa altura em que a esquerda francesa apresenta um aspecto coerente. Pelo contrário, o programa comum do governo, do qual se pode pensar o que se quiser, tem, no entanto, algumas disposições, que, se na verdade fossem aplicadas, bastariam para provocar o furor da direita e para a precipitar numa espécie de golpe de Estado legal. A importância do Partido Socialista no seio das forças de esquerda deveria pois conduzir os seus militantes a uma reflexão aprofundada sobre essa questão vital. Ora não é o caso. Pelo contrário, o problema da Europa é pudicamente evitado, decerto a pretexto de que ele opõe gravamente os dois principais partidos da união da esquerda.

Foi feito recentemente um apelo **para a constituição de um comité de acção contra a Europa geramano-americana e a eleição de um parlamento ao seu serviço.** Que diz este apelo? Diz que a inflação, o desemprego, a degradação

2

Os militantes socialistas e a construção da Europa

1

das moedas, a recessão, não serão resolvidos através dos planos de austeridade lançados pelos governos capitalistas da Europa do Sul, porque resultam necessariamente da nova ordem internacional imposta à Europa pelos Estados Unidos e pelos seus aliados da República Federal Alemã.

Essa política de austeridade abater-se-á necessariamente sobre as massas, não sobre os privilegiados. Não se aplicará na facilidade nem na alegreia. Os assalariados terão evidentemente tendência para a recusar, portanto será necessário impor-lha utilizando contra eles os poderes do Estado. É assim, modificando a legalidade, que os dirigentes, de direita contam sair da crise.

A Europa torna-se uma nova América Latina. Enquanto a Alemanha do Oeste se torna a primeira potência económica, militar e política da Europa, as burguesias da Europa do Sul debatem-se ou atolam-se em dificuldades inextrincáveis.

É provável que elas prefiram submeter-se sem condições ao «leader ship» germano-americano, a dar a mão àquilo a que chamam coligações social-marxistas. Aqueles que pensam sinceramente que num tal contexto vão construir uma Europa independente, faziam bem em desconfiar e reflectir. Está longe o tempo em que o general De Gaulle se opunha à hegemonia americana. A eleição de um parlamento europeu por sufrágio universal, preparada em comum, em França, por Giscard e Chirac, não é mais do que uma abdicação perante a estratégia e a pressão americanas: abdicação essa que leva directamente a um proconsulado alemão na Europa.

Militantes socialistas, ides ratificar um tal projecto votando com Giscard e com o RPR? Os acontecimentos políticos que neste preciso momento ocorrem em França, ficam muito claros à luz da análise precedente. A sociedade liberal avançada chega ao seu termo.

Ela pode chegar em qualquer altura a homens e a forças que não façam grande caso das liberdades nem mesmo da legalidade. Um belo dia, tal como na RFA, a caça aos «colectivistas» poderá muito bem começar.

É perfeitamente ilusório contar com a dinâmica das lutas na Europa, para inflectir o curso das coisas. Faltam os apoios no plano europeu, mesmo a nível dos países socialistas. É especialmente evidente, que a social-democracia alemã é, desde a sua reconstrução em 1945, um dos instrumentos privilegiados do imperialismo americano na Europa. Primeiro contribuiu fortemente para a reconstituição do capitalismo na Alemanha do Oeste, orientando a classe operária para a coligação com os antigos senhores nazis do grande capital e da banca alemães.

Sartre em Lisboa, há dois anos

Abriu depois a caça às «bruxas de esquerda» que hoje se amplifica na RFA, onde há mais de quinhentos mil inquéritos no quadro das leis celeradas sobre os «Berufsverbote», e onde a polícia federal pratica o assassinato e a tortura legal de certos adversários da ordem capitalista. O chanceler «socialista» Schmidt lançou por fim o rearmamento do seu país. Em directa violação dos tratados empenha-se mesmo hoje no fabrico de bombas atómicas no Brasil e na África do Sul e afasta brutalmente qualquer projecto sério de auxílio ao Terceiro Mundo. Leva a sua arrogância a intervir publicamente nos assuntos internos de Portugal e da Itália, porque dispõe da força e dos apoios necessários. A linha do seu governo prolonga e precede, com efeito, a nova estratégia definida pela Comissão trilaterial nos Estados Unidos.

Claro que a decisão do vosso partido acerca da Europa está toda inteira nas vossas mãos. Mas quero concluir esta carta com a ideia de que a própria maneira como os partidários da Europa capitalista se esforçam por obter a ratificação de um projecto que mete um povo inteiro numa via irreversível é suspeito e deveria provocar a sua rejeição por todos os partidários da democracia deste país.

Giscard manobra e esforça-se por escamotear o debate. Ele intriga nos bastidores. Multiplica as pressões e as concessões proforma. Gaba-se mesmo em público de dispor com antecedência do acordo do vosso partido para ratificar o seu projecto. A honestidade, a coragem, a honra quereriam que ele abrisse um amplo debate perante o país, e que este fosse directamente consultado. Não é o caso. Os meus amigos do comité de acção, e eu próprio, fizemos há algumas semanas a experiência da vontade de abafar e escamotear o debate sobre a Europa, actualmente praticada pela imensa maioria da Imprensa, pela rádio e pela televisão. Ao dirigir-me a vós directamente tenho a esperança de que farão connosco esse debate ao mesmo tempo no vosso partido e perante toda a opinião pública.

Se a esquerda deve dirigir um dia este país, ela precisa de olhar a verdade de frente, ao contrário do que faz a direita. Não podemos esperar separar hoje a política interna dos problemas internacionais, nem transformar a sociedadde em França, sem combater a hegemonia germano-americana sobre a Europa ocidental. ●

©(«Le Monde»)

Resposta de Altiero Spinelli

UMA DECISÃO HISTÓRICA

A aprovação do projecto de eleições europeias é praticamente certa em oito países da Comunidade mesmo na Dinamarca e no Reino Unido, os que mais hesitaram. Só em França é que ainda é incerta. Como o prazo para o debate é relativamente curto e a frente dos «sim» e dos «não» bastante definitiva, caberá ao partido socialista a pesada responsabilidade de fazer com que a balança penda para um ou para o outro lado. As consequências da sua escolha pesarão em toda a história europeia.

Consciente da parada, Sartre conjura o PS a escolher a recusa acumulando no seu recente artigo (publicado a 10 de Fevereiro no **Monde**) mais exorcismos do que raciocínios.

Não espero persuadir Sartre do que há de absurdo na sua visão antieuropeia. Mas atrevo-me a esperar que os socialistas franceses, que estão a meditar na importância histórica da sua decisão, queiram escutar outras vozes de esquerda, vindas de pessoas que participam há mais tempo na batalha pela Europa e que reflectiram mais no caso do que Sartre.

O certo é que, se nos anos 50, 60 ou 70 o desígnio da unidade europeia não tivesse sido um dado permanente da vida política dos países da Europa Ocidental, teríamos hoje uma Europa mais dependente dos Estados Unidos e dos europeus mais nacionalistas.

A Europa estaria mais dependente dos Estados Unidos, porque os seus membros teriam, em todo o caso, integrar-se económica e militarmente para enfrentar problemas que ultrapassavam os quadros nacionais. À falta de integração europeia, a América teria sido o integrador. Com efeito ela esteve em toda a parte onde os europeus não conseguiram estar (reconstrução, defesa, moeda).

Os propósitos europeus, embora parciais e insuficientes, criaram, em todo o caso, um modo de integração independente da integração hegemónica da América. Os governos americanos, conscientes do facto, aceitaram-na e até a ajudaram, enquanto a sua política estrangeira conservou um elemento de missionarismo democrático, ao lado das suas novas manifestações imperiais. Sentiram-no como um obstáculo aos seus planos, quando deixaram predominar a «realpolitik» imperial.

Ao que parece, Carter tenta regressar a uma política menos dominada pelos planos imperiais. Mas se os europeus não souberem avançar na integração, ele voltará necessariamente, à política kissingeriana.

Os europeus seriam mais nacionalistas devido à ausência da visão de uma sociedade europeia que ultrapassa a secular lavagem nacionalista dos cérebros. Este nacionalismo não foi só alimentado pela direita. Schumacher era o todo poderoso secretário da social-democracia alemã e bateu-se pelo nacionalismo alemão. Os piores «chauvins» que tentaram imobilizar a consciência política francesa numa espécie de ódio elementar antialemão foram os comunistas, e isto sente-se como uma voz de fundo em toda a actividade de Sartre.

O primeiro e o maior mérito da integração europeia é o ter preservado uma possibilidade de independência perante a hegemonia americana, e o ter dado uma visão política razoável e generosa ao tradicional «chauvinismo» das nações da Europa. Só em segundo lugar vem o mérito de ter promovido uma modesta integração económica, que assegurou uma estabilidade maior do que a que qualquer Estado poderia manter separadamente, permitindo formas modernas, não neocoloniais, de cooperação livremente aceite com os povos da África e do Mediterrâneo.

Se a realidade europeia se revelar completamente insuficiente perante as legítimas exigências da esquerda, esta é que tem a culpa. Nos anos em que as bases da Comunidade foram colocadas ela corria atrás dos fantasmas, limitando-se a administrar sem imaginação o poder que às vezes tinha.

As duas formas de integração — política e económica — estão hoje em crise. A Comunidade está paralisada pela crescente contradição entre as tarefas que se impõem e a incoerência das instituições comunitárias que põem todas as decisões nas mãos dos governos nacionais.

Protestos estudantis no Bairro Latino

Ter decidido, em tais condições, fazer participar mais o povo e o Parlamento europeu, corresponde a uma lógica política que muitas vezes se manifestou na história, quando os príncipes do passado, cansados dos seus poderes aparentemente fortes mas na realidade superficiais, apelaram para os Parlamentos. Claro que tanto agora como nesse tempo, o seu desígnio é sempre o de «mudar tudo para que nada mude», mas o

3

Marchais na defesa da via democrática para o socialismo em França

Uma decisão histórica

2

jogo nunca foi ganho quando as forças populares souberam o que queriam.

É neste momento, perante uma tal possibilidade de darmos entrada na arena europeia e de nos batermos pela Europa que queremos, que Sartre nos vem propor que voltemos as costas a tal perspectiva, optando por uma inverosímil revolução da Europa mediterrânica, e por desconfiar dos camaradas de todo o resto da Europa e, em especial dos camaradas alemães.

Sim, o **Berufsverbot** (a lei sobre as interdições profissionais) é uma vergonha para o partido social-democrata alemão, mas essa social democracia não se limita ao **Berufsverbot**. Ela também é o partido que soube libertar o seu povo da neurose da reunificação, através de uma política com o Leste que impõe o respeito. Para mais, o SPD está hoje agitado por esforços de renovação que os socialistas franceses devem seguir atentamente em vez de adoptar a atitude de desprezo de Sartre.

Se o partido socialista seguisse o conselho de Sartre e pusesse a palavra «fim» no projecto de eleições europeias, contribuiria para se ver rapidamente cercado por nações cada vez mais nacionalistas e cada vez mais vassalizadas. Neste quadro, sejam quais forem os sonhos de Sartre, uma renovação da França seria sem futuro. ●

©(LE MONDE)

■

Resposta de René-Victor Pilhes

ONDE ESTAVA O CRIME ?

Sartre sugere aos militantes do partido socialista que «reflitam colectivamente antes de darem entrada no caminho europeu». Isto parece, pelo menos, lógico. O programa comum de governo da união da esquerda francesa é desfigurado e receado pelos dirigentes da Europa ocidental e dos Estados Unidos. Ele implica uma política, uma economia, uma sociedade que se opõem radicalmente aos seus desígnios, que contrariam gravemente os costumes e os projectos dos seus bancos e das suas multinacionais. Para mais, se este programa vinga, pode dar ideias perigosas e maus exemplos a outros países, principalmente às nações da Europa do Sul.

Se o partido socialista, na hipótese de chegar ao poder, aplicar o programa comum, terá que enfrentar a encarniçada coligação das direitas ocidentais. Nessas condições uma Assembleia europeia não será, com efeito, mais do que o «instrumento institucional dessa coligação», um obstáculo suplementar no caminho de um Governo de esquerda.

Estes argumentos transformam-se em outros tantos alibis para aqueles que tanto em França como fora dela estão decididos a utilizar todos os meios sem excepção para quebrar esse programa comum que os partidos de esquerda adoptaram.

Se este programa não fosse aplicado, então, claro que já não valeria a pena preocuparmo-nos com o problema europeu. Esta hipótese leva-nos à época em que Guy Mollet julgou hábil fazer na Argélia a política da «direita mais estúpida do mundo». Os resultados dessa política são conhecidos: uma Argélia independente apesar de tudo, a S. F.I.O. destruída, o socialismo desqualificado aos olhos dos cidadãos e em particular da juventude, a esquerda afastada do poder durante vinte anos.

Manifestantes após um choque com as forças da ordem

Se o programa comum não for aplicado, a crise pesará cada vez mais sobre milhões de assalariados, o «saneamento» da nossa economia far-se-á em detrimento da maioria das pessoas e, como sempre, em proveito de algumas, a marmita explodirá, a direita «nacional-trabalhista» chegará ao poder e desta vez os socialistas precisarão de quarenta anos para se recompor.

Parece-me pois indispensável medir com cuidado a profunda incompatibilidade entre a realização do programa comum tal como ele é e a edificação de uma instituição europeia, tal como ela se apresenta. Instituição essa que, por detras do biombo da diplomacia e da democracia, será manobrada pelos Americanos e pelos Alemães. Porque não teria o partido socialista a força de suportar um debate sobre um problema tão urgente e importante? Conheço socialistas que são francamente hostis a essa Europa das multinacionais às ordens do dólar e do marco, outros que hesitam. Conheço entre os novos filiados, alguns que, apesar de devotados ao partido, nunca na verdade pensaram no caso. Outros acham que um debate destes complicaria a vida interna do partido ou causaria a ira do seu estado-maior. No entanto, se em cada secção do partido um ou vários militantes pedissem que esse problema fosse inscrito na ordem do dia, onde estava o crime? Tal facto obrigaria os partidários desta Assembleia europeia a cuidar dos seus argumentos e a opô-los aos de Sartre, que, tem de se reconecer, são impressionantes. Sobretudo para um cidadão socialista e nos tempos que correm. ●

© (LE MONDE)

SESSENTA PAÍSES PRESENTES NA FEIRA DE LEIPZIG

Cerca de nove mil expositores, procedentes de 60 países, participarão na Feira da Primavera de Leipzig, que se celebrará de 13 a 20 do próximo mês. Produtos técnicos e artigos de consumo corrente estarão expostos nessa grande mostra internacional. Vinte e cinco países expõem no sector da maquinaria pesada e de construção de instalações. Vinte países, na exposição de máquinas ferramentas. Vinte e cinco exporão produtos electrotécnicos, de automatização e de informática.

Outros ramos que figuram na exposição: máquinas agrícolas, máquinas de embalar, têxteis, etc.

A RDA, país anfitrião, estará representada em todos os ramos por 4200 empresas de comércio externo e indústria.

Os outros países membros do Comecon estarão também representados em força. Dos países socialistas é a URSS o maior expositor, com um pavilhão de doze mil metros quadrados de superfície, onde mais de 30 empresas de comércio externo oferecerão produtos do mais elevado nível científico-técnico. Predominam as máquinas pesadas, máquinas ferramenta, electrotécnica, informática e telecomunicações.

Do mundo não socialista apresentam-se vinte países em vias de desenvolvimento, seis dos quais latino-americanos.

Moçambique estará presente pela primeira vez no certame, expondo principalmente produtos agrícolas. ●

FOTO EXCLUSIVO

A Igreja «integrista» (ou ultramontista ou ultra-reaccionária como lhe quisermos chamar), capitaneada pelo arcebispo francês, mons. Lefebvre, tem em França uma grande aceitação. Os católicos fiéis ao arcebispo rebelde reuniram-se na «Mutualité», num comício e em multidão apoderaram-se da igreja vizinha de São Nicolau de Chardonnet, onde se manterão, até que lhes seja garantida a «liberdade de praticarem o culto à maneira tradicional». A ocupação é dirigida pelo abade Coache e mons. Ducaud-Bourget, que vemos nesta foto, respectivamente à esquerda e ao centro. (Foto AFP).

■

Segundo fontes oficiosas, o total das vítimas do incêndio do hotel Rossya, em Moscovo, eleva-se a 42 mortos e 92 feridos. Recorde-se que o incêndio ocorreu no passado dia 25 de Fevereiro e que as causas foram oficialmente atribuídas a uma avaria no sistema de controlo dos ascensores. Surgiram, entretanto, especulações segundo as quais o incêndio teria sido criminoso e estaria relacionado com a explosão ocorrida no metropolitano de Moscovo, a 8 de Janeiro. No fogo, morreram vários membros do PCUS que estavam em Moscovo para participar numa reunião de quadros do partido. Este facto explica a razão pela qual a mensagem de condolências às famílias das vítimas tenha sido assinada tanto pelo Conselho de Ministros da URSS como pelo Comité Central do PCUS. Nesta foto da AFP, vê-se a torre central do Rossya. Em primeiro plano, a igreja de Santa Bárbara.

■

O povo do Panamá proclamou 1977 como o ano de consolidação e unidade na luta pela libertação nacional. As organizações cívicas e associações progressistas do país apelaram para acções conjuntas de todas as forças patrióticas da República na luta pela soberania, contra as intrigas da reacção interna e externa, pelo fim do enclave colonial no interior do país. Na foto acima: um aspecto de uma manifestação dos estudantes da universidade Ramon Cantera em apoio da política de restauração da soberania do país, que está a ser desenvolvida pelo presidente Torrijos. Nesta manifestação foi queimada uma cópia do tratato firmado em 1903 entre o Panamá e os EUA, símbolo da opressão colonial «yankee» na América Latina. (Foto «Novosti»).

ANGOLA

CUNENE
ontem e hoje

□ Irma Cáceres Pérez
■ PRENSA LATINA

O Cunene, uma das três províncias fronteiriças de Angola com a África do Sul, representou ontem e tem ainda hoje uma importância crescente para os planos político-económicos do Governo de Pretória.

Ondjiva, antiga Pereira de Eça, foi uma das primeiras vilas onde entraram os sul-africanos e mercenários durante a invasão deste país.

Apenas 34 km separam esta localidade, capital de província, do posto fronteiriço de Sta. Clara e da Namíbia, no território ocupado pelo regime de Balthasar Vorster.

O exército sul-africano e os grupos da UNITA e da FNLA destruiram antes da fuga, em Março passado, tudo o que não puderam levar. Quase todas as vivendas apresentam marcas de balas de diferentes calibres: vidros e portas foram arrancados; os móveis partidos como frágeis peças de jogo, a pista do aeroporto foi bombardeada; a planta do aqueduto queimada, como tudo o que pudesse oferecer dados, códigos ou outras informações.

Mas ainda não é tudo. Hospital também foi saqueado, destruiram o laboratório e a sala de Raios X; o mesmo aconteceu com o banco, casas comerciais e outras instalações de serviços públicos

A vida começa agora a ressurgir em todas as aldeias, a vilas da província do Cunene, embora seja ainda comum passar pelas localidades em que vivam os colonos e ver portas, a baloiçarem ao sabor do vento, trepadeiras crescendo anarquicamente e animais deambulando solitariamente.

Em Pereira de Eça já foi restabelecida a corrente eléctrica e a água, a pista do aeroporto já está reparada, abrem-se lojas e preparam-se terrenos para es escolas, ao mesmo tempo que se realiza uma distribuição adwquada das vivendas abandonadas.

Também se efectuam trabalhos no hospital, o único que possui esta província de 89 000 km2 e 150 000 habitantes. Um só medico mantinha esse esabelcimento. Actualmente um médico cubano, de dez que chegarão em breve, trabalha na recuperação das instalações. Contava apenas com 57 camas e esse número aumentou agora para 78; além disso, prepara-se uma sala para crianças e outra para maternidade. A população, em regime de voluntariado, pinta e limpa o edificio.

Os colonialistas portugueses desenvolveram mais outras regiões do país do que a província do Cunene. Mas nos últimos anos, as contínuas pretensões sul-africanas sobre esse território levaram o Governo colonial a preparar um plano de desenvolvimento socioeconómico, com o encadeamento das grandes fazendas de modo a formar um cordão sanitário, para alegar que os colonos não aceitariam alterações nesta zona.

O Plano contemplava a participação da população nativa, os

Um quimbo cuanhama é formado por cinco ou mais palhotas circulares, feitas com ramos de árvores, com cerca de um metro de altura e dois de diâmetro

cuanhamas, embora a prática tenha mostrado que os nacionais se mantiveram estacionariamente, sem evolução económica e social, desde a época das invasões coloniais, no século passado.

Segundo indicam documentos oficiais desse plano, «as populações locais vão ser prejudicadas» e tinham de ser deslocadas para outras regiões. As terras foram cedidas aos colonos, em 1943, aos milhares de hectares ao longo da margem direita do rio Cunene. Havia proprietários, como Venâncio Guimarães, nom concessões de 25 mil hectares; Oskar Kisher, com 17 mil, e tantos outros.

Também estabelecia o direito do Estado alterar as actividades da população nativa, quando «prejudicar os planos oficiais previstos». Além disso, tinham de pagar «taxa de apascentamento e rega», apesar dos habitantes desta província, como os das outras de Angola, recordarem a existência de impostos sobre todos os bens dos autóctones, que chegavam a incluir os próprios cães, de grande utilidade para a pastorícia, actividade básica dos cuanhamas.

Os extensos territórios selvagens do Cunene, onde coexiste gado vacum com veados, coelhos, inofensivos esquilos e perigosas serpentes venenosas, serviram de refúgio aos cuanhamas, descendentes dos ovambos, quando os portugueses ocuparam as terras mais férteis e propícias à criação de gado.

Os cuanhamas vivem da criação de gado e da caça. Habitam em grupos de vivendas rústicas chamados quimbos e desconhecem inteiramente os avanços que a ciência e a técnica oferecem ao homen de hoje.

Mandumbe, o último rei dos cuanhamas, dirigiu uma dura luta contra os portugueses em meados do século passado e preferiu morrer por sua própria mão a submeter-se ao poder do colonizador. A recordação desse rei inflexível ainda constitui para eles um símbolo de heroísmo e as suas facanhas têm sido transmitidas de pais para filhos, ao longo dos anos.

Altos, negros, de tronco nú, são comunicativos e a barreira que poderia constituir o idioma desaparece quando se querem fazer entender, por todos os meios, utilizando a mímica ou falando pausadamente na sua língua, o cuanhama, ou quando alguém sabe Português e lhes serve de intérprete.

Um quimbo cuanhamaé formado por cinco ou mais palhotas circulares, feitas com jamos de árvore, com cerca de um metro de altura e dois de diâmetro. O telhado é em palha, em forma de cone e serve para proteger da chuva e das feras. Guardam aí algumas reservas de alimentos, uma massa de farinha de milho cozinhada com sal e manteiga (mazango); e uma bebida refrescante muito apreciada, que tem nomes diferentes nas diversas regiões do território e que é feita com milho e açúcar.

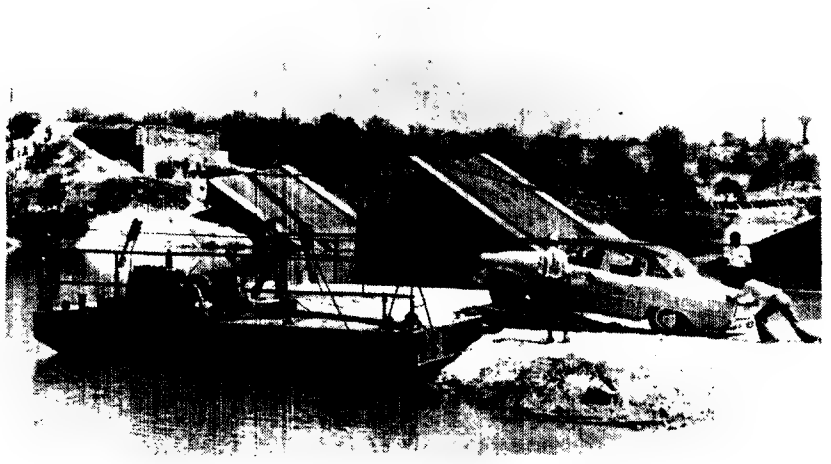
Os cuanhamas também comem peixe e carne, embora prefiram aumentar a criação de gado, que constitui um símbolo de poder e bem-estar, além de ter já representado uma importante moeda para troca, que o colono utilizava para lhe vender mercadorias como o sal e o açúcar. Vendiam gado aos colonos e com esse dinheiro pagavam os numerosos impostos que o Estado cobrava pelas pastagens, água e outras necessidades naturais.

O cuanhama, nalgumas épocas do ano, vê-se obrigado, a praticar o nomadismo em busca de melhores pastagens e de água. Desloca-se então com toda a família, composta geralmente por seis ou nove filhos.

Esta população foi também vítima da divisão unilateral do colonizador, que os converteu num povo entalado entre o Sul do país e o Norte da Namíbia. Este facto é hoje utilizado pelos sul-africanos que ocupam a Namíbia para criar contradições entre o Governo angolano e os cuanhamas, procurando fazer-lhes crer que sles D(descenentes dos ovambos) têm direito à independência e que por isso, o bantustão da Vovambolândia se konverterá em Estado em Dezembro de 1977.

Para os cuanhamas começa agora uma nova etapa. Assistem em grande número aos comícios — assembleias populares — que se organizam tanto em Pereira de Eça como em Roçadas, Cuamato, Chitado, Evale, Cuvelei, Namacunde ou Santa Clara, na fronteira com a Namíbia. Essa imensa população escuta silenciosa ou irrompe em belos cânticos, em resposta à nova linguagem que lhes leva o comissário político, um trabalhador, o professor. Pouco a pouco, vão descobrindo um mundo por eles imaginado, porque até agora paenas conheceram a solidão e a arrogância do conquistador.

Algumas destas populações foram vítimas de ataques de grupos da UNITA, que se mantiveram, dipersos pela selva, e que agora se dedicam ao roubo e ao saque



A ponte sobre o rio Cunene, minada pelos sul-africanos

Essa imensa população escuta silenciosa ou ir
lhes fala o comissão político, um trabalhador, o pro

dos humildes quimbus. Alguns desses elementos penetraram pela extensa fronteira com a Namíbia, segundo revelaram as autoridades locais, para realizarem a sua tarefa de dividir a população.

As antigas fazendas dos colonos organizam-se agora em cooperativas, cada vez mais numerosas, em que se criam as condições para levantamento e o tra-

tamento
cava sem
nético e
dos de 1
com 900
vino e 1
e ovino.

A prin
é a do m
outros fr
tabaco,
sol, funfa

O
ALTER

O recente aumento dos preços do petróleo e os boatos que correm, com ou sem fundamento, de que este começa a escassear, colocam novamente na ordem do dia o problema da descoberta de fontes de energia alternativas.

Por mais habitual que se tenha tornado apontar a energia nuclear como alternativa principal, o certo é que esta fonte de energia envolve uma tecnologia altamente especializada que a torna praticamente inacessível aos países do Terceiro Mundo. Isto, sem se falar nos riscos político-militares que o uso do átomo envolve... É por isso que se experimentam, actualmente, outras possibilidades, como é o caso do Centro Tecnológico da Aeronáutica, uma instituição estatal brasileira, cujas experiências com o álcool etílico demonstraram a viabilidade do uso deste carburante em automóveis. O presidente da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos, baseado nos resultados obtidos por este centro, já anunciou que, dentro de quatro anos, os autocarros passarão a circular com álcool etílico.

Opondo-se, de certo modo, aos que se revelam preocupados com a falta de petróleo e com a necessidade de encontrar novas fontes de energia, o presidente da Associação Latino-Americana de Energia Solar declarou, no fim

do an
tuação
preocu
turo, t
exigên
Améric
Tercei

Foi
se cor
possib
mento
a nov
seu
ca par
de de
se ape

São
sas, po
levada
Unidos
manha
noutro
dos, p
energi
mest
aqueci

Nos

sa ou irrompe em belos cânticos, em resposta à nova linguagem que ador, o professor

tamento do gado, que se multiplicava sem qualquer programa genético e sanitário. Segundo dados de 1973, a província contava com 900 mil cabeças de gado bovino e 100 mil de gado caprino e ovino.

A principal produção agrícola é a do milho,embora se recolham outros frutos menores: batatas, tabaco, citrinos, algodão, girassol, funfamentalmente nas proximidades do Cunene.

O rio Cunene nasce na província de Huambo, no centro do país, e constitui o principal recurso de água da província. Também os sul-africanos ambicionavam beneficar das águas do rio e plenaificaram a construção do complexo hidroeléctrico do Cunene, ainda em fase de acabamento.

A ponte sobre o rio Cunene, construída em Roçadas, com 1200 metros de comprimento, foi destruída pelos sul-africanos depois da sua retirada, o que constitui uma séria dificuldade para o escoamento do tráfego terrestre naquela zona. Uma barcaça resolve os problemas de transporte dos veículos e pessoas de um lado para o outro do rio.

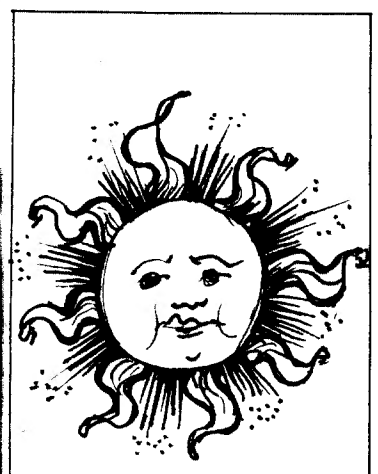
Moradores de Roçadas recordam que os sul-africanos voltaram à região para minar a ponte, pelo que a medida não representava uma acção de estratégia militar.

O complexo hidroeléctrico do Cunene deve estar terminado em 1977. Está construido de forma a que as represas parciais de água fiquem afastadas do Cunene e a planta para converter a água em energia, em território da Namíbia. Quer dizer que se torna necessário que todo o processo se efectue entre as duas partes para que se cumpra o objectivo da obra, que é o fornecimento de água e electricidade para os planos económicos da Namíbia.

Através dos 500 km de estrada e dos milhares de km de caminhos que cruzam as selvas e os vales do Cunene, começa hoje a sentir-se o nascimento de uma nova vida que nada tem a ver com a Angola de ontem. ●

O SOL, UMA FONTE TERNATIVA DE ENERGIA

■ INTERPRESS



do ano passado, que a situação, por enquanto, não era preocupante, apesar de, no futuro, ter de se contar com as exigências dos países da América Latina e do resto do Terceiro Mundo.

Foi dentro deste quadro que se começaram a explorar as possibilidades de aproveitamento da energia solar e que a nova tecnologia perdeu o seu carácter de ficção científica para adquirir uma viabilidade de que nem todos ainda se aperceberam.

São cada vez mais numerosas, por exemplo, as tentativas levadas a cabo nos Estados Unidos, na República da Alemanha Federal, em Itália e noutros países industrializados, para se aproveitar esta energia no aquecimento doméstico, nomeadamente no aquecimento de água.

Nos Estados Unidos, por exemplo, nove meses depois da instalação de um sistema deste tipo numa casa, já se registava uma economia de cerca de 55 por cento no uso de combustíveis tradicionais apesar da referida instalação ter sido levada a cabo de uma forma «muito artesanal», segundo os relatos da Imprensa.

Em Itália, pelos menos 200 empresas dedicam-se exclusivamente à construção de painéis reflectores de energia solar que, depois, exportam para França e para os Estados Unidos. Isto, apesar do custo elevado das instalações de aproveitamento de energia solar ter impedido a divulgação que o sistema merece. Em Itália, para se mencionar um caso que bem pode vir a tornar-se típico, já existem planos para a instalação de duas escolas-piloto aquecidas por este método e os técnicos afirmam que se conseguirá, com ele, uma economia de combustivel de 60 a 70 por cento. O projecto italiano prevê que o sistema, uma vez terminadas as experiências iniciais, seja tornado extensivo a todos os edifícios públicos, bem como a instalações fabris e vivendas, reduzindo consideravelmente as importações italianas de petróleo. Atendendo a que nos primeiros dez meses de 1976, a Itália gastou cerca de seis milhões de dólares na importação de produtos petrolíferos, não é difícil calcular o que esta economia representa para a balança de pagamentos italiana.

A Boeing Aerospace Company anunciou, nos princípios de 1975, estar disposta a instalar centrais solares no espaço e embora esta declaração de início não tenha sido tomada muito a sério, a verdade é que no fim do ano a Imprensa internacional informou que a NASA e a International Aeronautics tinham escolhido a Boeing para conceber um satélite especial exclusivamente destinado a captar os raios solares para este efeito.

Teoricamente, a energia solar captável na Terra é 250 vezes superior às necessidades actuais da Humanidade porque o nosso planeta recebe permanentemente energia solar que corresponde a 1 quilovátio por metro quadrado: na prática, isto quer dizer que temos à mão uma energia gratuita, inesgotável e inofensiva.

Por um lado, os países do Terceiro Mundo que não produzem petróleo estão a sofrer os efeitos do aumento dos preços desta fonte energética e, por outro lado, outros há que não sabem refrear a ganância na exploração dos seus recursos naturais. O uso da energia solar pode alterar completamente este panorama, servindo os interesses de uns e outros, já que tornará acessível aos países do Terceiro Mundo uma fonte de energia gratuita e permitirá que os outros passem a investir os seus petrodólares em projectos de desenvolvimento, em lugar de os reciclarem nos países industrializados. ●

No Yemen democrático

O DIREITO À SAÚDE

□ Rodolfo Casals

■ PRENSA LATINA

A situação da assistência médica era extremamente precária quando a revolução triunfou nesta nação árabe.

Antes da proclamação da independência em 30 de Novembro de 1967, existiam em todo o país apenas quatro hospitais. Um deles, evidentemente o melhor, era, para uso exclusivo dos ingleses. Nos outros, como é conhecido, atendiam-se apenas os senhores feudais, os seus empregados mais chegados e o pessoal que servia nas numerosas bases britânicas.

Ao resto da população, à imensa maioria do milhão e setecentos mil iemenitas, estava vedada a menor possibilidade de assistência médica. A desnutrição, as doenças endémicas como o paludismo, tuberculose e broncopneumonia, provocavam verdadeiros estragos neste povo cuja esperança de vida não ultrapassava os cinquenta anos.

Após a expulsão das tropas inglesas depois de quatro anos de heróica luta armada, existiam apenas 10 médicos iemenitas. O Governo revolucionário, que assumiu o poder em 22 de Junho de 1969, teve de enfrentar uma situação catastrófica na saúde, como nos restantes sectores da vida social e económica do país.

Partindo praticamente do zero (95 por cento da população era então analfabeta), foram enviados alguns estudantes para os países socialistas e obteve a ajuda da União Soviética, Cuba, Bulgária, República Democrática da Alemanha Coreia e outras nações, assim como da Organização Mundial da Saúde, para resolver as graves dificuldades existentes.

Tal cooperação permitiu a formação de algumas dezenas de médicos, cujo número atinge já actualmente quase uma centena; a abertura, o ano passado, com a participação de professores universitários cubanos, da Faculdade de Medicina da futura Universidade Nacional, com uma matrícula inicial de 54 alunos, cujo segundo curso começou no passado 30 de Outubro com outros 64 estudantes; a inauguração dum Instituto para formar técnicos médios e enfermeiros e a construção de novos hospitais e postos sanitários.

Hoje no Iemen Democrático, prestam serviço delegações de uma dezena de países, na sua maioria socialistas. O número de hospitais ascende a 23 (em breve serão 31) e existem dispensários nas mais distantes zonas do país. A lei proíbe o exercício privado da medicina, confirmando assim a decisão do Governo e do Partido de fazer a saúde pública um direito de todos os cidadãos.

Os recursos são, contudo, escassos. Há hospitais que nem sequer têm um médico e dão-se agora os primeiros passos para desenvolver a medicina preventiva. Mas a Revolução Iemenita e os seus dirigentes persistem na sua aspiração de alargar gradualmente a assistência médica com os próprios esforços e a ajuda amiga, e para tal já começou a formar-se um Comité especial que se ocupará do desenvolvimento dos serviços assistenciais no II Plano Quinquenal, que começará em 1979.

A 73 quilómetros de Aden, nos arredores de Lahej capital da Segunda Província ergue-se um conjunto de edifícios em memória de Ahmed Salem Tahil Abbas, o heróico chefe da guerrilha urbana no bairro do Sheik Osman, morto em combate contra as tropas inglesas.

O hospital «Abbas» é também um símbolo da amizade e da cooperação cubana e iemenita, que se manifesta, além disso, nos sectores produtivos, como a agricultura, pecuária e avicultura e noutros importantíssimos domínios, integrados nos planos de desenvolvimento económico, político e social, empreendidos pelo Governo.

Dos onze médicos que trabalham nos três hospitais da Segunda Província, dez são cubanos, que se encontram no «Abbas» e em «Camillo Cienfuegos», onde atendem frequentemente doentes que vivem a oito ou mais horas de caminho e mesmo na Primeira Província.

A delegação possui um elevado nível científico: especialistas em cirurgia, ortopedia, ginecologio-obstetrícia e anestesiologia; dois pediatras, dois médicos de clínica geral e um estomatologista; técnicos de laboratório e raios X; enfermeiras-pediatras, de obstetrícia, de sala de operações e uma enfermeira-chefe.

A imensa maioria do milhão e meio de iemenitas estava privada de assistência médica. Actualmente qualquer humilde cidadão tem garantida essa assistência

A equipa orienta os cursos da escola de enfermagem, que funciona no próprio hospital, com 43 alunos iemenitas, e prepara-se agora para ampliar o número de camas, de 110 para 140, para fazer um programa provincial de higiene, educação sanitária e alimentar, para implantar o boletim de saúde a começar pelos trabalhadores e para iniciar nas escolas a vacinação contra o tétano, a poliomielite e outras doencas.

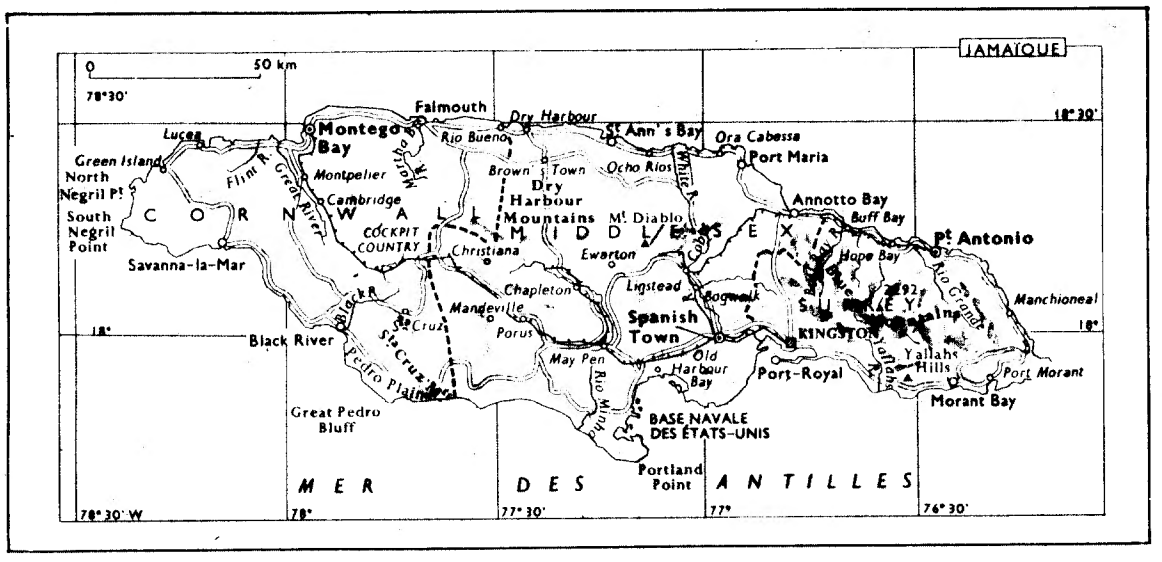
Este trabalho é o resultado da cooperação cubana e iemenita, do trabalho colectivo e da evolução constante. Mas é, antes do mais, consequência do esforço do Governo do Iemen para alcançar esse objectivo que consiste em edificar uma vida nova para o seu povo. ●

ANTI-IMPERIALISMO ESTÁ MAIS FORTE NAS CARAÍBAS

□ German Glen
■ INTERPRESS

O triunfo eleitoral do primeiro-ministro da Jamaica, Michael Manley, em Dezembro passado, levou os observadores políticos a constatarem uma agradável (para uns) surpresa: os acontecimentos que se passam na área das Caraíbas atravessam um processo que tem um sinal contrário ao que se passa no resto do continente latino-americano. Ainda que esta ideia possa parecer simplista, o certo é que os Estados Unidos dão sinais de evidente preocupação perante as novas perspectivas que se estão a abrir para a diplomacia conjunta da Jamaica e de Cuba. Esta preocupação tem caracteres perfeitamente definidos: já foi dito que os Estados Unidos «não permitiriam uma nova Cuba na América Latina» e, poucos dias antes de deixar a Casa Branca, Gerald Ford cometeu mais uma das suas memoráveis «gaffes» ao preconizar a anexação do Porto Rico, no que foi seguido por um professor da Universidade de Nova Iorque, em relação ao Panamá.

A estreita colaboração entre os governos das duas ilhas, que já havia começado antes das eleições em que Manley saiu vitorioso, data de 1973, quando o chefe do Governo da Jamaica, durante uma visita efectuada à Tailândia, advertiu a quem o quisesse ouvir que aderia cabalmente às lutas anti-imperialistas do Terceiro Mundo. Na época, este gesto de Manley chegou a ser classificado como uma simples «audácia de um sindicalista negro». Mas em Dezembro último, quando as urnas revelaram a sua vitória mais do que convincente sobre o opositor, Edward Seaga, do Partido Trabalhista, quem emitiu opiniões apressadas viu-se obrigado a rever os seus conceitos. Manley e o seu partido, o Nacional do Povo — P. N. P. — haviam conferido à consulta eleitoral o carácter de um autêntico referendo sobre a política levada a cabo durante os últimos anos e acerca de uma eventual proclamação da república. (A rainha Isabel II, da Grã-Bretanha, é o monarca também da Jamaica e aí está representada por um governador-geral).



Manley conta agora com um total de 48 dos 60 lugares do Parlamento jamaicano. A queda do Partido Trabalhista de 17 para 12 lugares, é um sinal bastante evidente de que o povo da ilha, apesar do atraso em que vive e das privações que suporta, com todas as implicações que isso significa, começa a abrir os olhos.

Situação empolada

Entretanto, as «influências» cubanas na Jamaica, tão faladas na Imprensa e nos meios diplomáticos ocidentais, com ressonâncias no próprio partido do derrotado Edward Seaga, são falsamente empoladas, situando-se a um nível bastante inferior ao propalado.

Um dos três grandes recursos económicos da ilha que tem carácter estratégico para os Estados Unidos é a bauxite, que actualmente continua a ser explorada por seis companhias norte-americanas e canadenses, as quais até agora não tiveram qualquer atrito com o Governo de Manley. Uma destas seis companhias é a famosa Alcoa, um dos «tubarões» mineiros norte-americanos tão conhecidos no Chile e na Bolívia. O Estado da Jamaica controla apenas seis por cento das suas instalações.

A Jamaica produz actualmente a quinta parte da bauxite mundial e, portanto, a respectiva produção de alumínio. Cerca de 90 por cento das importações norte-americanas de alumínio vêm da Jamaica.

E é justamente na bauxite da Jamaica que estão concentradas as preocupações dos Estados Unidos, logicamente com reflexos directos no seu futuro político. Estas preocupações aumentaram desde que o Governo de Manley impulsionou a criação de uma espécie de «OPEP» para este produto, impulsionando a criação de uma frente dos países produtores de bauxite do Terceiro Mundo. Aproveitando a diminuição mundial das necessidades de bauxite observada no ano passado, as companhias instaladas na Jamaica responderam à iniciativa de Manley com uma limitação na produção. Isto teve reflexos na já crítica situação económica da ilha, deteriorada pela queda do preço mundial do açucar, outra das suas grandes fontes de divisas. A terceira indústria do país, o turismo, também decresceu, como resultado da campanha contra o «castrismo». Curiosamente, logo após a revolução cubana, foi a Jamaica a beneficiária dos dólares gastos até então pelos turistas que iam para Cuba e que de lá passaram a fugir com medo dos «barbudos».

Para fazer frente a esta situação económica, Manley recorreu a uma vasta gama de créditos, que também dão uma ideia da «flexibilidade política do Governo». Setecentos milhões de dólares vieram do Banco Central de Trinidad, 22 milhões de dólares, do Governo canadense, e aproximadamente 25 milhões em direitos de saque outorgados pelo Fundo Monetário Internacional, que é controlado pelos Estados Unidos. Ao lado desses créditos, coexistem na ilha «técnicos» norte-americanos, canadenses, britânicos e cubanos.

Manley que se afirma «socialista, e não comunista», combinou habilmente, até agora, as tradições parlamentares com uma política avançada no campo social e com as crenças cristãs da maioria do povo jamaicano. E, se é certo que o recente êxito eleitoral vai permitir que avance no seu programa de reformas, é entretanto difícil que abandone esta sua conduta «especial».

A 200 quilómetros de Cuba, e no meio da corrente geral progressista das ex-colónias inglesas nas Caraíbas que, além da Jamaica, são também os Barbados, Trinidad e a Guiana, a possibilidade de uma radicalização do processo político jamaicano parece bastante ligado à resposta que será dada pelos Estados Unidos quando o Governo avançar para um maior controlo — ou para a nacionalização — da produção de bauxite, entre outras medidas possíveis no mesmo teor. ●

O PINKERTON DE ZURIQUE

□ V. Dymov
■ NOVOSTI

Foi descoberto na Suíça um novo Pinkerton. Mas a sua ocupação não é o crime e sim a política. Ernst Cincera, de 48 anos de idade, dono de uma agência de publicidade de Zurique, tenente-coronel do exército suíço, entregou-se à «luta contra as esquerdas». Cincera reúne, desde princípios dos anos 50, dados acerca de pessoas e organizações perigosas, que «ameaçam o regime instituído». Com o tempo, essas actividades tomaram maiores proporções. Em 1972 apareceu o «grupo de análise crítica do momento», e dois anos mais tarde, o «grupo de informação suíço»; depois, surgiu até um órgão de Imprensa: «Quê, quem, como, quando, onde». Não será preciso dizer que Cincera ocupou os postos de director e chefe da Redacção.

Bastava que alguém, na Suíça, mostrasse descontentamento, criticasse em assembleias ou na Imprensa ou, simplesmente, manifestasse simpatia pelo «Leste», para que fosse imediatamente parar ao ficheiro de Cincera. O «gendarme da nação» como o denomina o jornal «Tages Anzeiger», tem já dez mil fichas. Em muitas delas há anotações do tipo das seguintes: «Dá a impressão de ser marxista», «Terrorista em potência», «Perigo de esquerda». No ficheiro há dados acerca de conhecidos sociais-democratas, dirigentes sindicais, padres, escritores e artistas e informações sobre cerca de quatrocentas organizações sociais, incluíndo os Cristãos para o Socialismo e o Grupo Evangélico. O brilhante Pinkerton desconfia de todos os que defendem a ideia do desanuviamento internacional.

Cincera completava constantemente o seu ficheiro: os seus agentes pagos tinham-se infiltrado em algumas organizações democráticas. Grandes bancos, monopólios e mesmo algumas instituições oficiais recorriam aos serviços do «gendarme da nação». O «National Zeitung» afirma que uma firma concedeu gratuitamente a Cincera um moderno sistema de microfilmagem e um computador. O consórcio suíço Nestlé recebeu do ficheiro de Cincera, segundo afirmam os jornais suíços, dados para processar em tribunal os participantes do Grupo de Apoio aos Países Terceiro-Mundistas. O ficheiro de Cincera serviu de base para demitir alguns professores de «mentalidade crítica».

A vida de Cincera corria maravilhosamente até que, em fins de Novembro último, foi desmascarado pela organização Manifesto Democrático, que também figurava no seu ficheiro. Foram dados a conhecer ao público originais e fotocópias de documentos, fichas, correspondência de «elementos subversivos», pedidos dos clientes, as suas cartas de agradecimento e dados sobre as substanciais recompensas obtidas pelos «serviços».

A opinião pública suíça recebeu indignada as informações acerca das actividades da agência de espionagem encabeçada por Cincera. Os observadores do «Tages Anzeiger», o «National Zeitung» e outros jornais exigiram que as autoridades tomassem imediatamente conta do caso. Deputados do Parlamento e a fracção social-democrata do Conselho Cantonal de Zurique pediram que se «denunciasse à luz do dia, essas maquinações tão perigosas para a democracia e fossem rigorosamente pedidas responsabilidades aos culpados».

Mas o caso tomou um curso inesperado. Em vez de Cincera e dos seus colaboradores, foram presos os dirigentes do Manifesto Democrático. A instâncias de Cincera, foram acusados de «fraude» e «atentado à liberdade». Foi necessário que a opinião pública protestasse, para que fossem postos em liberdade.

Contudo, Cincera não dormia. Quando a Polícia suíça resolveu, finalmente, fazer uma busca nos seus escritórios, verificaram que o ficheiro e muitos documentos tinham desaparecido sem deixar vestígios. ●

FIGURA EM DESTAQUE

MUAMMAR EL KADHAFFI

NO Congresso Popular Geral Extraordinário, que esteve reunido de 28 de Fevereiro a 2 de Março, em Sabha, o Poder Popular foi instaurado na Líbia. Com base numa proclamação de quatro pontos, o Corão passa a ser a lei fundamental da sociedade líbia, onde o poder popular directo será o regime político vigente. O povo assumirá este Poder através dos Congressos Populares, dos Comités Populares, dos Sindicatos e das Organizações Profissionais e, finalmente, do Congresso Popular Geral, que tem à frente o presidente da República Árabe Líbia Popular e Socialista, coronel Muammar El Kadhaffi.

Embora raramente tenha ultrapassado as fronteiras do seu país, Kadhaffi é um dos homens de Estado mais conhecidos e discutidos de todo o mundo. Os seus partidários e admiradores saem, quase invariavelmente, do mundo árabe e dos países em via de desenvolvimento.

«Anti-imperialista», «agente norte-americano», defensor intrépido da independência nacional, chauvinista, moralista, Muçulmano fanático, reformador autoritário, político reaccionário, visionário e iluminado, são alguns dos epítetos que lhe são atribuídos e que aumentam a controvérsia em torno do seu nome.

Para os israelitas e para um grande número de judeus que vivem fora de Israel, Kadhaffi é a própria encarnação do anti-semitismo. Já no mundo árabe, a sua juventude, presença, linguagem directa e franca — às vezes brutal — seduzem os que aspiram a renovação.

Em todo o caso, este jovem presidente, de sorriso aberto, olhar voluntarioso, que consegue arrebatar multidões com os seus propósitos violentamente revolucionários, responde, de uma certa maneira, à agressividade refreada das massas que sofreram, ou ainda sofrem, a exploração colonial e a humilhação imposta pelos seus «protectores» estrangeiros. Isso faz com que muitos vejam em Kadhaffi o mais legítimo sucessor de Nasser, ao mesmo tempo que outros contestam esta herança.

«Recordais-me a minha juventude», disse-lhe uma vez o Rais. Com efeito, o fundador da república, egípcia tinha, no fim da sua vida, corrigido as suas teses, à custa da experiência adquirida ao longo dos anos. Reviu as suas posições sobre o nacionalismo, o pan-arabismo socialista e o «nasserismo positivo», que defendeu encarniçadamente no princípio da sua própria revolução. Nasser achava Kadhaffi impetuoso, demasiado idealista e apressado na realização de objectivos comuns. Em matéria de islão, o Rais não partilhava nem a religiosidade nem o puritanismo do seu colega líbio. No domínio dos Negócios Estrangeiros, Nasser considerava que os sentimentos violentamente anti-soviéticos de Kadhaffi não correspondiam nem à necessidade do momento nem aos interesses tácticos do mundo árabe comprometido, quer quisesse, quer não, num combate maior contra a exploração dos Estados Unidos.

Não é menos verdade que o antigo chefe da revolução egípcia continua a ser, para Kadhaffi, o símbolo do renascimento árabe com o qual sonha. Ainda estudante, Kadhaffi manifestou-se nas ruas a favor do Rais quando este havia enfrentado a «agressão tripartida» anglo-franco-israelita contra o Egipto, em 1961. Por causa disso, foi expulso do liceu onde estudava. Depois, Kadhaffi nunca deixou de querer aliar o seu nacionalismo político ao misticismo muçulmano e conciliar o nasserismo da guerra fria com a conjuntura internacional em plena mutação.

De origem beduína, Muammar El Kadhaffi nasceu em 1942 numa tenda no deserto de Sirtas, mais ou menos 500 quilómetros a sudoeste de Tripoli. Fez os seus estudos no liceu de Sahha, no sudoeste do país, e de Misourata, em Tripoli. Na Universidade de Benghazi especializou-se em geografia. Mas a sua vida universitária não durou mais de três ano. Em 1963 entrou para a Escola Militar. Mais tarde, fez um curso de férias na Academia de Sandhurst, na Inglaterra. É durante este período que Kadhaffi se junta a um grupo de jovens oficiais que formará, mais tarde, o núcleo da conspiração contra o rei Idriss. Na altura, era capitão.

Após o êxito do golpe de Estado, em Setembro de 1969, o capitão Kadhaffi foi nomeado presidente do Conselho da Revolução e comandante-chefe das Forças Armadas da Líbia, com o posto de coronel.

SEMANA INTERNACIONAL

COOPERAÇÃO AFRO-ÁRABE

Cimeira

A cimeira que neste momento está prestes a terminar e que foi oficialmente inaugurada por Sadat, no Cairo e que reune sessenta chefes de Estado ou governo de outros tantos países afro-árabes é um acontecimento marcante. Pela primeira vez, os dirigentes máximos desses (20) Estados árabes e 40 africanos se reunem, para debaterem o auxílio que os produtores de petróleo poderão prestar aos desprotegidos do continente africano. Sendo muito importante esse aspecto, outro há de reflexos mais imediatos: o político. Se é certo que a cooperação económica depara com imensos obstáculos, já o mesmo não diremos da aliança política em torno dum objectivo muito concreto: o isolamento de Israel e dos regimes racistas da Rodésia e da África do Sul.

As decisões que sairão desta «cimeira» podem não ser tão positivas como a urgência dos países necessitados requer, mas o simples facto de se estabelecer um esquema de reuniões periódicas e um conjunto de grupos de trabalho de actividade permanente é um contributo decisivo para o avanço da cooperação entre esses Estados, cuja população global se cifra em 500 milhões de pessoas.

Mar Vermelho

Duas outras cimeiras ficaram a assinalar a semana passada: a de Cartum e a de Madrid. Na primeira, e decisão mais importante foi a de integrar o Sudão no comando militar unificado que o Egipto e a Síria haviam estabelecido nos fins do ano passado. solidariedade que os três chefes de Estado decidiram exprimir a favor das facções independentistas da Eritreia abriu o véu para aquilo que se congemina em relação ao Mar Vermelho: transformá-lo num mar árabe, e firmar uma sólida barreira à penetração «comunista» (leia-se, como em todos estes casos, progressista). A revolução etíope o regime líbio, a República Democrática do Yémen os rebeldes do Dofhar estão na mira dos conservadores árabes, capitaneados pela Arábia Saudita.

PCE

Quanto à cimeira de Madrid, teve como participantes os secretários-gerais dos Partidos Comunistas italiano, francês e espanhol. O comunicado final que muitos círculos reaccionários esperavam ansiosamente como uma declaração de ruptura com o movimento comunista internacional limitou-se a repetir as declarações da reunião de partidos comunistas e operários efectuada o ano passado em Berlim. A defesa das liberdades democráticas, a via original de cada partido para aplicação do socialismo nada representam de novo nem de ruptura. O que essa reunião trouxe de muito importante foi o apoio internacional dado à luta do PCE pela legalização e a firmeza com que defendeu a luta de todas as forças antifascistas espanholas pela real democratização do regime. No dia seguinte à cimeira, o PCE apresentava no Supremo as alegações com que argumentava o seu inquestionável direito à legalização. O governo de Suarez deu, entretanto, novo passo para a democratização, ao reconhecer o direito à greve.

Poder Popular

Na Líbia, o Congresso Popular Extraordinário, que de 28 de Fevereiro a 2 de Março, decorreu na cidade de Sabha, proclamou o poder popular directo. O país passará a chamar-se República Árabe Líbia Popular e Socialista , tendo o Corão como sua lei básica, e experimentando uma fórmula institucional que rompe com os esquemas tradicionais de poder e organização. O coronel Muammar Gadhaffi foi escolhido como secretário-geral do Congresso Popular e dirigente do Estado. Um tanto inesperadamente, Fidel Castro, primeiro-ministro cubano, foi assistir ao Congresso. No seu discurso, Fidel louvou o dirigente líbio como um lutador anti-imperialista e um grande defensor da unidade árabe.

Um tremor de terra assinalou tragicamente esta semana: com o epicentro na Roménia, o sismo, que atingiu os graus 7 a 8 da escala Richter, fez-se sentir em sete países: Roménia, Austria, Itália, Jugoslávia, Bulgária, Grécia e URSS. O número de mortos avalia-se em quatro mil na Roménia, país mais duramente atingido, cuja capital, Bucareste, sofreu graves estragos.

A.N.

Carta de Moscovo

OS ACORDOS DE HELSÍNQUIA SÃO PARA CUMPRIR NO SEU TODO

□ **Vladimir Lomeiko**

A União Soviética está altamente interessada na estrita aplicação dos Acordos de Helsínquia. Nem outra coisa seria de esperar, pois a Acta final dessa cimeira de 35 Estados consagra objectivos coincidentes com aqueles que o PCUS sempre tem defendido: assegurar uma paz duradoura não só na Europa mas no mundo inteiro.

O facto de os dirigentes soviéticos continuarem a referir-se largamente a esses acordos (como há bem pouco aconteceu com o discurso de Leonid Brejnev em Tula) mostra bem a sua importância para o povo soviético.

Afirmar que a União Soviética considera esses acordos letra morta é uma grosseira calúnia, inventada por aqueles que, no Ocidente, tudo fazem para deter a marcha do desanuviamento.

O que é significativo é que certos círculos ocidentais se comportem perante a Acta final de Helsínquia como uma criança gulosa que comesse apenas as frutas cristalizadas de um bolo-rei. Esquecendo todo o resto do que se contém nos importantes documentos assinados em Helsínquia, certos meios ocidentais atêm-se apenas à defesa dos direitos e liberdades individuais, encarando-os, ainda por cima, exclusivamente sob a sua óptica própria.

E assim o demorado e persistente esforço de 35 Estados, as suas laboriosas negociações, os compromissos internacionais subjacentes às complexas disposições da Acta final são pura e simplesmente ignorados para se brandir apenas um dos aspectos dos acordos.

Os que assim procedem são exactamente os mesmos que esquecem outra importante disposição dos acordos: a não ingerência nos assuntos internos de outros países. São os mesmos que pretendem impor à URSS as suas concepções de vida, incompatíveis com a democracia e a justiça socialistas. Se fizéssemos a mesma coisa e propuséssemos aos outros a nossa avaliação própria de justiça e democracia, não nos poderíamos calar perante os milhões de desempregados que vegetam nos países capitalistas. Que dinheiro lhes dão os seus governantes para que eles possam, de acordo com as disposições da Acta, circular livremente pelos países estrangeiros? Que justiça e democracia se garante a quem não consegue ganhar a sua vida? Poderíamos também exigir, por exemplo, que fossem despedidos todos os funcionários da CEE em Bruxelas, que espiam os colaboradores das comunidades que visitam os países socialistas. Os exemplos podiam multiplicar-se indefinidamente. Se os países socialistas quisessem competir com a gritaria que vai no Ocidente em torno de alegadas violações dos Direitos Humanos nas nossas sociedades, teríamos matéria para interminável clamor.

Poderíamos ligar todas as reivindicações às exigências do cumprimento da Acta de Helsínquia. Mas não o fazemos, porque não queremos violar a regra da não ingerência na vida de outros países e porque não pretendemos impor as nossas concepções de democracia e justiça a ninguém.

Preferimos o sereno e frutuoso caminho da cooperação. Preferimos continuar a lutar pelo real desanuviamento, pela fraternidade entre as diversas nações da Europa.

O facto inegável é que, graças aos Acordos de Helsínquia, muito se avançou já no caminho da cooperação entre nações de diferente regime social. Os acordos de Helsínquia são parte integrante do pensamento político, económico e humanitário da sociedade soviética. ●

PELO MUNDO

UMA FÁBRICA FIAT NA CHINA ?

A delegação de alto nível empresarial da FIAT que neste momento se encontra na China Popular foi precedida por cinquenta quilos de documentação técnica, incluindo informações estatísticas, quadros gráficos, uns vinte filmes e centenas de diapositivos.

Todo este material informativo será utilizado por Niccola Gioia, director de negociações internacionais da citada empresa italiana, para convencer os funcionários da «import-export» de Pequim e outras entidades da área económica sobre as vantagens da instalação na China duma fábrica de construção automóvel da FIAT.

Os engenheiros chineses haviam-se lançado, de Livro Vermelho debaixo do braço, na tarefa de criar uma tecnologia própria, a partir da habilidade dos seus laboriosos artesãos. Caminho que se tornou quase obrigatório quando a China rompeu com a URSS e deixou de poder contar com a tecnologia soviética.

Justo é reconhecer que os chineses conseguiram notáveis progressos numa série de domínios. Mas na maioria dos casos apenas «descobriam» por sua conta aquilo que já era conhecido noutros países menos fechados que a China ao intercâmbio mundial.

As mudanças políticas ocorridas depois da morte de Mao parecem ter colocado no Poder um grupo que dá prioridade ao desenvolvimento económico e que, segundo se julga, está a seguir a célebre palavra de ordem de Hsiao-Ping: «Não interessa saber a cor do gato, só interessa saber se caça ratos». Depois de ter conseguido, segundo tudo indica, o controlo interno do seu país, superando as lutas inevitáveis, Hua Kuo-Feng viu chegada a hora de pôr a sua linha em prática. É possível que a iniciativa de chamar a FIAT para negociar a instalação duma fábrica de automóveis seja o primeiro gesto, espectacular e significativo, da nova fase em que entrou o processo chinês.

Depois de se convencerem de que não devem continuar a perder tempo na criação duma tecnologia quando é possível adquiri-la nos mercados mundiais com grande poupança de tempo e dinheiro, os chineses tiveram que resolver o problema da fonte de tecnologia mais apropriada. Inconscientemente ou talvez por mero acaso, seguiram o exemplo da URSS, chamaram a FIAT. De facto esta empresa não só instalou uma fábrica de automóveis na URSS como subscreveu muito recentemente um acordo para construir em Ceboksary a maior fábrica de mundo em equipamentos de terraplanagem. ●

■

HOMENS DE NEGÓCIOS AMEAÇADOS NO ULSTER

Prossegue no Ulster (Irlanda do Norte) a campanha de liquidação dos homens de negócios, que havia sido anunciada no princípio de Fevereiro por um comunicado do Exército Republicano Irlandês, organização clandestina, que visa separar a província do Reino Unido. A primeira vítima foi o director da filial americana da «Du Pont de Nemours» na cidade de Londonderry.

A polícia de Belfast passou então a dispensar especial protecção aos industriais e comerciantes, mas isso não impediu que logo fosse assassinado um membro destacado da Câmara de Comércio de Belfast.

O IRA justifica esta campanha, declarando que os homens de negócios da província são os principais esteios do imperialismo britânico.

INSÓLITOS

Estamos a ver actualmente na Televisão uma série muito bem feita sobre a escravatura, e a luta, em Inglaterra, pela abolição. Mas seria, decerto, muito mais esclarecedor e importante sabre o que se passa nestes nossos civilizados dias no capítulo escravatura ou quase escravatura. Que, claro está, não se chama assim. Para que servem os eufemismos senão para maquilhar as palavras demasiado feias e cruéis e incómodas?

O presidente mexicano José Lopez Portillo reconheceu há dias a veracidade das acusações contidas num relatório elaborado pelo Segundo Congresso Nacional de Povos Indígenas e que se refere à sombria situação em que vivem os índios do México. No relatório fala-se de assínios de camponeses indígenas, principalmente nos Estados de Hidalgo, Chiapas e Puebla, de casas queimadas, destruição de propriedades e colheitas, da fome crónicaaa de que padecem as comunidades índias, analfabetas e com graves problemas de higiene, e sublinha-se que «sai mais barato aos patrões comprar um índio do que um animal». Acrescenta-se ainda, no referido relatório, que se aplicam aos indígenas «as medidas da época colonial, quando o México não era independente».

O presidente Lopez Portillo prometeu transformar o Instituto Nacional Indigenista numa organização que será o eixo do programa de desenvolvimento para os povos marginalizados.

●

Joseph James, americano de Albany, condenado à morte pelo assassínio de um polícia, acusa a sociedade em que nasceu e cresceu de ser a grande culpada de tudo o que lhe aconteceu na vida, e pretende que a sua execução seja televisionada. «Penso — declarou — que qualquer pessoa no seu juízo perfeito, não deseja morrer, mas já que a sociedade me condena, gostaria que todos pudessem ver a execução, especialmente o uso da bárbara cadeira eléctrica».

INDEPENDÊNCIA DO DJIBUTI

Realizou-se em Paris a conferência sobre a concessão de independência ao Djibuti. Os seus participantes chegaram rapidamente a um acordo. Assim, no próximo dia 24 de Abril será realizado um referendo sobre a independência e, caso esta seja aprovada, será proclamada entre 20 e 30 de Junho. A conferência reuniu os representantes do Governo francês e dos movimentos políticos e de libertação do território. Está aberto o caminho para o Djibuti tornar-se o 49.º Estado membro da Organização de Unidade Africana OUA.

■

O PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA DO SAARÁ

O primeiro aniversário da proclamação da República Árabe do Sara Democrático (R.A.S.D.) foi festejado no dia 27 de Fevereiro, num campo instalado para a circunstância, a mais de duas horas de Tinduf, nos confins mauritâneos. Estavam presentes na tribuna oficial umas cinquenta delegações «amigas», entre as quais a da Argélia, do Benin, de Madagáscar, da Coreia do Norte, do Vietname, da Líbia e da Guiné-Bissau. O P.C.F. e o P.S.U. estavam representados respectivamente por Jacques de Bonis, correspondente do **Humanité** em Budapeste, e Victor Leduc, secretário nacional, a Federação internacional dos Direitos do Homem, pelo seu secretário Daniel Payot. Várias delegações espanholas também foram dar o seu apoio à Frente Polisário.

Uns dez mil refugiados sahrauis, chegados na véspera, deram início às festividades com uma marcha muito colorida: cantos « de alegria das mulheres e cantos patrióticos dos homens, entrecortados pela palavra de ordem do 3.º Congresso da Frente Polisário: «Nem paz nem estabilidade sem independência total». A cerimónia começou com o desfraldar das bandeiras em face da tribuna, onde tinham tomado lugar os membros do Governo e do comando da Revolução, em redor de Mohamed Ablelaziz, secretário-geral da Frente Polisário.

Este presidiu depois ao desfile de um destacamento do Exército Popular de Libertação Sahraui. Uns cinquenta «landrovers» e uns vinte camions pesados (G.M.C., Berliet, Mercedes) recuperados ao «inimigo», passaram diante da tribuna por entre aplausos. Dois deles iam cheios de prisioneiros de guerra. Noutro havia sido colocado um canhão de longo alcance. Um destacamento de cem soldados de farda verde-azeitona, essencialmente armados de espingardas-metralhadores Kalachmikov e de espingardas MAS-36 seguia numa ordem impecável.

Num longo discurso, o secretário-geral da Frente Polisário, eleito em Agosto para a direcção do movimento, rejeitou de novo toda a qualquer mediação ou negociação com Marrocos ou com a Mauritânia, que não se baseasse no reconhecimento do direito do povo sahraui à independência. ●

4

Perspectivas económicas da OCDE

Disse-se que a estratégia era extremamente prudente — embora a realização, em cinco anos, de uma taxa de crescimento média de 5 por cento ou superior, acompanhada de uma baixa da taxa de inflação, estar longe de ser uma ambição medíocre. O que se esquece de referir, é que não será fácil pô-la em prática, pois se admitirmos que seria inútil querer restabelecer muito depressa o pleno emprego e a plena utilização das capacidades e que tentativas deste tipo só conseguirão reavivar a inflação e degradar ainda mais a confiança, o gradualismo também pode trazer problemas, em especial, no domínio do comportamento dos investimentos.

De um modo geral, os crescimentos económicos adquirem o impulso necessário para prosseguirem o seu ascenso (por vezes, ganhando demasiada velocidade), isto porque, após uma expansão inicial, muito intensa mas momentânea, das despesas afectadas ao consumo, ao investimento público e à formação de «stocks», o crescimento dos investimentos privados retoma o seu curso normal. Quando o volume inicial de despesas é, intencionalmente, mais fraco e a reabsorção das capacidades não utilizadas mais progressiva, o investimento pode ser menos rápido a reagir. É precisamente o que parece acontecer num grande número de países.

A apatia que revelam os investimentos deve-se provavelmente a uma falta de confiança, que pode ser explicada pelos traumatismos do período recente, o temor de novas perturbações externas e o receio de que a inflação não diminua. Mas deve-se também ao facto das medidas adoptadas pelos governos para reanimarem a economia serem, após uma recessão excepcionalmente grave, propositadamente prudentes e dos seus efeitos se terem esgotado antes das empresas terem julgado ser oportuno pôr em acção novos projectos de investimentos de grande envergadura.

Em muitos países, não se decidirão a fazê-lo antes de se ter passado um novo período de aumento da procura e da taxa de utilização das capacidades. É por isso que uma segunda injecção do poder de compra, nas zonas em que se revelar necessário, pode ser considerada como normalmente inserida no quadro da estratégia a médio prazo. ●

No próximo "Exclusivo"

TIMOR
O Vietnam da Indonésia

EXCLUSIVO
N.º 5/77